

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS

VICTOR RAONI DE ASSIS MARQUES

**SOLIDARIEDADE OU DISTANCIAMENTO: AS RELAÇÕES ENTRE O
INTEGRALISMO E O REVISIONISMO URUGUAIO NA DÉCADA DE 1930**

MARINGÁ

2014

VICTOR RAONI DE ASSIS MARQUES

**SOLIDARIEDADE OU DISTANCIAMENTO: AS RELAÇÕES ENTRE O
INTEGRALISMO E O REVISIONISMO URUGUAIO NA DÉCADA DE 1930**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História. Linha de Pesquisa: Política e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Bertonha

MARINGÁ

2014

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Marques, Victor Raoni de Assis.

Solidariedade ou distanciamento: as relações entre o
integralismo e o revisionismo uruguaio na década de 1930 /

Victor Raoni de Assis Marques. - Maringá, PR, 2014.

107 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: João Fábio Bertonha.

Dissertação (Pós-graduação) – Universidade Estadual de
Maringá.

Inclui bibliografia.

1. Integralismo – Uruguai. 2. Uruguai – Política e governo.
I. Bertonha, João Fábio. II. Universidade Estadual de Maringá.
III. Título.

CDD
320.533

VICTOR RAONI DE ASSIS MARQUES

**SOLIDARIEDADE OU DISTANCIAMENTO: AS RELAÇÕES ENTRE O
INTEGRALISMO E O REVISIONISMO URUGUAIO NA DÉCADA DE 1930**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito para obtenção do título de Mestre em História. Linha de Pesquisa: Política e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Bertonha

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Athaides
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof. Dr. Angelo Piori
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. João Fábio Bertonha
Universidade Estadual de Maringá - UEM

MARINGÁ
2014

Aos meus pais, Epaminondas e Lenilda.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à contribuição fundamental de diversas pessoas e instituições que não mediram esforços para apoiar esta empreitada e contribuíram de variadas formas para que o objetivo pudesse ser alcançado.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao professor Dr. João Fábio Bertonha, um dos maiores especialistas nesta área de estudo no Brasil, pela oportunidade, pela paciência, disposição, pelo acompanhamento e orientação ao longo desses anos.

Às equipes que trabalham no Centro de Documentação – CDO – da Universidade Estadual de Maringá, na Biblioteca Nacional da Argentina, em Buenos Aires, e Biblioteca Nacional do Uruguai, em Montevideo, que de forma muito prestativa sempre estiveram prontos para ajudar na busca pelas informações desejadas. Estendo este agradecimento aos funcionários da Biblioteca da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidad de la Republica, também na capital uruguaia.

Aos professores uruguayos Ana Frega, Tomas Sansón Corbo e Clara Aldrigui pela gentil acolhida em Montevideo e pela disposição e paciência em ajudar, inclusive na indicação de importante bibliografia. Ao casal de generosos amigos uruguayos, Letícia Lorier e Alberto Toto Blanco, que foram muito importantes na estadia na capital uruguaia e também contribuíram muito para que fosse possível ter acesso a uma relevante parte do acervo necessário para a conclusão da pesquisa.

À Fundação Araucária de Apoio a Pesquisa no Estado do Paraná pelo financiamento do projeto “O Integralismo Brasileiro e o Cone Sul: relações transnacionais e rivalidades políticas” que me proporcionou viajar a Argentina e Uruguai na busca por fontes da pesquisa, algo fundamental.

A minha família que sempre me apoiou em todos os desafios e que tem o meu enorme agradecimento e reconhecimento. A minha mãe Lenilda de Assis, meu pai Epaminondas Araújo Marques e meus irmãos, Raisia Marques, Darwin de Assis e Dennis de Assis. À historiadora Raisia Marques um agradecimento especial por ter contribuído de forma imperativa para a minha formação. Aproveito para estender meu agradecimento ao amigo e historiador em formação, Rovilson Portela, um grande incentivador.

Certamente não poderia faltar o agradecimento a pesquisadora, historiadora e companheira de todas as horas, Daniela Moraes de Almeida, que contribuiu de forma *sine qua non* para que este trabalho fosse concluído.

A todos vocês o meu sincero muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho analisa as relações estabelecidas entre a Ação Integralista Brasileira (AIB) e grupos de extrema-direita constituídos na República Oriental do Uruguai, especialmente a Acción Revisionista del Uruguay (ARU), que foi o movimento que manteve maior contato explícito com os integralistas. Neste intuito, utilizamos o jornal *A Offensiva*, editado pela AIB, e a revista *Corporaciones*, que se tornou o órgão oficial da ARU, como instrumentos privilegiados para este exame. No bojo desta análise, conhecemos um pouco sobre o cenário e os atores que são protagonistas deste estudo e também sobre os instrumentos utilizados por esta pesquisa para captar estes diálogos. Com o objetivo de traçar qual era o teor deste relacionamento, principalmente no sentido de procurar elucidar se houve maior afinidade do que distanciamento, esperamos contribuir para o melhor conhecimento das relações desenvolvidas no âmbito da extrema-direita regional.

Palavras-chave: Ação Integralista Brasileira, Integralismo, Acción Revisionista Del Uruguay, revisionismo, Cone Sul, fascismo, extrema-direita, Imprensa

ABSTRACT

This paper analyzes the relations between Ação Integralista Brasileira (AIB) and far-right groups consisting Eastern Republic of Uruguay, especially Revisionista del Uruguay (ARU), which was the movement that kept most explicit contact with integralism. With this objective, it was used the newspaper *A Offensiva*, edited by AIB and *Corporaciones* magazine, that became the official organ of the ARU, as privileged instruments for this analysis. At the core of this research, knowing a little about the scene and the actors that are the protagonists of this study and the instruments used in this research to capture these dialogues. In order to keep track of the contents of this relationship, especially in the sense to clarify if there were higher affinity than distance, hopefully to contribute to a better understanding of the developed relations in regional far-right.

Keywords: Ação Integralista Brasileira, Integralism, Acción Revisionista del Uruguay, revisionism, Cone Sul, fascism, far-right, press.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Charge de Teodomiro Varela de Andrade.	47
Imagem 2 – Capa do primeiro número do jornal <i>A Offensiva</i>	61
Imagem 3 – última edição do jornal <i>A Offensiva</i>	67
Imagem 4 – Presidente Gabriel Terra sendo homenageado por <i>Corporaciones</i>	73
Imagem 5 – Capa do último número da revista <i>Corporaciones</i>	75
Imagem 6 – Revista <i>Corporaciones</i> com grande número de textos sobre o Integralismo.	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CENÁRIO E OS ATORES.....	18
1.1 O CENÁRIO	18
1.2 O CENÁRIO BRASILEIRO	22
1.3 O CENÁRIO URUGUAIO	27
1.4 OS ATORES	34
1.5 OS ATORES ENTRAM EM CENA NO BRASIL – O INTEGRALISMO	39
1.6 OS ATORES ENTRAM EM CENA – A ACCIÓN REVISIONISTA DEL URUGUAY	44
2 OS INSTRUMENTOS DE DIÁLOGO: OS PERIÓDICOS BRASILEIROS E URUGUAIOS.....	55
2.1 OS INSTRUMENTOS DE DIÁLOGO NO BRASIL: A <i>OFFENSIVA</i>	60
2.2 OS INSTRUMENTOS DE DIÁLOGO NO URUGUAI: <i>CORPORACIONES</i> E OUTROS PERIÓDICOS.....	67
2.2.1 <i>CORPORACIONES</i> : REVISTA DE CIÊNCIA ECONOMICAS, POLÍTICAS Y SOCIALES.	71
3 OS ATORES CONTRACENAM: OS DIÁLOGOS ENTRE O INTEGRALISMO E OS REVISIONISTAS URUGUAIOS	77
3.1 O PROBLEMA DA RELAÇÃO ENTRE MOVIMENTOS NACIONALISTAS: O EXEMPLO DA INTERNACIONAL FASCISTA	77
3.2 A ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E A ACCIÓN REVISIONISTA DEL URUGUAY.....	80
3.2.1 O ROTEIRO BRASILEIRO: OS CORPORATIVISTAS URUGUAIOS NO JORNAL A <i>OFFENSIVA</i>	82
3.2.2 O ROTEIRO URUGUAIO: O INTEGRALISMO NA REVISTA <i>CORPORACIONES</i>	87
3.3 ENTRE DIFERENÇAS E SIMILITUDES: EXISTIU SOLIDARIEDADE OU CONCORRÊNCIA?.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, uma nova ordem começou a se instalar em grande parte do planeta. As décadas que se seguiram ao conflito derrubaram algumas das convicções políticas, econômicas e sociais mais sólidas que prevaleciam até então. O período conhecido historicamente como entre guerras, sem dúvida, foi um momento impar na história da humanidade e é neste período histórico que está inserido a esta pesquisa.

A conjuntura mundial se transformou de forma impressionante da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) em diante. Os anos dourados do liberalismo, enquanto principal teoria econômica mundial, se deterioravam na mesma rapidez com que as relações diplomáticas entre as principais potências europeias seguiam o mesmo destino. A ascensão de movimentos fascistas na Itália e posteriormente na Alemanha elevou o nível de tensão mundial e deixou o cenário internacional ainda mais complexo. A quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, contribuiu para o crescimento de movimentos nacionalistas em todo o planeta e inclusive na ascensão de Hitler na Alemanha. Foi, sem dúvida, um marco, contribuindo para aumentar a desconfiança no liberalismo e diminuindo drasticamente às relações comerciais entre as nações.

Em fins do século XIX, anteriormente aos fatos determinantes que desencadearam a Primeira Guerra Mundial, o sentimento repulsivo à cultura política iluminista, com rejeição a fundamentos do materialismo, que vão além da política econômica liberal, já vinha sendo gestado. Essa linha de pensamento é defendida por Robert Paxton, que em sua obra *Anatomia do Fascismo*, busca compreender as origens deste fenômeno histórico:

As precondições mais profundas do fascismo residem na revolta de fins do século XIX contra a fé liberal na liberdade individual, na razão, na harmonia humana natural e no progresso. Bem antes de 1914, valores antiliberais haviam entrado na moda, tais como o nacionalismo, o racismo e uma nova estética do instinto e da violência, que então passaram a fornecer o húmus intelectual e cultural no qual o fascismo pode germinar (PAXTON, 2007, p. 64).

Todas estas transformações e conturbações, oriundas do contexto gerado pela Primeira Guerra Mundial, e mesmo antes dela, obtiveram ainda maior alcance com a quebra da Bolsa em 1929. Este acontecimento, que retomaremos no capítulo 1, gerou mudanças em grande parte do planeta, sendo este sim um evento verdadeiramente mundial, como define o historiador Eric Hobsbawm:

A Primeira Guerra Mundial devastou apenas partes do Velho Mundo, sobretudo na Europa. (...). Mas a Primeira Guerra foi seguida por um tipo de colapso verdadeiramente mundial, sentido pelo menos em todos os lugares em que homens e mulheres se envolviam ou faziam uso de transações impessoais de mercado. (...). Em suma, entre as guerras a economia mundial capitalista pareceu desmoronar. Ninguém sabia exatamente como recuperá-la (HOBSBAWM, 1997, p. 91).

A América Latina não ficou imune aos efeitos da Grande Depressão e da ascensão da direita. Profundamente ligada às ideologias europeias, o continente americano foi terreno fértil para a proliferação do pensamento fascista, bem como de movimentos antissemitas, antiliberais e nacionalistas de diversos matizes.

Não apenas os movimentos de direita foram influenciados ou tiveram afeição pelos regimes fascistas europeus. Lideranças importantes e governantes declararam sua admiração por estes regimes, como defende Hobsbawm:

Na América Latina é que a influência fascista européia foi aberta e reconhecida, tanto em políticos individuais, como Jorge Eliezer Gaitán da Colômbia (1898-1948) e Juan Domingo Perón da Argentina (1895-1974), quanto em regimes, como o Estado Novo de Getúlio Vargas, de 1937 a 1945, no Brasil (HOBSBAWM, 1997, p. 136).

Diversos governos, portanto, aproveitaram a popularidade das conquistas sociais alemãs para se mostrarem próximos a estes regimes nos anos de 1930, antes do início do conflito mundial e das notícias das atrocidades cometidas nos campos de concentração nazistas. Entre estes governos estão o de Getúlio Vargas no Brasil (1930-1945) e de Gabriel Terra no Uruguai (1931-1938), países que são o foco desta pesquisa.

As consequências destes acontecimentos históricos foram sentidas fortemente na América Latina. Apesar de não experimentar os efeitos mais terríveis do conflito, a Primeira Guerra Mundial modificou o equilíbrio de forças e de influência sobre o Sul do continente americano. O início e o desenvolvimento da guerra fizeram com que as potências europeias se distanciassem deste continente, abrindo espaço para a expansão econômica e política do gigante do norte, os Estados Unidos. Foi no bojo da Primeira Grande Guerra que os Estados Unidos aumentaram consideravelmente sua influência na região, laços estes que trariam consequências mais adiante.

No entanto, a Primeira Guerra também trouxe benefícios para alguns setores das elites sul-americanas, em especial, a elite uruguaia, que viu os preços relacionados à carne e lã

voltarem a subir depois de algum tempo em certa depressão, como afirmam os pesquisadores argentinos Eduardo Madrid e Mario Rapoport, no livro *História do Cone Sul*:

A I Guerra Mundial permitiu reverter os preços deprimidos de lã e carnes uruguaias no mercado internacional e a neutralidade desse país, proclamada em 1914, se transformou, quase no final do conflito, em um alinhamento com os Estados Unidos e o lobo franco-britânico (CERVO; RAPOPORT, 1998, p. 256 e 257).

Após o fim do conflito mundial a Inglaterra havia perdido boa parte da sua influência sobre a região, enquanto a ascensão estadunidense se mostrou clara, sobretudo no aspecto econômico. Durante a década de 1920, esse movimento foi se completando com a aproximação dos laços políticos, através de uma série de políticas que tinham como objetivo aumentar, ainda mais, a participação do grande país do Norte na política interna dos Estados Sul-americanos (CERVO; RAPOPORT, 1998).

Foi nessa conjuntura de ascensão de investimentos e de transações entre os Estados Unidos e a América Latina que aconteceu a, já citada, Quebra da Bolsa de 1929. Este acontecimento modificou o quadro entre os países, transformando mais uma vez o panorama econômico e político, enfraquecendo as trocas comerciais com o aumento do protecionismo.

As grandes potências nos anos 1930 iniciaram uma intensa disputa por espaço na região, disputa esta, liderada, é claro, pelos Estados Unidos, mas que manteve a Grã-Bretanha com alguma influência no comércio, principalmente com Argentina e Uruguai, através de acordos bilaterais envolvendo prioritariamente a comercialização de carne (CERVO; RAPOPORT, 1998). No entanto, a principal novidade foi a presença da ressurgida Alemanha nesta disputa, impulsionada pelo grande número de imigrantes que habitavam a região. A ascensão do regime de Hitler na Alemanha fez com que este país aumentasse os esforços para manter relações com a América Latina.

As autoridades alemãs desencadearam na região uma agressiva campanha de vendas, lançada em 1934 e disciplinada segundo as necessidades de rearmamento de Hitler, quer dizer, planejada para maximizar as importações de matérias-primas críticas e as exportações de manufaturados (...) (CERVO; RAPOPORT, 1998, p. 261).

Portanto, a conjuntura mundial dos anos 1920 e 1930 caminhou para a ascensão de governos de direita de diversos matizes em várias partes do mundo. A disputa entre as potências, em decadência ou ascensão, também foi uma marca do período.

A América Latina, na década de 1930, também vivenciou importantes mudanças, relacionadas aos governos locais. Vários países viram seus regimes políticos naufragarem, para que uma nova ordem fosse estabelecida. Entretanto, os novos governos instalados na região, não estavam ligados à esquerda, e sim a direita política, corroborando com o que se seguia em outras regiões do planeta.

No entanto, no caso da presente pesquisa, o foco não é a América Latina como um todo, mas dois casos específicos, o Brasil e o Uruguai. A década de 1930 também foi intensa nestes dois países e rica no aparecimento de grupos de cunho fascista. No Brasil, o principal e hegemônico grupo foi a Ação Integralista Brasileira – AIB -, que de acordo com vários autores, como João Fábio Bertonha e Héliqo Trindade, é considerado o maior partido de caráter fascista fora da Europa. Um partido de massa que reuniu centenas de milhares de pessoas por todo o território nacional. O governo brasileiro também acabou por se encaminhar a uma ditadura conservadora, período conhecido como o Estado Novo varguista.

No Uruguai também surgiram movimentos nacionalistas com viés de direita, alguns de cunho fascista, entretanto, de menor alcance no tocante ao número de membros e à sua participação efetiva na vida política nacional. Entre estes grupos, está a Acción Revisionista del Uruguay, considerado por alguns historiadores, entre eles Clara Aldrigui, como o principal destes movimentos.

A República Oriental do Uruguai, especificamente, também viveu, dentro deste contexto internacional, um momento de agitação interna, fruto de causas endógenas e exógenas. O país, com uma tradição democrática liberal mais consolidada do que o Brasil, sofreu uma quebra constitucional em março de 1933, liderada pelo então Presidente eleito Gabriel Terra.

O período entre 1933 e 1938 ficou conhecido como a Ditadura Terra, momento este em que os movimentos da direita política obtiveram maior campo para atuação. Terra nutria sentimentos amistosos para com os governos da Itália e da Alemanha, o que segundo Giannina Navarro (2008), levou a uma política externa Terrista mais próxima da Alemanha do que dos Estados Unidos durante este período.

A historiografia destes dois países, em maior ou menor grau, já produziu significativos trabalhos sobre os movimentos fascistas, contudo, essas pesquisas têm um foco claro: o âmbito nacional. Há um tópico, portanto, em que uma lacuna se torna aparente: a visão de um movimento sobre o outro. Pouco se sabe sobre como os vários grupos se avaliavam e se relacionavam e o tema é mais do que relevante para se conhecer a história da extrema-direita regional.

Portanto, o olhar proposto por esta pesquisa é o diálogo internacional desenvolvido entre o Integralismo e os movimentos de nacionalistas de direita no Uruguai, em especial, com a Acción Revisionista del Uruguay e a revista *Corporaciones*. Assim, trabalharemos com o estudo e análise das páginas do jornal *A Offensiva* e da já citada publicação uruguaia, na década de 1930. Também analisaremos outros periódicos uruguaiois de movimentos considerados pró-fascistas ou fascistas, em busca de responder algumas questões, para melhor compreensão do relacionamento destas organizações, por exemplo: como era a visão de um sobre o outro? Quais eram as linhas que os aproximavam e os separavam? Qual era o nível de solidariedade e disputa que estes movimentos mantinham?

Neste sentido, cabe aqui, um esclarecimento: porque o Uruguai? Essa pergunta é muito importante para que se tenha maior compreensão do estudo. Em primeiro lugar, existem poucos estudos sobre estes movimentos uruguaiois. A maioria das pesquisas sobre este período de Ditadura no país realiza um recorte temático que centra o trabalho sobre os partidos tradicionais, ou seja, os conservadores que chegaram ao poder ou participam da política uruguaia dentro do sistema de partidos tradicionalmente constituído. Dentro desses estudos, há breves trabalhos ou relatos sobre a extrema direita política. Apenas essa razão já seria suficiente para traçar um trabalho sobre o assunto. No entanto, existem outros fatores que também são fundamentais, por exemplo, a proximidade do Uruguai com o Sul do Brasil, algo que oferece uma boa chance de comparação e é motivo de estímulo, pois é um país que faz fronteira com o Brasil e ainda é pouco estudado pela historiografia brasileira.

Este trabalho também faz parte de uma preocupação maior de entender as relações do Integralismo com a América do Sul. Hoje há uma considerável produção sobre o movimento e até mesmo sobre suas relações com o fascismo italiano e o nazismo alemão. Contudo, sabe-se pouco sobre as conexões do movimento brasileiro com seus vizinhos do Cone Sul. Assim, esta pesquisa está inserida em um contexto maior de trabalhos sobre o Integralismo e o Cone Sul, sendo o Uruguai, um dos capítulos desta história.

Neste contexto é interessante trazer ao debate um pouco sobre a metodologia da história transnacional, que empregamos para a construção desta dissertação. Acreditamos ser imperativo discorrer, mesmo que de forma muito breve, sobre este assunto, para melhor entendimento do trabalho e também por ser um aporte teórico relativamente recente.

A história transnacional tem como objetivo transcender as fronteiras nacionais em busca de romper as dificuldades impostas pelo isolamento das historiografias no âmbito nacional. Com o objetivo de reconstruir a história da extrema-direita regional, através de seus diálogos, superando essa lacuna nesta historiografia específica, julgamos ser a abordagem da

história transnacional muito útil para esse intento. João Fábio Bertonha é um dos defensores desta abordagem para trabalhar temas como o fascismo:

(...) estou convencido de que a história transnacional é uma abordagem de extrema utilidade para a abordagem de temas como o fascismo internacional e a imigração e que ela fornece um excelente método para a renovação de vários campos da História (BERTONHA, 2008, p. 165).

A historiadora Barbara Weinstein também é uma defensora da abordagem transnacional para diversos estudos, principalmente no uso pelos historiadores da América Latina, que estariam abrindo diversas novas perspectivas utilizando este viés. Weinstein defende que esta abordagem surgiu na América Latina, mas que rapidamente ultrapassou os marcos desta região. Para a autora o enfoque transnacional não suprime a nação, como faz, por exemplo, o conceito de globalização. (WEINSTEIN, 2013).

Diferente do conceito da globalização, um conceito que supõe o declínio da nação e que é, do meu ponto de vista, profundamente comprometido com o neoliberalismo, os estudos transnacionais geralmente reconhecem a persistência da nação como uma principal esfera da política, da economia e da cultura. De um lado, isto permite uma maior atenção aos processos, às redes e aos fenômenos de todo o tipo que atravessam a fronteira da nação sem implicar a homogeneização. De outro lado, o transnacional nos permite ir além da identificação de particularidades ou especificidades num contexto nacional (WEINSTEIN, 2013, p. 26).

Contudo, cuidados devem ser tomados e ressalvas devem ser feitas, como a dificuldade em analisar realidades muito divergentes ou estabelecer escalas que não são aceitáveis. Dentro do nosso estudo, porém, a história transnacional é de grande valia, pois nos permite articular um fenômeno que teve implicações globais como o fascismo dentro da perspectiva dos acontecimentos no Brasil e no Uruguai.

Em boa medida, é importante que se frise, também recorreremos nesta pesquisa a recursos da história comparativa, metodologia esta, já mais conhecida entre os historiadores. Acreditamos que com esse enfoque podemos contribuir para expandir o leque de possibilidades de análise, identificando as linhas marcantes de processos históricos relevantes. Entretanto, algumas questões devem ser feitas antes de estabelecermos um paralelo, sob pena de realizarmos comparações que não são justificáveis ou aceitáveis. Neste sentido, João Fábio Bertonha elenca uma série de preocupações como: o que se pode comparar, qual o método de comparação válido e qual o limite para a aceitação para o estabelecimento de uma analogia, entre outras. Estas preocupações igualmente norteiam este projeto.

É importante destacar também, ainda dentro desta introdução, que apesar de diversos autores não utilizarem a dicotomia direita e esquerda no trato deste assunto, repelindo a utilização do termo direita para os movimentos e partidos fascistas, reiteramos a importância da utilização do conceito por acreditarmos ainda ser o mais adequado.

Em que pese que o fascismo, enquanto ideologia política, tenha sido criado no século XX, de certa forma como uma reação aos valores expressos em outras formas de pensamento já enraizadas, como liberalismo e socialismo, filhos do Iluminismo (PAXTON, 2007), não compartilhamos da ideia de que o fascismo tenha superado a dicotomia direita e esquerda, partilhando então do mesmo pensamento de João Fábio Bertonha (BERTONHA, 2013).

Com as preocupações de não cometer anacronismos, de simplificar o conceito de “direita” como se fosse algo completamente definido e de cair em usos ortodoxos do termo, entendemos, para os fins aqui apresentados, que o próprio conceito passou por mudanças de significações durante os mais de dois séculos em que vem sendo empregado, com bandeiras diferentes ao passar deste tempo, mantendo um fio condutor que o diferencia: a disputa entre igualdade e desigualdade, ou seja, como define o cientista político italiano, Norberto Bobbio: “direita e esquerda não são conceitos absolutos mas historicamente relativos” (BOBBIO, 2001, p. 97). É extremamente relevante que fique claro que entendemos estes conceitos enquanto posições filosóficas, não havendo uma interligação simplista com democracia e ditadura, por exemplo.

Nesta linha, Bobbio argumenta sobre a dicotomia igualdade e desigualdade como forma de diferenciação entre esquerda e direita:

Por isso, podem ser corretamente chamados de igualitários aqueles que, ainda que não ignorando que os homens são tão iguais quando desiguais, apreciam de modo especial e consideram mais importante para a boa convivência aquilo que os une; podem ser chamados de desigualitários, ao contrário, aqueles que, partindo do mesmo juízo do fato, apreciam e consideram mais importante, para fundar uma boa convivência, a diversidade (BOBBIO, 2001, p. 120).

Ainda neste sentido, mantendo-se na conceituação de Bobbio sobre o assunto, o termo extrema-direita é utilizado para caracterizar movimentos que estão mais distantes do conceito de igualdade. Assim, quanto mais afastado deste conceito, mais tendemos a classificar os movimentos ou partidos utilizando este termo. É importante salientar também, no que tange ao uso de extrema-direita neste trabalho, que o fascismo foi apenas uma das formas expressadas dentro desta orientação política. Outros agrupamentos políticos, como os

ultraconservadores, também podem ser classificados como extrema-direita, se levarmos em consideração a proposta de conceituação aqui apresentada.

Isto posto, dividirei esse trabalho em três capítulos para um melhor entendimento da pesquisa. No primeiro capítulo, discorrerei sobre o cenário e os atores principais deste estudo, ou seja, o Integralismo e a Acción Revisionista del Uruguay. Quem eram seus líderes, quais eram seus objetivos? Quem foram esses atores políticos, como se comportaram e o que defendiam? Nesse capítulo, também trabalharemos brevemente o conceito de fascismo adotado nesta dissertação, bem como a conjuntura política que os dois países se encontravam, principalmente a do Uruguai, menos conhecida entre os brasileiros.

No segundo capítulo, discorreremos sobre os mecanismos de diálogo, através dos quais estes grupos mantinham contato. A intenção é fazer um breve apanhado sobre os periódicos dos movimentos para entendermos com que tipos de publicação estes grupos trabalhavam.

No terceiro e último capítulo abriremos espaço para a discussão sobre o diálogo observado nestes periódicos e a visão que estes movimentos mantinham um sobre o outro. Havia algum tipo de desconfiança? A solidariedade fascista era superior ao sentimento nacionalista exacerbado que estes movimentos tinham e que é a característica mais dialética do relacionamento internacional destes grupos? Esses, portanto, são os questionamentos que serão trabalhados nesta pesquisa, que está embasada em um volume considerável de fontes primárias pesquisadas tanto no Brasil, quanto no Uruguai, bem como na historiografia produzida nestes dois países.

1 O CENÁRIO E OS ATORES

1.1 O Cenário

Para iniciarmos a discussão proposta por este trabalho de pesquisa, julgamos ser necessária uma breve análise do contexto histórico do período em questão, principalmente dos países envolvidos, a saber, Brasil e Uruguai. Entendemos como necessário este exercício, mesmo que em linhas gerais, para que seja possível compreender o surgimento e crescimento dos movimentos nacionalistas uruguaios e da Ação Integralista Brasileira. Queremos ultrapassar a lógica de que foram meras reproduções das experiências europeias e que também são fruto das conjunturas internas destes países.

Os anos que separaram a Primeira da Segunda Guerra Mundial assistiram a uma clara guinada política à direita, como afirma Eric Hobsbawm: “Nos 20 anos de enfraquecimento do liberalismo nem um único regime que pudesse ser chamado de liberal-democrático foi derrubado pela esquerda” (HOBSBAWM, 1997, p. 116). A democracia liberal, até então dominante na prática cotidiana dos ideólogos políticos de grande parte do mundo ocidental, começou a ser atacada e definhou em importantes países deste hemisfério.

Assim, o mundo pós-Primeira Guerra era consideravelmente diferente do período anterior. A Europa devastada e com sérios problemas, viu a insurgência de diversas agitações políticas e sociais e também de questionamentos em relação aos destinos dos países. Esse contexto contribuiu, sobremaneira, para o surgimento de movimentos de extrema-direita e posteriormente para a ascensão das ditaduras fascistas no continente.

Além da grande influência da Primeira Guerra Mundial no contexto aqui estudado, é extremamente necessário compreender o impacto político, ideológico e econômico gerado pela Grande Depressão. Hobsbawm afirma ser imprescindível para conhecer a história do século passado que se compreenda os acontecimentos econômicos de 1929-1933 (HOBSBAWM, 1997).

O colapso da Bolsa de valores de Nova York em 1929 teve profundos impactos econômicos e também políticos no mundo. O próprio aprofundamento da descrença no liberalismo enquanto teoria econômica é um destes desdobramentos. Neste sentido, o desgaste desta teoria não ficou apenas neste campo econômico, ou seja, transferiu-se também para o mundo político e social. O sistema político com base no liberalismo perdia fôlego junto com a falta de respostas aos problemas pelos quais passavam muitos países.

Neste cenário de crise econômica e de revanchismo que existia por parte dos derrotados da Primeira Guerra Mundial é que se travava a luta política nos países da Europa, luta esta que ganhava novas cores na América do Sul, profundamente influenciada pelas ideologias europeias.

Contudo, antes de adentrarmos na questão da ascensão dos Estados e movimentos de cunho fascista pós-quebra da Bolsa, é necessário pontuar que já existia antes desse acontecimento um país comandado por um partido fascista: a Itália de Mussolini, o local do surgimento desta ideologia. Foi em 1922 que o Partito Nazionale Fascista chegou ao poder, permanecendo até a Segunda Guerra Mundial. Este apontamento é importante, porque nos ajuda a perceber que após a Primeira Guerra Mundial a ascensão da direita mais radical também pode ser entendida como resposta a uma realidade que já estava posta: o comunismo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, no campo oposto da política defendida pelo Fascismo italiano.

Embora ambos refutassem o liberalismo, as concepções políticas e econômicas eram diametralmente opostas. Assim, o medo de que a Revolução social se espalhasse foi mais um importante combustível para o aumento da luta política e da radicalização da direita. Tudo isso sob o impacto de uma Grande Guerra que contribuiu para brutalizar milhões de pessoas com horrores vistos tão de perto.

Esse apontamento nos mostra que a quebra da Bolsa foi importante para amplificar o pensamento de correntes fascistas pelo mundo, mas de forma alguma foi a sua criadora. Nem tão pouco foi a originária dos movimentos que podemos enquadrar no conceito de fascismo, conceito este que discorrerei brevemente neste capítulo.

É necessário, contudo, fazer a ressalva de que não foram apenas os movimentos fascistas os únicos a questionar os regimes liberal-democráticos. Havia outros movimentos de direita, conservadores, autoritários e antiliberais que não estão entre aqueles pelos quais conhecemos como fascismo.

Todavia, mesmo não sendo o Crash de 1929 o criador dos grupos fascistas, foi a partir dele que estes movimentos começaram a ser vistos como uma alternativa para contrapor a Revolução Social. Foi também pela grande influência que este acontecimento exerceu na conjuntura deste período que Adolf Hitler aumentou suas possibilidades de subir ao poder. Sua vitória na Alemanha é um acontecimento determinante para a “internacionalização” do fascismo, colocando esta doutrina como uma alternativa real aos problemas enfrentados pelo mundo ocidental. De fato, isso se deu porque a Alemanha tinha um papel superior ao da Itália na política internacional, e também era o único país, já sob o comando nazista, que havia

erradicado o desemprego, algo que parecia incrível para outros países que passavam por dificuldades. Esse fator gerava um alto potencial propagandístico ao regime. Assim sendo, a Alemanha teve papel preponderante para que o fascismo tivesse impacto fora da Europa, fazendo com que “governantes reacionários não fascistas {tivessem} se dado ao trabalho de posar de simpatizantes fascistas” (HOBSBAWM, 1997, p. 120).

Então, é possível notar que a tragédia econômica abalou profundamente a disputa política, fazendo com que o fascismo pudesse postular a posição de regime político que conseguia reverter o quadro caótico que diversos países viviam, mobilizando as massas para implementação desse projeto.

A ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha, então, fez com que este modelo ganhasse ampla visibilidade, contrastando com o comunismo soviético e com a socialdemocracia. A Itália, embora progenitora do nome e de ser o primeiro país a ser governado por um partido fascista, não conseguia ter tamanho destaque, principalmente devido à Alemanha ser o principal país da Europa em termos econômicos e geopolíticos. A Itália, no entanto, sempre buscou propagandear o seu regime, fazendo contato com diversos movimentos por todo o mundo e, inclusive, financiando alguns deles. A Alemanha também o fazia, mas algumas das características do nacional-socialismo impediam uma solidariedade mais efetiva entre o Partido Nazista e movimentos como o Integralismo. Contudo, isso não significa que não havia relações entre estes grupos. Essas relações entre o Integralismo e os Partidos Nazista alemão e Fascista italiano já acumulam uma importante gama de estudos que nos apontam para uma relação amistosa, principalmente com a vertente italiana.

Embora os Estados Unidos procurassem aumentar sua influência política e econômica no sul do continente americano, ideologicamente, a região ainda mantinha fortes laços com os pensadores da Europa. O Velho Continente, que nesse período, assistiu a ascensão de movimentos e governos de cunho fascista, buscou adeptos na América do Sul, como no caso específico do Uruguai. Assim, de acordo com a historiadora uruguaia María Magdalena Camou:

La influencia ideológica y política de la corriente fascista y nacional-socialista europea en América Latina comienza ya a fines de la década del veinte, especialmente acentuada a partir de la crisis de 1929. Con la instalación del nacional-socialismo en el poder en 1933, ésta adquirirá otro carácter. Alemania se presenta, por lo menos a nivel de las expectativas, con un posible rival para el ya desgastado imperialismo inglés y especialmente en el Cono Sur para la dominación aún no consolidada del imperialismo norteamericano. Esta imagen fue abonada con medidas concretas del Reich tendiente a estrechar sus vínculos comerciales, políticos y culturales con

América Latina en la búsqueda de posibles aliados para la ya entrevista confrontación mundial (CAMOU, 1988, p. 1).

As grandes colônias de imigrantes italianos e alemães contribuíram neste processo, como é possível perceber, por exemplo, com o aparecimento do Partido Nazista Uruguaio em 1931, dois anos antes de Hitler ascender ao poder na Alemanha. Esses movimentos atingiram, em primeiro lugar, as coletividades de imigrantes, como a italiana, a alemã, parte da espanhola e portuguesa. Contudo, não foram apenas sucursais do fascismo europeu que se estabeleceram na América do Sul. Movimentos fascistas com origens locais também se desenvolveram, em alguns países com mais sucesso do que em outros, e em inúmeros casos, inclusive, rivalizaram com partidos fascistas e nazistas de colônias de imigrantes.

Assim, como vimos até aqui, a década de 1930 foi um período conturbado e de extremas transformações em todo o mundo. Essa realidade não foi diferente no Brasil e no Uruguai. Estas duas repúblicas sul-americanas viveram transformações sociais, em maior ou menor grau, que modificaram o sistema político e abriram espaço para outros grupos que até então não faziam parte do cenário.

Nesse contexto é importante perceber que há evidências também de uma boa relação entre os governos do Brasil e do Uruguai. Em 1931, os dois países selaram um acordo alfandegário. Em meados da década de trinta o Presidente Getúlio Vargas visitou o Uruguai e o Presidente Gabriel Terra visitou o Brasil. Essas visitas e acordos, além dos interesses econômicos, “também expressava a convergência política quanto às práticas autoritárias e centralizadoras adotadas pelos dois governos” (RANGEL, 2005, p. 4).

Nesse sentido, até que ponto o golpe de Estado de 1933 no Uruguai, as políticas conservadoras do governo Terra, a sua aproximação com os governos fascistas europeus, o antissemitismo presente em setores da sociedade uruguaia influenciaram na organização e expansão dos movimentos fascistas e antifascistas no país? Em relação ao Brasil, até que ponto o governo influenciou na presença de movimentos fascistas no país, tanto nacionais, quanto de colônias alemãs e italianas? No que diz respeito às comunidades italianas nos dois países, Bertonha aponta que o antifascismo teve maior êxito no Uruguai do que no Brasil, devido a alguns fatores, como o tipo de imigração e a cultura política naquele país (BERTONHA, 2008). Mesmo assim, as ações do governo do Presidente Terra parecem apontar para uma perspectiva que, em sua administração, os movimentos fascistas tiveram bastante liberdade para se organizar.

1.2 O Cenário Brasileiro

Nas primeiras décadas do século XX, principalmente a partir da década de 1920, o Brasil começou a passar por mudanças que alteraram o cenário político e social no país. O acordo entre as principais oligarquias estaduais do Brasil perdia folego, fruto de diversos fatores tanto internos quanto externos. José Murilo de Carvalho avalia que entre os fatores externos podemos elencar a Grande Guerra, a Revolução Russa e a Quebra da Bolsa de Nova York. Já entre os internos, aponta-se, entre outros, as revoltas tenentistas, a Coluna Prestes e a Semana da Arte Moderna de 1922 (CARVALHO, 2004).

O Brasil iniciou a década de 1930 com uma importante mudança no governo central da república, com a Revolução de 30. O movimento que levou Getúlio Vargas a presidência da República teve grandes repercussões e modificou o cenário político brasileiro com o desalojamento da oligarquia paulista do centro do poder.

Este evento é apontado por Bóris Fausto (2001) como um dos marcos divisores do autoritarismo no Brasil. Após a revolução de 1930, o pensamento autoritário no país ganhou mais adeptos e grande visibilidade, corroborando com o momento internacional em que este pensamento estava em grande ascensão. Além da Revolução de 30, o mesmo autor aponta a Grande Depressão como o outro evento desencadeador desse novo momento do autoritarismo, pensamento este que esteve em maturação durante toda a década de 1920, influenciando pensadores que, inclusive, anos mais tarde, iriam se unir em torno da Ação Integralista Brasileira.

É claro que aqui não é o espaço para uma profunda análise sobre a complexa conjuntura nacional que levou Getúlio Vargas a presidência do país. O objetivo desta reflexão está centrada em perceber o quanto o cenário político e social no Brasil esteve conturbado neste período.

A emergência de Vargas ao poder consolidou o Estado como principal agente na sociedade brasileira, buscando uma política de unidade nacional e de enfraquecimento do poder local. A palavra de ordem no governo brasileiro era a modernização. Este traço modernizante é uma das possíveis características que separam o governo Vargas dos Integralistas, que tem na recorrência ao passado um traço determinante em sua ideologia. Neste sentido, Bertonha afirma:

O encanto fascista pelo passado é, com certeza, um traço importante na sua ideologia e que o faz diferir de ditaduras modernizantes, como a do Estado

Novo do Brasil, cujos vínculos com um passado idealizado eram não inexistentes, mas menores (BERTONHA, 2009, p.4).

Contudo, é importante ressaltar que, no caso da AIB, a recorrência ao passado da nação pode ser mais um artifício discursivo com viés ideológico do que propriamente uma ideia defendida na prática. Em certos momentos a Ação Integralista Brasileira defendeu certa modernização, principalmente no campo técnico, desde que respeitada a nação como principal motivo para tal emprego. Entretanto, o fato dos Integralistas não terem chegado ao poder não nos permite aprofundar essa questão com base em uma comparação mais verossímil.

O período que se sucedeu à ascensão de Vargas ao poder provocou grandes transformações, tanto sob o aspecto social quanto político. No aspecto político, Murilo de Carvalho aponta uma evolução mais complexa com alternâncias do caráter do governo de Getúlio Vargas no período compreendido entre 1930 e 1945:

Os direitos políticos tiveram evolução mais complexa. O país entrou em fase de instabilidade, alternando-se ditaduras e regimes democráticos. A fase propriamente revolucionária durou até 1934, quando a assembléia constituinte votou nova Constituição e elegeu Vargas presidente. Em 1937, o golpe de Vargas, apoiado pelos militares, inaugurou um período ditatorial que durou até 1945 (CARVALHO, 2004, p. 87).

Após a Revolução de 1930, o pensamento autoritário, que já estava presente na década de 1920, ganhou força e com ele o surgimento de um forte sentimento nacionalista:

Notou-se, então, uma tendência para a exaltação do patriotismo, fundada em ameaças externas reais ou imaginárias, e a crescente aspiração para que o Brasil adotasse uma política externa mais corajosa e independente. Seguindo este caminho, o nacionalismo brasileiro pouco a pouco estabeleceu um equilíbrio básico entre seus componentes, tornando-se essencialmente político, estimulado por um maior sentimento de confiança cultural e dignidade, e tratando de alcançar o progresso econômico e social, dentro de uma estrutura de fortalecimento interno e independência internacional (TORRES, apud SERRATO, 2008, p. 13).

Todos estes elementos da conjuntura internacional e nacional se somam a um discurso antiliberal e antidemocrático propagado pelo presidente da república, discurso este que encontrava eco em movimentos de extrema direita, como o próprio Integralismo (SERRATO, 2008). Com a Crise de 1929 e com a descrença no sistema liberal, o novo governo brasileiro não poderia utilizar este discurso para convencer a sociedade sobre o seu novo papel, pois isso o afastaria da imagem modernizadora que procurava.

Vargas nutriu e estimulou desta forma, um discurso antiliberal, antidemocrático e anticomunista, que colocava o seu governo mais no campo fascista do que estadunidense. O presidente brasileiro soube, como poucos, equacionar esse jogo político internacional a ponto de não se indispor de forma cabal com as grandes potências. No entanto, assim como fez o presidente uruguaio, Getúlio Vargas expressou diversas vezes seu apreço pelo regime fascista de Mussolini. Essa somatória de fatores fez com que o governo brasileiro tivesse na maior parte do tempo uma boa relação com a Ação Integralista Brasileira, maior partido fascista no Brasil.

Os governos fascistas eram vistos com bons olhos pelo governo brasileiro e, grande parte da cúpula governamental estava direta ou indiretamente ligada a algum partido desta natureza, fosse ele nacional, como a própria AIB, ou internacional, como os partidos fascistas, italiano ou alemão. Logo, percebemos que o “flerte” do governo Vargas para com a direita ocorria claramente dentro do âmbito da diplomacia. E não somente neste, mas também no âmbito do discurso e/ou do pensamento (...) (SERRATO, 2008, p. 18).

Neste cenário, Getúlio Vargas consolidou um golpe de Estado em 1937, cancelando as eleições presidenciais marcadas para 1938 e expondo um programa autoritário e antiliberal. Utilizou como justificativa para fechar o Congresso e impor uma nova Constituição, o Plano Cohen, suposto plano de dominação comunista, desmascarado como falso alguns anos depois. Este documento foi elaborado por oficiais integralistas e relatava um plano de dominação comunista que incluía alguns assassinatos e a derrubada do governo.

Com o advento do Estado Novo, o governo brasileiro agiu em um regime ditatorial na busca por garantir os seus interesses. José Murilo de Carvalho caracteriza de forma sucinta o clima político no período:

De 1937 a 1945 o país viveu sob um regime ditatorial civil, garantido pelas forças armadas, em que as manifestações políticas eram proibidas, o governo legislava por decreto, a censura controlava a imprensa, os cárceres se enchiam de inimigos do regime (CARVALHO, 2004, p. 109).

Getúlio Vargas procurou controlar os meios de comunicação de forma mais intensa e sua equipe, alguns declaradamente simpatizantes dos regimes fascistas da Europa, inspirados nos resultados obtidos pelas propagandas destes regimes, articularam a adoção de políticas de censura e de propaganda, como afirma Maria Helena Rolim Capelato, em um estudo sobre a propaganda política no varguismo e no peronismo. Segundo Capelato:

Os organizadores das propagandas varguista e peronista, atentos observadores da política de propaganda nazi-fascista, procuraram adotar os métodos de controle dos meios de comunicação e persuasão usados na Alemanha e na Itália, adaptando-os às realidades brasileira e argentina (CAPELATO, 2009, p. 76 e 77).

O ataque de Vargas as premissas liberais também foi uma das justificativas para a ruptura. As manobras liberais de 1932 e a constituição de 1934 teriam desviado o intuito do governo estabelecido pela Revolução de 1930. Este discurso foi amplamente aceito pelos Integralistas que chegaram a retirar a candidatura de Plínio Salgado para a presidência em solidariedade a Vargas. Periódicos nacionalistas do Uruguai, como *El Debate*, e da Argentina, como o *Bandera Argentina e Crisol*, apoiaram Vargas, congratulando o Brasil por ter, na visão destes informativos, uma carta constitucional corporativa. O jornal *Bandera Argentina* trouxe uma matéria sob o Estado Novo brasileiro e a extinção dos partidos políticos:

La resolución de el Presidente Vargas que, por otra parte se veía venir ha sido adoptada, sin duda, de completo acuerdo con Plinio Salgado y con los demás hombres e fuerzas adeptos al nuevo régimen. Es más: Lo probable es que el propio jefe del integralismo la haya propuesto porque de lo que se trata ahora en Brasil como en todas partes donde se realizan operaciones de esa índole y envergadura es de aunar el conjunto de la opinión nacional alrededor de Estado y de su Jefe, para formar así un solo partido de gobierno. Esa fue la tática de Mussolini y de Hitler (...) (BANDERA ARGENTINA, 1937, capa)¹.

No entanto, essa crença, que era compartilhada no seio da AIB, e essa boa relação duraram pouco, pois as ambições integralistas não foram levadas adiante. Desta forma, os integralistas tentaram realizar seu próprio golpe, com a participação de alguns membros do Exército e da Marinha, com o objetivo de assumir o controle do Estado e afastar o então presidente. O intento foi frustrado e se seguiu uma ampla perseguição, por parte do governo, aos “Camisas Verdes”, alcunha pela qual eram conhecidos os integrantes da AIB devido ao uniforme que usavam.

É evidente que apesar de ter demonstrado apreço pelos regimes de Hitler na Alemanha e de Mussolini na Itália, e de ter em seu discurso um nacionalismo bastante presente, combinado a um antiliberalismo e anticomunismo, o governo Vargas não pode ser caracterizado como fascista. Jogou com a política interna e externa que estava posta, tendo

¹Aspectos del Nuevo Estado Brasileño. **Bandera Argentina**, ano VI, 5 de Dezembro de 1937, capa.

especialmente até 1938 convívio bem, em menor ou maior medida, com o Integralismo e o fascismo, como afirma Bertonha:

(...) é importante notar como a relação entre os vários movimentos e grupos políticos de direita, naqueles anos, era complexa e até ambígua. Havia empréstimos e trocas de elementos das suas máquinas políticas, que podiam ser absorvidos numa outra realidade sem obrigatoriamente mudar a mesma. Assim, o regime varguista ou o de Salazar melhoraram seus sistemas de repressão e propaganda com o auxílio italiano e alemão, e intelectuais católicos franceses ou canadenses admiravam Mussolini, mas não se tornaram fascistas apenas por isto. (BERTONHA, 2009, p. 4 e 5).

O Estado Novo de Getúlio Vargas, portanto, foi um governo autoritário, que não procurava instigar ou mobilizar as massas e, apesar do forte aspecto repressivo, está fora do enquadramento no âmbito do fascismo.

Após a tentativa de golpe em 1938, e com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, Vargas se alinha a política dos Estados Unidos e se distancia das tendências totalitárias de extrema direita. Serrato, em seu estudo sobre o discurso antiliberal e anticomunista de Vargas e da AIB, analisa:

Frente à análise até aqui empreendida, evidenciamos que em um primeiro momento o mais evidente inimigo dentro do discurso de Vargas foi o liberalismo, e, em um segundo momento esta lógica discursiva o substitui pelo comunismo. Seguindo a avaliação deste discurso e visando esta perspectiva, podemos identificar que com o advento do Putsch Integralista, a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a posterior entrada do Brasil neste conflito ao lado dos Aliados, esta lógica discursiva cria um novo inimigo a ser combatido, o fascismo. Neste sentido, vemos o início de um terceiro momento dentro desta construção, sendo este referente à crítica e combate deste novo inimigo (SERRATO, 2008, p. 142).

Sem a intenção de alongarmos mais nesta análise conjuntural do período Vargas, que por si só seria tema de um enorme estudo, cabe apenas ressaltar que foi um período de grande agitação e conturbação no país, que viveu diversos momentos políticos importantes e decisivos. Vargas assumiu o governo com a Revolução de 1930 e em 1932 teve que enfrentar o movimento constitucionalista de São Paulo que reivindicava a volta à legalidade e também procurava cessar as reformas e reestabelecer o status quo anterior a 1930. Esse movimento levou a luta política para um confronto armado. Apesar da vitória bélica, Vargas cedeu ao convocar uma Constituinte que também elegeria um novo presidente para o Brasil.

Vargas foi eleito por esta assembleia constituinte e promulgou uma nova carta constitucional em 1934. A luta política aflorou com novos componentes a serem observados, sendo um deles a própria AIB, que vinha se fortalecendo, e o outro, em campo contrário, a Aliança Nacional Libertadora, liderada por Luiz Carlos Prestes. Sob a liderança de Prestes, a Aliança Nacional Libertadora tentou um levante comunista em 1935, levante este que foi facilmente controlado pelo governo Vargas, que aproveitou o momento para expulsar do Exército os elementos considerados perigosos. O Tribunal de Segurança Nacional também foi criado, com o objetivo de julgar crimes considerados políticos pelo governo.

Em 1937 Vargas consumou um Golpe de Estado. Este último acontecimento originou o Estado Novo que, em um primeiro momento, foi apoiado pela Ação Integralista Brasileira e por movimentos de cunho fascista do Cone Sul.

O Estado Novo de 1937 eliminou a representação parlamentar e transformou o Poder Executivo em árbitro dos conflitos sociais, submetendo também a classe operária através do controle de suas organizações sindicais e da repressão às lideranças de esquerda (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 79).

Após centralizar ainda mais o poder, Vargas perdeu o apoio da AIB e sofreu uma tentativa de golpe em 1938, conhecido como Putsch Integralista. Essa fracassada tentativa levou o governo brasileiro a reprimir veementemente o movimento em todo o Brasil.

Com a aproximação da Segunda Guerra Mundial e a tentativa de golpe integralista, Vargas iniciou uma aproximação com os Estados Unidos e perseguiu os membros do Integralismo, mudando o foco de seu discurso antes apenas antiliberal e anticomunista. O antifascismo e antiintegralismo entraram no discurso varguista dentro da concepção empregada no anticomunismo, como ideologias antinacionais.

1.3 O Cenário Uruguaio

O Uruguai foi mais um dos países ocidentais que viveu na década de 1930 um período de instabilidade e agitação política. O país detinha uma tradição liberal-democrática, diferente do Brasil do período. Esta tradição foi construída nas três primeiras décadas do século XX, sustentada por vantagens geradas por uma situação econômica favorável que perdurou até os últimos anos da década de 1920. No entanto, houve um importante crescimento das propostas conservadoras neste período: “la oposición conservadora multiplico rápidamente su movilización política, experimentando una radicalización de sus posturas” (AYÇAGUER, 2008, p. 66).

Neste cenário ascendeu a presidência o advogado Gabriel Terra, que venceu as eleições uruguaias sendo apoiado pelo setor majoritário do Partido Colorado, o Batllista, que levava esse nome em referência a José Batlle e Ordoñez, presidente que venceu a Guerra Cívica no início do século XX e promoveu diversas reformas sociais. Terra tomou posse para a presidência da república no dia 1º de Março de 1931. O novo presidente Oriental, apesar de contar com o apoio do Batllismo colorado, era considerado uma personalidade mais moderada, mesmo antes do pleito eleitoral.

Após sua eleição, Terra iniciou uma transição em sua rota política e se alicerçou em grupos menores dentro do Partido Colorado, que não eram adeptos do Batllismo, como o Rivierismo. Também conquistou o apoio do Herrerismo, setor majoritário dentro do Partido Nacional Blanco, de caráter extremamente conservador. Essa mudança exemplifica a guinada à direita que o governo uruaio sofreu no golpe de 1933.

Deste modo, apesar dessa tradição democrática mais consolidada e de ter sido eleito pelas vias legais do período, Terra efetuou um golpe de estado em 31 de Março de 1933. Para levar adiante esse intento, o presidente confirmou a mudança na sua base de sustentação, contando agora com o apoio e estímulo de setores conservadores da política no país, como o já citado Herrerismo, que foi determinante. Outros elementos políticos do país, não Batllistas, também apoiaram o golpe sob o argumento da edificação de uma nova constituição. Esta medida dividiu o Uruguai e colocou o Batllismo reformista, até então no comando do país, na oposição, apoiado por setores da esquerda, entre eles socialistas e comunistas.

O período de presidência sob o comando de Terra, que se estende de 1933 a 1938, ficou conhecido pela historiografia uruaia como “Ditadura Terra”. Uma análise das políticas implementadas pelo governo desse país neste período é de fundamental importância para este trabalho, tendo em vista a contribuição que este governo pode ter oferecido para a criação e consolidação de movimentos de extrema direita de cunho fascista, bem como para entender a influência que este golpe pode ter exercido em movimentos como o Integralismo no Brasil.

O principal efeito do golpe de Estado foi modificar a estrutura de organização do poder Executivo uruaio. Além de fechar o Parlamento, Terra dissolveu o Conselho Nacional de Administração (TROCHON; VIDAL, 1993). Nos dois primeiros anos constitucionais de seu governo, o Presidente teve que partilhar as decisões sobre o governo uruaio com este Conselho que tinha os Batllistas como maioria. O Conselho de Administração era visto pelo Integralismo, por exemplo, como algo que representava uma

“emperrante e artificial harmonização política” (H.V., 1935, p. 3)² e por isso sua supressão era algo considerado positivo. Contudo, neste mesmo artigo fica claro o descontentamento com a incapacidade do governo Terra e de seu grupo político de prosseguir com a implementação de medidas autoritárias como esta e conquistar avanços sociais importantes.

No aspecto político, entretanto, “el regimen de marzo”, termo pelo qual ficou conhecido o regime entre 1933 e 1938, promoveu mudanças e foi sem dúvida uma conversão a direita conservadora e autoritária. Como afirmam Yvete Trochon e Beatriz Vidal:

Los ‘revolucionários de marzo’ como se autodenominaron eufemisticamente los autores del golpe de estado comenzaron de inmediato su tarea de ‘reconstrucción’. Primero, la represión a toda oposición al nuevo régimen, represión que por sus métodos no avala de ningún modo su deficiencia como ‘dictablanda’ sino que confirma su carácter autoritario (el amordazamiento de la prensa adversaria, la prisión y el destierro de los líderes de la oposición, las torturas, la represión contra el movimiento obrero, el control educativo, etc) (TROCHON; VIDAL, 1993, p. 10).

Segundo os citados autores, apesar das críticas ao Conselho de Administração, Gabriel Terra manteve muitas das políticas econômicas aprovadas por este, inclusive, em certa medida, aprofundando-as (TROCHON; VIDAL, 1993). Sua extinção foi realizada com o objetivo específico de centralizar o poder político na figura do presidente.

Gabriel Terra não escondia de ninguém sua simpatia com os regimes fascistas europeus, e autores, como o historiador Miguel Feldman, defendem que “Bajo su mandato las ideologias del fascismo europeo encontraron suficiente benevolencia y espacio como para difundirse en la sociedade uruguaya” (FELDMAN, 2000, p. 14). Posição muito próxima à expressada por Maria Magdalena Camou:

En nuestro país, durante el gobierno de Terra, alentados por las indisimuladas simpatías que éste profesa a los regímenes alemán e italiano, surgen y se expresan grupos nacionales y extranjeros identificados con las nuevas doctrinas europeas (CAMOU, 1988, p. 31).

Reprimindo movimentos operários e antifascistas e expressando de forma direta a sua admiração pelos regimes fascistas europeus na Itália e Alemanha, o governo Terra propiciou uma vasta abertura para a proliferação de movimentos de extrema direita, alguns de colônias de imigrantes alemães ou italianas, como a seção do Partido Nazista no Uruguai. No

² O movimento revolucionário no Uruguay. **A Offensiva**, Ano II, nº 39, 7 de fevereiro de 1935, p. 3.

entanto, estes movimentos não se restringiram as colônias de imigrantes, sendo alguns deles de cunho nacionalista e até mesmo fascista.

A política externa do governo uruguaio corroborou com este sentimento pró-fascismo. Terra rompeu relações com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em fins de 1935 e início de 1936 e com a República Espanhola em seguida. Com relação ao rompimento das relações com a União Soviética, Gabriel Terra Filho, no livro “Gabriel Terra y la verdade histórica”, biografia do ex-presidente uruguaio, publicação em que o filho procura proteger o que acredita ser o legado de seu pai, escreveu o seguinte trecho obre o assunto, depois de defender o significado moral da ação:

El gesto valiente e idealista del Presidente Terra, tuvo repercusión, no sólo em América, sino también em Europa. El diário “The Times”, con fecha 2 de enero de 1936, expresó que el gobierno del Uruguay habia tenido sobradas razones em interrumpir las reaciones diplomáticas con el gobierno de la Unión Soviética (TERRA, 1962, p. 192).

O Presidente Terra fez, também, diversas declarações amistosas em relação à Alemanha e à Itália, além de ter aumentado consideravelmente o comércio com estes países, em especial a Alemanha.

Estas relações obtiveram considerável aproximação após Terra ter promulgado em 1936 a Lei de Indesejáveis, que endureceu a imigração para o país, principalmente daqueles imigrantes considerados problemáticos, como militantes de esquerda e judeus. Esta lei mostra claramente o caráter conservador do governo e com quem este buscava se alinhar no cenário internacional. No entanto, algumas questões podem ser aventadas sobre essa lei: essa medida pode ser vista apenas como antisemita, sendo uma resposta a este sentimento presente na sociedade? Acreditamos que apenas esse fato não. Embora essa alternativa seja considerável, existiram outros fatores que corroboraram para que esta lei fosse aplicada, como os reflexos tardios da Crise de 1929, que ainda persistiam na economia uruguaia. Assim, uma lei que tornava a imigração mais difícil poderia ser uma tentativa de preservar alguns postos de trabalho. Essa medida também foi ao encontro daqueles que queriam paralisar o adiantado processo de pluralização de raças, na pretensão de criar um país homogêneo, na concepção de raça uruguaia, inspirada na figura do gaúcho, pretensão essa que era a defesa de alguns grupos nacionalistas, mas de escasso apelo popular. Ou ainda, como sugere Miguel Feldman:

Esta actitud hostile al extranjero y especialmente al judío, ¿era simplemente xenofobia y antisemitismo? ¿O era además una forma de complacer a una

Alemania nazi cuyo gobierno compraba materias primas a Uruguay, beneficiando a los estancieros representados en el gobierno por los partidos golpistas en 1933? (FELDMAN, 2000, p. 26).

Esta última hipótese, sem dúvida, é mais relevante dentro das apontadas. A política externa Terrista foi levada a esse tipo de atitude influenciada por possíveis favorecimentos internos, que com certeza, estavam relacionados aos setores que sustentavam o governo golpista de Março. Entretanto, essa política de imigração não sofreu grandes alterações sob a presidência de Alfredo Baldomir, que assumiu em 1938, apesar de Baldomir ter proporcionado uma guinada na política externa do país passando a ser avaliada como pró-estadunidense.

Nesse contexto, é extremamente necessária uma breve análise sobre o papel do antissemitismo na sociedade uruguaia. O antissemitismo foi muito presente no discurso dos movimentos corporativistas uruguaiois, mesmo sendo pequena a quantidade de imigrantes judeus no país. No entanto, este sentimento foi apontado como fio condutor para aceitação das ideias fascistas no Uruguai, muito embora não tenha se tornado um movimento de massas como defende a historiadora Clara Aldrighi:

(...) el antisemitismo no encontró en Uruguay la posibilidad de volverse movimiento de masas. Inspiró las definiciones programáticas de grupos políticos de escaso peso, filonazis o filofascistas, como Acción Revisionista del Uruguay, Acción Nacional, Asociación de la Juventud Patriótica del Uruguay y Movimiento Revisionista (ALDRIGHI, 2000, p. 132).

Mesmo em pequeno número e não se tornando um movimento de massas, os judeus radicados no Uruguai também sofreram acusação de responsáveis pelos males da vida moderna. Em um país que se urbanizava de forma rápida nesse período, os judeus que prosperavam eram vistos como problema. A dificuldade de adaptação dos judeus ao país também era levantada pelos defensores de uma política de restrição a sua imigração. Assim, movidos por este sentimento, surgiram distintos grupos, que organizaram diversas publicações antissemitas no Uruguai, alguns deles de cunho fascista, outros apenas no âmbito do nacionalismo conservador.

A ditadura Terra contribuiu para que esse sentimento fosse fortalecido na sociedade dando respaldo a ele e também o alimentando no sentido de ir ao encontro de suas reivindicações, quando declarava certa aproximação com as políticas alemãs e também quando restringiu a imigração judia. Contudo, Terra demonstrou sempre mais apreço pelo regime fascista italiano, comandado por Mussolini, do que pelo nacional-socialismo de Hitler.

Isso se deve a influência ideológica do fascismo em sua vertente italiana ter sido maior no Uruguai, assim como em outros países latinos, do que a da Alemanha, levando em consideração o fato de que o eixo da proposta conceitual do fascismo italiano era mais fácil de ser aplicada nestes países do que o alemão, fortemente impregnado por sentimentos racistas e xenófobos.

Além disso, Terra nutria sentimentos mais íntimos pela Itália, país para o qual foi enviado como ministro plenipotenciário do Uruguai em 1916. Outros fatores também contribuía para dar vida a este sentimento de solidariedade entre os governos como ressaltado na obra *El Regimen Terrista (1933-1938)*:

Además de estos lazos sentimentales, ha intervenido el factor circunstancial. Terra es consciente que tomó el poder por la fuerza, que él y sus colaboradores más próximos han cambiado la Constitución para servir sus intereses particulares, y que en medio de condiciones económicas muy difíciles no se pueden mantener en el poder si no es a través de la fuerza. Por lo tanto, su entusiasmo por el régimen fascista de Italia nace de la necesidad aunque en verdad ninguno de los partidarios de Terra más cercanos a su líder tiene desapego alguno respecto al tipo de gobierno fascista (DOMINICAN, apud, TROCHON; VIDAL, 1933, p. 83).

Alfredo Alpini expressa uma opinião parecida:

Durante el régimen terrista (1933-1938) varios dirigentes políticos expresaron sus intenciones de incorporar ciertas premisas fascistas al Uruguay. Gabriel Terra, César Charlone no ocultaron sus simpatías hacia el fascismo. Este último enfatizaba en la necesidad de introducir el corporativismo en la legislación uruguaya, planteando "pactos gremiales" y conceptos del "novísimo derecho obrero" tomados de la Carta del Lavoro de Mussolini (ALPINI, 1999).

Assim, a direita uruguaia tinha na Itália e Alemanha ótimos exemplos de países com discurso antiliberal e antidemocrático para se espelhar. Ou seja, as questões internas da política local empurravam ainda mais os setores Terristas do Partido Colorado e Herreristas do Partido Nacional a declarar seu sentimento amistoso para com as potências fascistas. Essa atitude colocava a diplomacia uruguaia claramente no eixo pró-Alemanha em detrimento dos Estados Unidos, que neste momento procurava consolidar sua influência na região em substituição à Grã-Bretanha, que especialmente no Uruguai, ainda mantinha alguma influência devido ao comércio de carne. Muito embora, inclusive neste aspecto, a participação desta potência europeia declinou após a Quebra da Bolsa em 1929. Os acordos de Ottawa em 1932, entre Inglaterra e seus domínios, dando grandes preferências para estes nos comércios

de carnes, significou um duro golpe para o comércio deste produto no Rio da Prata (FREGA; MARONNA; TROCHON, 1987).

No entanto, é de relevância ímpar salientar que, apesar da postura pró-fascista, o governo uruguaio durante a ditadura de Terra não pode ser considerado um governo fascista, sob pena de se cometer um grave erro de avaliação. Foi um governo autoritário e conservador, que reprimiu movimentos de esquerda, abriu espaço para forças de extrema-direita e procurou se legitimar através de outros governos não democráticos que ostentavam uma propaganda de grandeza e crescimento. Este ponto de vista é o defendido na obra de Juan Oddone:

Obviamente no hay un proyecto fascista de gobierno entre 1933 y 1938, por más que numerosos dirigentes políticos de entonces puedan ser señalados por tales simpatías, auténticas o pragmáticas, por más que algunas adhesiones o inclinaciones sean lo bastante expresivas; por más que el contenido de ciertas correcciones constitucionales o el acento de enmiendas o innovaciones legislativas trasunte la intención de introducir mecanismos o disposiciones contrarias a las tradiciones demoliberales. Aún mediando tales deslindes resulta innegable que el régimen de marzo propugnó una política de tono acentuadamente conservador, acompañada por influyentes sectores de la burguesía que miraban con admiración hacia el fascismo. En lo personal, Gabriel Terra manifestó en reiteradas ocasiones su adhesión al régimen de Mussolini, y más veladamente sus inclinaciones hacia el nacional-socialismo (ODDONE, 1990, p. 152 e 153).

Um governo alicerçado sob alianças intra e suprapartidárias entre os dois principais partidos, fruto de uma conjuntura única, tinha também seus limites claros. Assim, em junho de 1938 assumiu a presidência o General Alfredo Baldomir, que venceu as eleições presidenciais realizadas em março daquele ano. Baldomir, do Partido Colorado, disputou a presidência de forma direta com outro membro do Partido Colorado, Blanco Acevedo. Ambos tinham parentesco com o Presidente Gabriel Terra, que, pelo menos de forma aberta, se absteve em apoiar algum dos candidatos.

Baldomir venceu Acevedo por pouco mais de 20 mil votos. Acevedo representava os setores mais conservadores dos *Rojos*. Contudo, é interessante percebermos que a Acción Revisionista del Uruguay apoiou de forma aberta, pelo menos nas vésperas do pleito, a candidatura de Baldomir.

O Presidente do Uruguai, eleito com 121. 259 votos, iniciou uma abertura do país, colocando a Banda Oriental claramente na rota da influência estadunidense e promovendo alterações políticas. Neste período os grupos nacionalistas de cunho fascista mais importantes foram perdendo espaço, fruto não apenas do novo governo uruguaio, mas também da mudança na conjuntura internacional e da proximidade do conflito mundial.

A eleição de 1938 marcou o início do voto feminino no Uruguai, algo que já era previsto na Constituição de 1919 e que virou lei em 1932. Contudo, as mulheres tiveram que esperar a reabertura democrática no país para poder exercer este direito.

Para encerrar esta breve discussão sobre o cenário uruguaio dos anos 1930, o livro *História uruguaya – crisis política y recuperación económica* traz uma passagem bastante significativa sobre o fim da Ditadura Terra que corrobora com o que tem sido apresentado até o momento:

Este régimen fue producto de una serie de circunstancias nacionales e internacionales concretas y al carecer de un proyecto alternativo propio, una vez que aquellas desaparecieron o menguaron sus efectos, iba a ser irremediable su caída. También es correcto afirmar que tampoco el terrismo se había propuesto mucho más. Este deterioro progresivo fue acompañado por el abandono paulatino de muchas figuras significativas (NAHUM; COCHI; FREGA; TROCHON, 2011, p. 37).

1.4 Os Atores

Após esta breve explanação sobre a conjuntura do Brasil e do Uruguai nos anos de 1930, se faz necessário, para que se tenha maior clareza no entendimento desta pesquisa, delimitar os atores que estão em cena, ou seja, os grupos nacionalistas de extrema-direita e seus intelectuais mais importantes pesquisados nos dois países. Mesmo que este debate não se aprofunde em temas complexos destas organizações, por não ser esse o foco central deste trabalho, julgamos necessário realizá-lo para maior clareza e conhecimento dos grupos que estão no centro do estudo.

No Brasil a escolha é clara: delimitarei o estudo ao Integralismo e aos seus três principais ideólogos, a saber, Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. A Ação Integralista Brasileira é reconhecidamente o maior partido no âmbito fascista fora da Europa e já conta com diversos estudos consagrados a seu respeito.

Já no Uruguai não houve um grupo hegemônico do porte do Integralismo. Havia no país diversos grupos, nenhum deles com a força de massas que a AIB obteve. Contudo, estes buscaram influenciar a sociedade daquele país, e alguns, em maior ou menor grau, conseguiram por vezes este intuito.

Assim, para que haja uma metodologia clara de trabalho, elegemos a Acción Revisionista del Uruguay como o grupo atuante naquele país a ser estudado nesta pesquisa. Tal escolha se fundamenta na editoração sequencial da revista *Coorporaciones*, que nos

possibilita fontes primárias de melhor qualidade, um campo de estudo e de aprofundamento maior em relação a outros grupos. Esta decisão está baseada, também, no fato de ser este grupo o que apresenta maior e mais clara relação com o Integralismo. A *Acción Revisionista del Uruguay* tem como seus principais ideólogos as figuras de Adolfo Agorio, Teodomiro Varela de Andrade e Ernesto Bauzá.

Apesar deste recorte, no capítulo 2, que aborda os veículos de comunicação utilizados para manter o diálogo entre os grupos uruguaios e o Integralismo, voltaremos a abrir o leque, analisando outras publicações, além da *Revista Corporaciones*, da *Acción Revisionista del Uruguay*. Faremos isso com o objetivo de conhecermos um pouco sobre estes outros periódicos para efeitos comparativos.

No entanto, antes de iniciar essa aproximação com esses dois grupos, julgamos necessário realizar uma breve explanação sobre o conceito de fascismo empregado neste trabalho. Este exercício é extremamente relevante para que fique claro o motivo da escolha destes dois grupos para o estudo aqui apresentado e também para que seja delimitado o que entendemos como fascismo em detrimento da direita conservadora. Isso é muito importante, pois é necessário diferenciar estes campos da direita política a fim de evitar aproximações infundadas e generalizar o conceito. Contudo, ressaltamos que não estamos em busca de uma essência estática do termo. Compreendemos que esta discussão é complexa e que não é o objetivo deste trabalho entrar nos pormenores da enorme bibliografia sobre o assunto.

Primeiramente, é importante explicitar que não acreditamos que o fascismo tenha superado a dicotomia direita – esquerda, acompanhando assim o argumento de Bertonha sobre o tema:

No creo que los vários fascismos hayan superado la dicotomía “derecha vs izquierda”. Incorporaron nuevos elementos al cuerpo de la derecha y, en vez de la vuelta a un pasado glorioso, proponían una revolución, una “marcha hacia adelante”, generando un mundo en el cual los valores apreciados por la derecha serían preservados e incluso intensificados (...) (BERTONHA, 2013, p. 37).

Utilizamos neste trabalho o conceito de fascismo encontrado nas obras de João Fábio Bertonha e Francisco Carlos Teixeira da Silva. Bertonha é contra o uso indiscriminado por historiadores e estudiosos da palavra fascismo e faz um alerta:

Quando pensamos, contudo, em termos conceituais, o uso excessivo do termo só pode se tornar danoso. Se tudo é fascismo ou este é simplesmente sinônimo de autoritarismo, então o conceito em si nada significa e isso nos

impede de ter acesso a um instrumental analítico diferenciado para compreender a realidade. No caso das ditaduras militares, simplesmente chamá-las de fascistas pode ser emocionalmente prazeroso, mas nos impede de compreender a dinâmica de forças dentro de cada uma delas e suas diferenças e proximidades (BERTONHA, 2009, p. 2).

Sabemos que identificar um “mínimo fascista” é algo extremamente complexo, e não é nosso interesse, conforme já explicitado, entrar diretamente nessa seara de debate. Robert Paxton, na obra *Anatomia do Fascismo*, demonstra sua preocupação com esta definição, principalmente no que diz respeito à análise apenas das ideologias enquanto corpus doutrinário, separando-as da ação prática destes grupos, principalmente quando estão no poder. Paxton se arrisca, ao final desta obra, a responder e diagnosticar o fascismo, contudo, levando sempre em grande consideração o que movimentos e partidos desta linha política fizeram quando chegaram ao poder, algo que para este trabalho apresenta dificuldades de ser aplicado. Essa dificuldade se deve ao fato de que a *Acción Revisionista del Uruguay* nem sequer chegou a se tornar um movimento de massas, ficando longe de qualquer aspiração ao poder e o Integralismo, apesar de um movimento mais vigoroso, não obteve sucesso em sua jornada.

Deste modo, ressaltamos que, apesar da complexa definição, principalmente se tratando de movimentos na América Latina longe do berço original da ideologia, o receio de mecanizar o conceito não pode legitimar o mau uso do próprio conceito, classificando qualquer movimento conservador e autoritário como fascista. É necessário e possível chegar a este “mínimo fascista” considerando algumas premissas básicas, que nem sempre andam juntas, justamente pela característica mais dialética destes grupos: o nacionalismo. A diversificada origem e conjuntura pelas quais viviam, logicamente, produziu efeitos diferentes em cada experiência histórica. Nesse sentido define Paxton:

Os fascismos procuram em cada cultura nacional os temas mais capazes de mobilizar um movimento de massas de regeneração, unificação e pureza, dirigido contra o individualismo e o constitucionalismo liberais e contra a luta de classes de esquerda. Os temas que atraem os fascistas de uma tradição cultural podem parecer simplesmente tolos a um outro (PAXTON, 2007, p. 75).

As preocupações e as dificuldades do emprego do conceito de fascismo na América Latina são demonstradas no livro *El fascismo em Brasil y América Latina*, de João Fábio Bertanha e Franco Savarino Roggero, principalmente porque na região existiram outros tipos

de governo conservadores e autoritários que obtiveram espaço em considerável período do século XX.

Las investigaciones que se enfocan em el mundo latino-americano comparten em general algunos desafios y enfrentan retos interpretativos peculiares. Por ejemplo, tienen que lidar con el uso extensivo de la palabra “fascismo”, atribuída a regímenes militares o autoritários, grupos ultranacionalistas o intelectuais “de derecha” y, algunos casos populismo. O bien, por el contrario, consideran la posibilidad opuesta, de que no hubo ningún fascismo em la región, debido a las grandes diferencias que se observan em el contexto local (SAVARINO; BERTONHA, 2013, p. 11).

Deste modo, Teixeira da Silva, na busca de tipificar esta ideologia, defende a utilização do conceito de fascismo no plural, pois agregaria um conjunto de movimentos que tinham um determinado corpo doutrinário:

Denominamos de fascismo, algumas vezes mais corretamente no plural – fascismos – o conjunto de movimientos e regimes de extrema derecha que dominou um grande número de países europeus desde o inicio dos anos 20 até 1945. Assim, as expressões Nazismo, Nacional-socialismo, Hitlerismo etc, recobririam uma só realidade política, os regimes de extrema derecha que dominaram vários países no período em questão (TEIXEIRA DA SILVA, 2000, p. 112).

O fascismo, sem dúvida, foi um dos acontecimentos centrais do período entre guerras. Neste período, vários movimentos com características semelhantes se espalharam pelo mundo. Vários autores, como o próprio Teixeira da Silva, se empenharam em delimitar estas condições em busca de um emprego mínimo de características para classificar um movimento. Estes movimentos têm uma forte coerência e características como o antiliberalismo, antidemocratismo, antisocialismo e o nacionalismo exacerbado. Estes são traços comuns nesses grupos, tanto nos que chegaram ao poder, como o caso da versão italiana e alemã, quanto para aqueles que não chegaram, como o Integralismo e o revisionismo uruguaio. Aliás, estes últimos que não assumiram o governo de seus países têm uma estrutura para estudo deste gênero muito interessante por terem realizado menores concessões em relação a seus ideais iniciais do que aqueles que assumiram o governo. Ao contrário do fascismo italiano, por exemplo, o Integralismo formou primeiro uma doutrina para depois tentar conquistar o poder político (TRINDADE, 1979). Esse enfoque nos serve para este estudo, justamente porque os dois movimentos analisados nunca chegaram ao poder. Contudo, Paxton faz uma ressalva sobre o fato de uma análise de fascismo que leve em

consideração seus estágios finais tanto quanto os iniciais, ou seja, no caso daqueles que assumiram o poder, suas posturas durante o governo devem também ser levadas em conta e não apenas seu discurso doutrinário inicial.

Entretanto, Bertonha e Savarino alertam para uma abordagem mais afundo para procurar elementos suficientes para a classificação de um movimento como fascista. Os autores lembram que:

La presencia de elementos como el antisemitismo, el antiliberalismo y el anticomunismo (o bien, el culto al líder, el nacionalismo y el ideal corporativo y jerárquico) no es suficiente, por sí sola, para atribuir a un grupo o a un personaje el calificativo de “fascista” (BERTONHA; SAVARINO, 2013, p. 14 e 15).

Essa ressalva é de fato extremamente relevante. Se levarmos em consideração o fascismo italiano, progenitor desta ideologia, não podemos classificá-lo como antisemita, ao menos até 1938, e assim essa característica que era fundamental na vertente alemã não é uma variante importante na vertente italiana. Deste modo, cada caso deve ser analisado com cautela e cuidado.

Outro aspecto importante sobre o tema diz respeito ao fato dos movimentos fascistas não serem reacionários, tão pouco conservadores. Apesar de, em alguns casos, olhar para o passado como mais um motivo para florescer sua nacionalidade exacerbada, os movimentos deste gênero procuram um futuro glorioso. Portanto, não podem ser classificados como reacionários ou conservadores, mas ligados a estes pensamentos por uma espécie de parentesco ideológico. Nesse sentido ressaltamos que o fascismo é diferente da tirania clássica, autoritária, mas não mobilizadora. O autoritarismo clássico buscava excluir uma parcela da política, mantendo as massas inertes, enquanto o fascismo as mobilizava e energizava (PAXTON, 2007).

As especificidades de cada movimento, por exemplo, o racismo e xenofobia da versão fascista alemã, são construídas no bojo da conjuntura local e da luta política específica de cada país onde este movimento esteve inserido. No caso do Integralismo e do revisionismo é possível perceber traços característicos em seus nacionalismos que os afastam de uma mera reprodução do fascismo europeu. Esse nacionalismo – traço comum em todos estes movimentos fascistas – é sem dúvida o ponto mais interessante, pois poderia impedir um sentimento de solidariedade completo entre estes movimentos e é neste sentido que este trabalho está inserido no que diz respeito à Acción Revisionista del Uruguay e a Ação Integralista Brasileira. Até que ponto estas duas organizações se reconheciam como irmãs de

ideias e até que ponto eram solidárias na luta política continental? São perguntas que estão no centro deste trabalho e terão o seu momento no capítulo terceiro. Deste modo, é um conjunto de traços diversos que dão um corpo a este fenômeno (TEIXEIRA DA SILVA, 2000). Essa singularidade passa a ser um traço tão essencial em cada movimento que ultrapassa a barreira da diferença, se colocando como traço comum destes movimentos.

“Também devemos levar em conta que cada fascismo apesar das semelhanças e dos elogios mútuos sempre defendeu a plena originalidade histórica e nacional buscando no seu próprio solo e céu as origens de suas ideias”. (TEIXEIRA DA SILVA, 2000, p. 124).

Para finalizar esta explanação sobre o conceito de fascismo aplicado aqui, é interessante também ressaltar que nem todo movimento de extrema-direita pode ser classificado como fascista. O fascismo é uma das vertentes desta orientação política que incluem outras ramificações deste pensamento, como os ultraconservadores.

1.5 Os atores entram em cena no Brasil – O Integralismo

No Brasil estas condições históricas já apresentadas contribuíram para o surgimento em 1932 da Ação Integralista Brasileira. Comandada pelo Chefe Nacional, Plínio Salgado, a AIB se transformou em um grande partido de massas, difundindo seu ideário por todo o território nacional. O surgimento deste movimento pode ser compreendido no bojo das transformações tanto exógenas, como a ascensão dos partidos fascistas na Europa, quanto endógenas, como as profundas alterações ideológicas que vinham se gestando na sociedade brasileira durante a década de 1920. Transformações estas que, Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, os três principais ideólogos aqui retratados, vivenciaram. Houve neste período contestações do sistema político então vigente, que privilegiava as oligarquias rurais. Neste contexto, a Revolução de 1930 abriu campo fértil para o desenvolvimento deste grupo.

Já no final da década de 1920, Salgado tinha duas importantes pré-disposições para iniciar o movimento de fundação da AIB: “(...) o primeiro é o desejo de elaborar um pensamento novo, adaptado à nossa realidade; o segundo, a existência de uma predisposição para o engajamento, embora a solução fascista não se lhe afigure ainda como a melhor opção” (TRINDADE, 1979, p. 53).

Foi após uma viagem a Europa, e em especial a Itália, que fez nascer a admiração pelo fascismo italiano e aumentar a influência deste no pensamento de Plínio Salgado. Ainda antes de fundar a AIB, Salgado fundou e participou da organização do jornal *A Razão* e da

Sociedade de Estudos Políticos – SEP, dois passos fundamentais para a criação da AIB em Outubro de 1932. Foi neste período que o arcabouço teórico fundamental da ideologia integralista foi elaborado por aquele que viria a ser o seu Chefe Nacional até os seus derradeiros dias, em 1938.

Outros movimentos de inspiração fascista também estiveram presentes nesta conjuntura, como a Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista) e Legião Cearense do Trabalho, sendo este último o mais expressivo movimento antes da criação da AIB. Portanto, a fundação da AIB fez parte do complexo jogo da cena política que estava em curso nos anos de 1930, com a clara ascensão do autoritarismo político estimulado pelas ideologias europeias e pela Revolução de 1930. Sua composição expressa exatamente esse momento da sociedade brasileira, que tem nas grandes cidades uma expansão. A composição geral dos integrantes da AIB foi de cidadãos urbanos e da média burguesia, que estavam em ascensão profissional e educacional (TRINDADE, 1979), o que é bem interessante em se tratando de um movimento de massas que explodiu no país exatamente neste período. Além disso, são jovens, muitos católicos e luso-brasileiros, além de uma boa parcela de descendentes, especialmente dos dois principais países com governos fascistas na Europa. Assim como no partido fascista alemão e italiano, a classe média era maioria entre os “Camisas Verdes”.

O integralismo manteve uma doutrina bastante rígida que foi divulgada através de seus meios de comunicação, como jornais e livros, publicados pelos seus principais intelectuais. Apesar das diferenças conceituais que existiam entre estes principais expoentes integralistas, o corpo doutrinário que chegou à massa teve um aspecto uniforme, muito devido à centralização do poder do Chefe Nacional na figura de Plínio Salgado, já que ninguém poderia colocar em questão a sua autoridade. Como ninguém poderia questioná-lo e a base desta doutrina foi construída por ele, havia aí uma situação em que ele sempre era o porta-voz do pensamento que os militantes deveriam seguir como baluarte na manutenção dos preceitos iniciais do movimento.

É possível perceber que o nacionalismo foi a principal força para a elaboração do Manifesto de Outubro. O documento trazia um apelo para que a população tomasse consciência e lutasse pela construção de uma nação pujante com um futuro glorioso. Para Trindade esse chamamento ao despertar da nação é justamente a passagem do nacionalismo idealizado de Salgado, nascido antes da Revolução de 1930, para o nacionalismo agressivo que foi desenvolvido, não apenas por ele, mas pelos outros doutrinadores integralistas.

Salgado tinha um enfoque mais espiritualista, influenciado pela ética integralista, de moral cristã, e acreditava em um objetivo superior para a humanidade e no aperfeiçoamento

desta, sendo esta, talvez, sua característica mais particular, em relação aos demais teóricos. O Chefe também demonstrava um nacionalismo ufanista, muitas vezes redentor do sonho de liberdade da América do Sul. Por diversas vezes, tanto em livros quanto em publicações, como o jornal *A Offensiva*, Salgado afirmou sobre o futuro integralista do continente sul-americano e da missão de transformar o Brasil e os demais países vizinhos em um todo integralista – uma visão claramente imperialista, se não pela conquista militar, através de conquista ideológica. Com esse discurso, o Chefe integralista nutria o sonho de se transformar em um novo Libertador da América, como Simon Bolívar:

A ideia do Império Integralista busca suas raízes em dois elementos míticos. Salgado pretende tornar-se o novo libertador da América Latina, inspirando-se no papel de Simon Bolívar, com o objetivo de proteger o “último Ocidente e construir a quarta humanidade”. Estimulado pelo mito de Atlântida, Salgado proclama com eloquência: “nós somos o Último Ocidente. E porque somos o Último Ocidente, somos o Primeiro Oriente. Somos um Mundo Novo. Somos a Quarta Humanidade. Somos a Aurora dos Tempos Futuros. Somos a força da Terra (...). Aristóteles pensou para nós; Cristo deu-nos a alma; César e Napoleão foram nossos precursores; Simon Bolívar o nosso anunciador; a América é o nosso Império; e nós aquele povo longamente esperado...”. O povo brasileiro, em sua opinião, veio para realizar uma nova civilização que substituirá a do Ocidente moribundo: “Como um sol que vai nascer, ela projeta seus primeiros clarões. Uma nova luz se anuncia no mundo. É a Atlântida que ressurge. A nova civilização realizará a grande síntese. Síntese filosófica, síntese política. Mas, principalmente síntese das Idades Humanas (SALGADO, apud TRINDADE, 1979, p. 214).

Já Barroso e Reale, em seus escritos, advogaram um nacionalismo com uma dimensão econômica mais importante, algo que não aparecia em Salgado. Barroso tratava o nacionalismo econômico dentro de um viés antissemita, marca de sua produção, enquanto Reale explicitamente tinha um viés mais economicista.

O antiliberalismo também se destacou entre os intelectuais, como o sentimento mais forte, fruto da influência da premissa de que o comunismo era filho da fraqueza do liberalismo. Entre os intelectuais, com exceção de Barroso, o antiliberalismo foi o traço com maior enfoque, porque, segundo Teixeira da Silva:

Em suma o liberalismo é o elemento causal da crise e sua existência originária, permanentemente, as condições de desagregação da sociedade. O bolchevismo é a doença oportunista, parasítica, da sociedade liberal. Um Estado orgânico, integral seria a resposta adequada, na verdade única, para recomposição social das nações (TEIXEIRA DA SILVA, 2000, p. 137).

Entretanto, o anticomunismo era o tema mais utilizado quando o assunto era a divulgação do movimento para as massas, ou seja, o assunto mais panfletário. Isso é possível perceber em uma rápida análise no jornal *A Offensiva*, a principal publicação do grupo.

O antissemitismo também foi bastante presente, muito embora não fosse um tema trabalhado pela maioria dos intelectuais integralistas. O intelectual que realmente abordou o tema foi Gustavo Barroso, ferrenho antissemita. Barroso acreditava ser o liberalismo e o comunismo fantoches na mão de uma conspiração judaica mundial. Entretanto, se entre os intelectuais o tema não era essencialmente abordado, entre os militantes de base era um importante assunto de unificação do grupo, até mesmo pela sua fácil reprodução, tendo em vista que era mais fácil compilar os adversários dentro de uma conspiração judaica internacional. Neste sentido Trindade ressalta:

Uma parte significativa dos integralistas considera que todos os adversários do movimento formam um bloco sob a dominação judaica. Esta tendência, anti-semita, embora não seja dominante entre os teóricos integralistas por razões de princípio ou tática política, era, no entanto, muito difundida entre os militantes de base em função da simplicidade de seu esquema explicativo: desde as revoluções francesa e soviética, até o controle das finanças internacionais, tudo seria dirigido pela ação judaica (TRINDADE, 1979, p. 228).

Gustavo Barroso explicitou em variadas obras e em diversos momentos o seu antissemitismo latente. Apenas a título de exemplo, apresentamos um trecho presente no livro “O Integralismo e o Mundo”, quando o autor demonstra porque o Integralismo combate os judeus: “Combate os judeus, porque combate os racismos, os exclusivismos raciais, e os judeus são os mais irredutíveis racistas do mundo” (BARROSO, 1937, p. 17).

Miguel Reale, por sua vez, se destacou como o principal ideólogo do futuro Estado integralista. Reale também realçou as relações existentes entre o Integralismo e os fascismos europeus, tratando-as como normais, expressando assim, certo sentimento de solidariedade fascista. Também acreditava que era possível adaptar as características centrais do fascismo europeu a realidade nacional do Brasil, sem que tivesse, necessariamente, que importar características particulares destes países, como o racismo alemão, considerado uma particularidade do nacionalismo daquele país. Obteve um importante status dentro do movimento, sendo, por exemplo, Chefe do Departamento Nacional da Doutrina e Diretor do jornal *A Ação*.

A Ação Integralista Brasileira demonstrou, durante sua existência, um alto grau de solidariedade e de afeição pelos movimentos fascistas europeus. São inúmeras as publicações

na página “Momento Internacional” do Jornal *A Offensiva* que podem corroborar com esta afirmação. Os teóricos também não deixaram de realizar análises neste sentido: “A análise dos textos revelou que os teóricos integralistas e a imprensa partidária não dissimularam este sentimento de simpatia para com o movimento fascista (...)” (TRINDADE, 1979, p. 269). Contudo, essas afirmações dizem respeito à relação entre o Integralismo e os movimentos fascistas da Europa e não estão pautadas nas relações entre a AIB e os movimentos desse gênero no continente sul-americano, diálogos estes ainda pouco estudados pela historiografia destes países.

Assim, o Integralismo aceita diversas das premissas do conteúdo fascista, como o nacionalismo exacerbado, por exemplo. Outros traços também são visíveis, como o combate ao liberalismo, ao comunismo, ao capitalismo internacional e ao judaísmo. Rafael Athaides, que em sua tese de doutorado aprofunda essa discussão sobre o conceito de fascismo, vai além:

Os integralistas negavam veementemente o materialismo da ilustração e seus desenvolvimentos políticos: o liberalismo (tanto em sua vertente moderada, quanto na defensora do sufrágio universal) e o marxismo, entendidos como “dois irmãos gêmeos disputando a herança do século XVIII e as promessas da Revolução Francesa” nas palavras de Miguel Reale (1983a, p. 21) (ATHAIDES, 2012, p. 40).

A AIB, portanto, possuía características que figurariam em praticamente todas as formulações de autores que se preocuparam em caracterizar o fascismo genérico. Entretanto, como grande parte destes movimentos, reivindica originalidades que de certo modo são particularidades que expressam a conjuntura em que o movimento foi criado, por exemplo, o sentido espiritualista da organização, como defende Barroso:

De todos os movimentos de caráter fascista, e assim os denominados por falta de expressão mais apropriada para a sua generalidade, o Integralismo Brasileiro é o que contém maior dose de espiritualidade e um corpo de doutrina mais perfeito à formação dos grupos naturais e à solução dos grandes problemas materiais (BARROSO, 1937, p. 15)

Para encerrar esta breve contextualização sobre a Ação Integralista Brasileira, um dos grupos estudados por este projeto, é imprescindível salientar que a AIB surgiu no bojo da mudança política sofrida no Brasil com a Revolução de 1930, mantendo relações com o governo, ora com aproximações, ora com distanciamentos. Os integralistas, inclusive, estiveram perto de chegar ao poder, como afirma Bertonha:

O movimento esteve perto de atingir o poder no Brasil, tendo participado do golpe de Getúlio Vargas que criou o Estado Novo em 1937. Sua força foi insuficiente, porém, para assumir o poder num país onde a direita conservadora (especialmente a Igreja, os militares e as elites políticas e econômicas) manteve o controle do governo. Ao final, o movimento foi expelido do bloco governista e, após tentar um golpe de Estado em 1938, foi formalmente eliminado por Vargas, tendo seu líder, Plínio Salgado, se refugiado em Portugal (BERTONHA, 2009, p. 6).

Esta relação de aproximações e distanciamentos – entre Vargas e a AIB – gerou, inclusive, erros de avaliação por parte de periódicos de movimentos nacionalistas de outros países, como o Uruguai e a Argentina, sobre a participação integralista no governo após o Estado Novo. Esta breve participação se encerrou completamente com o fim dos partidos políticos e com a tentativa de golpe integralista em 1938, acontecimento este que decretou o fim desta organização, com seus principais dirigentes sendo perseguidos e/ou deixando o país.

1.6 Os atores entram em cena – A Acción Revisionista del Uruguay

A República Oriental do Uruguai assistiu durante o final dos anos 1920 e principalmente durante a década de 1930, o surgimento de diversos movimentos que professavam o antiliberalismo e que podem ser caracterizados em diversos matizes da direita política, desde conservadores, até movimentos de cunho fascista que pretendiam instaurar um regime corporativista no país.

Entre estes grupos não estão somente movimentos miméticos do fascismo europeu, ou mesmo simpatizantes. Existiram também entre os uruguaios intelectuais aqueles que pensaram um projeto específico para o país, como Teodomiro Varela de Andrade que, antes mesmo de participar oficialmente de um movimento corporativista, propôs, na ocasião da discussão da nova constituição pós-golpe de Gabriel Terra, um modelo corporativista inspirado na Itália de Mussolini: “(...) el más radical y netamente fascista (propuesta) el de Teodomiro Varela de Andrade que posteriormente formará un grupo ultranacionalista la ‘Acción Revisionista del Uruguay’” (ALPINI, 1999). Varela de Andrade formulou esta proposta de revisão constitucional alguns meses antes que o Presidente Terra consumasse o golpe de 1933. Esta proposta serviu de base para o “Programa del Revisionismo”, lançado em 1937, ainda sob a Ditadura Terra. Alfredo Alpini, em um estudo sobre o Uruguai no período de auge do fascismo no mundo, contribui para este debate:

No sólo existieron simpatizantes y apologistas del fascismo europeo, también nosotros tuvimos ideólogos que tenían para el Uruguay un proyecto teórico-político de inspiración fascista. A partir de la segunda mitad del decenio de los treinta comenzaron a surgir un conjunto de agrupaciones políticas y publicaciones que se autodefinían como nacionalistas y que tenían pensado suplantarlo el sistema democrático liberal por medio de una revolución (ALPINI, 1999).

O primeiro destes movimentos é datado do ano de 1929. Trata-se da Organización Patriótica del Uruguay. No entanto, foi após a metade da década de 1930 que estes movimentos começaram a proliferar em pequenos grupos. Estes grupos não chegaram a se transformar em grandes movimentos de massas como o Integralismo no Brasil, mas procuraram influenciar a sociedade fora do círculo dos grandes partidos tradicionais.

A provavelmente mais importante publicação de movimentos de extrema direita, não tradicionais, foi a revista *Corporaciones*, fundada em novembro de 1935. A revista e seu conteúdo específico serão trabalhados de forma pormenorizada no capítulo 2. Neste momento, basta a informação de que foi desta revista que surgiu a Acción Revisionista del Uruguay, em 1937. Um surgimento tardio, se comparado ao do principal movimento do gênero no Brasil. Contudo, a Acción Revisionista del Uruguay vinha sendo gestada dentro da revista *Corporaciones*, que se auto intitulava revista de ciências econômicas, política e sociais. Talvez aqui caiba uma analogia com a Sociedade de Estudos Políticos e o jornal *A Razão*, que também elaboraram os principais conceitos do Integralismo antes do lançamento oficial deste movimento. Ou seja, antes do início efetivo da Acción Revisionista, o seu programa estava em processo de amadurecimento e talvez de certa legitimação pela equipe que redigia a revista, a mesma que seguiu no movimento.

O nascimento do Revisionismo se deu em conformidade com o amadurecimento das ideias dos principais ideólogos que publicavam a revista e da necessidade de tornar esse movimento mais conhecido pela a sociedade. “Los 12 números de ‘Corporaciones’ que preceden al presente forman el mas rico acervo de la doctrina que embarga todos nuestros esfuerzos y entusiasmos (...)” (BAUZÁ, 1937, p. 536)³. A própria revista era dirigida para um público que os líderes do movimento consideravam intelectual, uma parcela restrita da sociedade. Dentro dos desejos expressos em seu manifesto programático era, extremamente, necessário buscar mais adeptos para a sua concretização. Portanto, a revista passava a ser uma espécie de porta voz deste movimento para a sociedade.

³ Acción Revisionista del Uruguay: Um paso de trascendencia en la vida politica nacional. *Corporaciones*, nº 13, agosto de 1937, p. 536.

Entre os intelectuais e figuras mais representativas deste movimento nacionalista estão Ernesto Bauzá, que foi o diretor da publicação, Adolfo Agorio, o mais respeitado teórico e também aquele que teve a incumbência de ser o chefe do grupo, além do já citado Teodomiro Varela de Andrade.

Agorio era considerado o líder máximo do movimento, sendo, sem dúvida, o intelectual de mais renome da agremiação. Na ocasião do lançamento da *Acción Revisionista*, Agorio foi ovacionado, segundo *Corporaciones*, pelos cerca de 600 presentes, como uma espécie de baluarte revisionista, como podemos perceber no discurso proferido por Bauzá na primeira assembleia do movimento.

Los que seguimos a Agorio en esta cruzada, no lo hacemos obesionados por razones afectivas, ni impulsionados hacia adelante por afirmaciones deslumbrantes; no. Agorio y con él el Revisionismo no puede hacer otra cosa, si el consenso de nuestros compatriotas así lo quiere, que cumplir un programa preciso, accessible a todos los cerebros, como que para decir lo que se siente, la brevidad es un don y la sencillez un capital que acrecerá nuestro contingente em forma inesperada (BAUZÁ, 1937, p. 603)⁴.

Agorio, portanto, se tornava o líder que representava a unidade, o consenso e a visão de futuro dos revisionistas. Contudo, apesar de gozar de um maior prestígio dentre os adeptos, isso não era tão significativo em um contexto político macro, pois esse grupo vivia a margem da direita conservadora tradicional do país, responsável pela condução do golpe de Estado de 1933, situação esta que, sem dúvida, foi um dos fatores que contribuiu para o não crescimento do grupo.

Adolfo Agorio era uma espécie de colaborador em *Corporaciones*. Na primeira edição da revista escreveu um texto sobre a nova Alemanha em que teceu muitos elogios ao país europeu, que recentemente tinha visitado. O líder revisionista chegou a afirmar que “Em el Tercer Reich y en su Fuehrer encontramos la verdadera y viva fisionomía de Alemania” (AGORIO, 1935, p. 15)⁵. Este texto recebeu congratulações da embaixada da Alemanha que, segundo a publicação uruguaia, foi assinada pelo próprio Hitler. Foi através deste intelectual que a maioria das obras e pensamentos integralistas e de Gustavo Barroso chegaram ao Uruguai.

Já Varela foi líder do Partido de la Defensa, um pequeno agrupamento de direita. Foi um dos mais presentes na publicação do movimento, sendo seu codiretor, e escreveu algumas

⁴ Ecos de la Primera Asamblea Revisionista. *Corporaciones*, n° 14, setembro de 1937, p. 603.

⁵ Adolfo Agorio en la Legación Alemana. *Corporaciones*, n° 1, novembro de 1935, p. 15.

obras como *America y la Revisión constitucional*, de 1938, em que defende premissas revisionistas do programa da Acción Revisionista de Uruguay e analisa as conjunturas de diversos países, inclusive o Brasil. A obra traz uma defesa do Estado Novo de Getúlio Vargas, classificado pelo autor como corporativo. No entanto, apesar de algumas outras obras publicadas, teve pouca expressão política entre os intelectuais de direita no país, mas era muito respeitado entre os seus pares e também era sempre citado por Barroso como um dos líderes deste movimento uruguaio. A edição número 9 de *Corporaciones*, publicada em novembro de 1936, publica uma grande homenagem ao escritor e também revela o Programa Revisionista, já citado anteriormente, assinado por Varela e datado de 1º de janeiro de 1933.

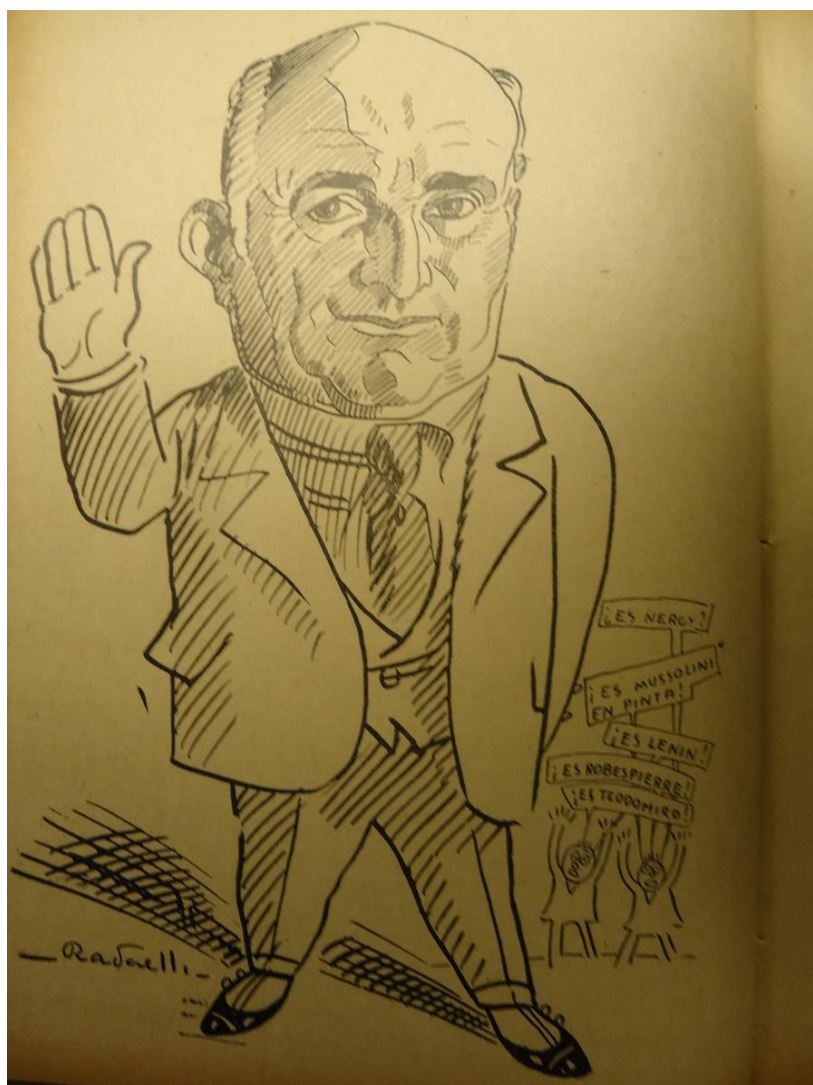


Imagem 1 - Charge de Teodomiro Varela de Andrade. Na imagem lê-se: “¿Es Nero?; ¿Es Mussolini em pinta!; ¿Es Lenin!; ¿Es Robespierre!; ¿Es Teodomiro!”

Fonte: *Corporaciones*, novembro de 1936, nº 9, p. 321.

Ernesto Bauzá tinha a incumbência de ser o diretor e principal responsável pela revista *Corporaciones*. Também foi um dos autores que podem ser encontrados com mais

frequência nas publicações, com diversos textos. Bauzá foi um médico veterinário respeitado e também teve atuação parlamentar, talvez por isso, fosse confiada a ele a direção do periódico.

A Acción Revisionista del Uruguay foi um movimento nacionalista corporativo que procurou se distanciar, ao menos teoricamente, do eixo dominante da política nacional *rojo-blanco*. Declarava-se como um novo movimento de opinião, reivindicando aquela tão conhecida originalidade presente em praticamente todos os movimentos políticos desta natureza. Procurava uma revisão completa dos costumes da sociedade uruguaia, tanto culturais, políticos e sociais, uma reforma integral em busca de uma nova nacionalidade, como defendido por Bauzá na noite de criação oficial do movimento.

Revisión integral de todos nuestros valores, sean ellos políticos, civiles, económicos y culturales! Hacer una nueva nacionalidad y trazar los lineamientos jurídicos de un Estado eminentemente social! La simple enunciación de este postulado, primero de los diez y nueve que integran el programa de la Acción Revisionista del Uruguay, bastaría para justificar el surgimiento del movimiento de opinión que se inicia esta noche (BAUZÁ, 1937, p. 603)⁶.

Apesar de, em seu programa e nos discursos de seus integrantes, o movimento propagar certa independência em relação à política tradicional do Uruguai, cabe salientar que havia um bom relacionamento com o presidente Gabriel Terra, ditador do país. Em várias passagens da revista *Corporaciones* é possível ver saudações respeitadas e elogiosas ao presidente. O lançamento é uma prova disso, quando o presidente Terra recebeu a saudação final, assim como Agorio, Bauzá e a Acción Revisionista.

Essa relação de aparente respeito e admiração é encontrada em outras passagens dentro do periódico porta-voz dos revisionistas. Em uma delas, há a clara defesa do golpe de Estado de Terra, em 1933, como um importante primeiro passo para a nova sociedade que era defendida pelo grupo. Este trecho é bem sugestivo no sentido desta aproximação entre os revisionistas e Terra, mas também, e talvez principalmente, para captarmos o senso antidemocrático, antieleitoral e autoritário do grupo.

Un gobierno de orden, autoridad, actividad y construcción – el de Gabriel Terra – há limpiado el camino de los obstáculos de la democracia relajada, las leguyelerías de las políticas demagógicas y las corrupciones del electoralismo. El país, gracias a ese gobierno, empieza a ver a sentir y a

⁶ Ecos de la Primera Asamblea Revisionista. *Corporaciones*, n° 14, setembro de 1937, p. 603.

pensar claramente. El 31 de Marzo de 1933 señala el comienzo de una revolución de los hechos y em los espíritos (CAMPOS, 1937, p. 678)⁷.

É importante também fazer uma ressalva. O país vivia sob a ditadura de Terra, governo esse que não permitia críticas diretas e que censurava e perseguia opositores políticos. Neste sentido, é claro que é possível haver um sentimento de solidariedade, mas é também muito provável que haja neste conteúdo certa diplomacia para que este grupo e seu periódico não sofressem nenhuma retaliação.

O manifesto de lançamento do Revisionismo foi publicado em agosto de 1937 na revista *Corporaciones*. Ao contrário do Manifesto de Outubro, integralista, que apontava um futuro glorioso para o Brasil sob a égide da AIB, o primeiro manifesto da Acción Revisionista mostrava um aspecto mais introspectivo e trouxe questionamentos como: se o Uruguai seria permeável a estas ideias, ou se compreenderia as vantagens propostas ou ainda sobre a participação das massas neste movimento. Sobre o surgimento do revisionismo, o manifesto nos revela as seguintes linhas escritas por um de seus ideólogos, Ernesto Bauzá:

Acción Revisionista del Uruguay no es otra cosa que el surgimiento de un amplio movimiento de opinión que impulsando el verbo “corporativo” quiere, para nuestra patria el gobierno de especialización, el gobierno por los mejores, la organización “corporativa”, para dirigentes e dirigidos, en una palabra, la revisión total de la vida nacional para ajustarla a la modalidad actual de las exigencias de la vida universal de hoy (BAUZÁ, 1937, p. 536)⁸.

O programa ultrarrevisionista e nacionalista da Acción preparava e propunha um avanço lento e seguro para o grupo, rumo à sociedade idealizada. Um dos aspectos mais interessantes deste conjunto de propostas é a defesa, pelo movimento, da colaboração com os demais partidos para a revisão de valores políticos, civis, econômicos e até mesmo culturais. Defendiam também a radicalização da lei de imigração no país, que já contava neste período com uma legislação restritiva aos imigrantes considerados indesejáveis. Segundo os teóricos, o revisionismo não era uma revolução, sendo na verdade uma revisão de todos os valores da cultura nacional, como os já descritos. Segundo Varela de Andrade: “El revisionismo se propone transformar, renovar e crear de nuevo todos los valores fundamentales de la psicología del complejo social” (ANDRADE, 1937, p. 676)⁹.

⁷ Aurora Revisionista. *Corporaciones*, nº 15, dezembro de 1937, p. 678.

⁸ Acción Revisionista del Uruguay: Um paso de trascendencia en la vida politica nacional. *Corporaciones*, nº 13, agosto de 1937, p. 536.

⁹ Um Manójo de joias revisionistas *Corporaciones*, nº 15, dezembro de 1937, p. 676.

É possível encontrar afirmações, com certa frequência dentro da revista, de que o revisionismo não é uma doutrina ou ainda um dogma, sendo uma tendência clara para a sociedade. O projeto prevê a construção de um Estado de concordância, sem grandes embates internos. Um Estado que levasse o “Patriotismo primero, partidismo después; altruísmo en todo momento” (BAUZÁ, 1937, p. 666)¹⁰.

A criação do movimento chamou a atenção de outros setores da extrema-direita, por exemplo, do jornal *A Sentinela Alemã*, que fez referências elogiosas ao novo grupo. Em relação à Alemanha, inclusive, cabe ressaltar o sentimento de solidariedade e, até certo ponto, de encantamento que o líder do movimento, Adolfo Agorio, tinha para com o nacional socialismo germânico. Em um texto publicado na revista *Corporaciones*, Agorio ataca parte da Europa pelas políticas fracas que tiram os jovens do trabalho e defende a política de melhoramento de raças do governo alemão, como é possível perceber na seguinte passagem:

El Estado contribuye eficazmente a la creación de un tipo ideal de raza humana, dueño de un potencial mental y física capaz de defenderse con éxito de las enfermedades y miserias humanas que acechan la estabilidad de la especie (AGORIO, 1937, p. 600)¹¹.

Em outro trecho deste texto, o comandante revisionista revela certo antissemitismo ao defender a política alemã de melhoramento racial. Em sua visão, essa política de defender a pureza da raça não é novidade de Hitler e já era praticada inclusive pelos judeus que, portanto, não poderiam acusar os alemães de fazer algo que já realizavam:

En cuanto al esfuerzo enérgico en el sentido de conservar en toda su pureza los rasgos eternos de la raza germánica, no constituye siquiera un invento del Tercer Reich. Las preocupaciones de orden selectivo han sido predicadas por los judíos, cuya pureza racial fué mantenida a través de los siglos mediante procedimientos milenarios de incontaminación. El método si repite ahora en de sus inventores. Los alemanes han aprendido bien la lección, y no son precisamente los hijos de Israel quienes posen más derecho para lamentarse del progreso de sus mismas doctrinas raciales (AGORIO, 1937, p. 600)¹².

Contudo, é importante salientar que este sentimento, definitivamente, não era o mais expressivo dentro do manifesto programático da Acción Revisionista de Uruguay. No período em que *Corporaciones* se tornou oficialmente o porta-voz de um movimento político, pouco se viu nesse sentido e este artigo de Agorio é uma destas exceções. Entretanto, o texto é

¹⁰ Patriotismo, Partidismo, Altruismo. *Corporaciones*, nº 15, dezembro de 1937, p. 666.

¹¹ Sobre la nueva Alemania: los deberes de la salud. *Corporaciones*, nº 14, Setembro de 1937, p. 600.

¹² Idem, ibidem.

exatamente do líder máximo e baluarte revisionista e obviamente a figura de Adolfo Agorio expressando um antissemitismo, mesmo que em teor menor, seguramente, é sintomático em relação aos ideais do movimento. O sentimento de solidariedade e admiração com a Alemanha de Hitler, exposto já em fins de 1937, demonstra a ligação ideológica do movimento nacionalista uruguaio.

Em 1938 chegou ao fim o período de Ditadura do Presidente Gabriel Terra, com a eleição de seu cunhado, o general Alfredo Baldomir. A *Acción Revisionista del Uruguay* apoiou enfaticamente a eleição de Baldomir. Antes do pleito, distribui pelo país dois textos ressaltando o apoio a sua candidatura, um deles inclusive foi publicado no diário uruguaio *La mañana*, de circulação nacional.

A decisão de apoiar Baldomir é explicitada em documentos do movimento e na dedicatória da edição nº 16 da revista *Corporaciones*, endereçada a homenagear o novo presidente. A decisão foi explicada pelo fato deste não ter um passado político e unir a sua posição militar com sua profissão civil – arquiteto. A filiação ao setor conservador do Partido Colorado, de onde também se originou a ARU, claramente também pesou para esta decisão. Contudo, o fato da *Acción Revisionista del Uruguay*, um movimento que pode ser visto como antidemocrático, decidir participar de uma eleição, mesmo que de forma indireta, poderia ser visto como algo contraditório. Não para o Comitê Executivo Revisionista, que ao conclamar o dever dos filiados ao movimento de apoiar a candidatura de Alfredo Baldomir, afirmou em um de seus comunicados pré-eleitorais:

Por más profundo y arraigado que sea el sentimiento anti-electoralista del Revisionismo, no debe sustraerse a las soluciones de la vida nacional, máxime cuando su intervención no compromete para nada su acción política y cultural del futuro (*CORPORACIONES*, 1938, p. 728)¹³.

O revisionismo não apresentou nenhuma candidatura em 1938, mas não simplesmente por não querer participar diretamente do processo. O motivo concreto da falta de uma opção desta vertente da extrema-direita foi o fato de que o grupo não possuía cerca de 10 mil adeptos oficiais, número mínimo para o registro com o intuito de disputa eleitoral. Apesar do Comitê Executivo, em seu Boletim da Vitória, ter agradecido aos milhares de simpatizantes e de pessoas que não podiam oficialmente se filiar a *Acción Revisionista*, o fato decisivo foi que o grupo oficialmente não possuía uma inserção de massa. Esse dado é de grande relevância para entendermos a amplitude desse movimento.

¹³ Dos documentos históricos. *Corporaciones*, nº 16, maio de 1938, p. 728.

Contudo, neste período eleitoral, traços como o antiliberalismo foram demonstrados. Em uma passagem do já citado Boletim da Vitória, o Comitê Executivo Revisionista destaca: “No somos un partido más que venga a aumentar el desorden de los egoísmos en que se despedazan, al amparo del régimen liberal, las distintas parcialidades políticas” (*CORPORACIONES*, 1938, p. 729)¹⁴.

A edição de número 16 do periódico da Acción Revisionista foi dedicada ao engrandecimento da vitória de Baldomir e a participação do grupo nesta campanha. Este foi o último número de *Corporaciones*, justamente o primeiro depois da eleição do presidente que realizou a abertura democrática do país e ajustou a política internacional uruguaia ao campo de influência política estadunidense. Com a última edição de *Corporaciones*, findou-se também registros públicos da Acción Revisionista del Uruguay, que não fez parte do cenário político da reabertura democrática do país pós 1938. Outro grupo, intitulado revisionista, ainda sobreviveu na política nacional até meados de 1940, mantendo um periódico chamado *Frágua* que tinha como diretor Leslie Crawford, que chegou a figurar nas páginas de *Corporaciones*. Apesar do nome, ao que tudo indica, são agrupamentos diferentes, tendo apenas esse contato sido registrado por esta pesquisa.

Obviamente não é a intenção deste trabalho equiparar e colocar em condições de igualdade a Ação Integralista Brasileira e a Acción Revisionista del Uruguay. A ARU foi um movimento incipiente que obteve pouco sucesso em sua divulgação e enraizamento, enquanto a AIB se tornou um grande movimento de massas de cunho claramente fascista.

A Acción Revisionista del Uruguay foi o movimento nacionalista daquele país que manteve o maior contato com os integralistas e, por isso, recebe nossa preferência para este estudo. Espelhava-se no Integralismo, no Nazismo e no Fascismo italiano. Defendia ideias corporativistas, nacionalistas, anticomunistas, antiliberais e de forma mais tênue antisemitas, ainda mais se compararmos com outros movimentos que efetivamente praticavam o antisemitismo no Uruguai, como o próprio revisionismo de Leslie Crawford.

Devido ao fato de se posicionarem por uma revisão completa dos costumes sociais, políticos, culturais, entre outros, e defenderem uma nova constituição para o país que não se assemelhasse a que estava em vigor e que não copiasse preceitos estadunidenses e europeus, este movimento uruguaio não pode ser considerado conservador ou reacionário pura e simplesmente. Visto por Gustavo Barroso, o Revisionismo fazia parte da grande família de movimentos que poderiam ser classificados como fascistas durante os anos de 1930, muito

¹⁴ Dos documentos históricos. *Corporaciones*, nº 16, maio de 1938, p. 729.

embora, a aplicação deste conceito ao grupo possa ser alvo de debates ainda mais aprofundados.

Outros pontos no sentido de melhor delinear o que foi a *Acción Revisionista del Uruguay* devem ser elencados aqui. O primeiro deles é que apesar de Adolfo Agorio exercer uma liderança reconhecida entre os seus pares, como o grande intelectual e mentor do grupo, o mesmo não exerceu o papel de Chefe Nacional na acepção do que era vivido por Plínio Salgado ou mesmo como foram Mussolini e Hitler. A simbologia e liturgia também não foram patentes, sendo apenas possível perceber alguns símbolos na revista, principalmente na capa e primeira página. Outro fator que deve ser lembrado é que os revisionistas não conseguiram se transformar em um movimento de massas, algo que é imprescindível para estes grupos fascistas. Apesar de não terem conseguido despertar a paixão e entusiasmo do povo por essa doutrina, isso não significa que em certo ponto de sua trajetória não tenha tentado alcançar esse intento, principalmente nos anos 1937 e 1938, quando o grupo organizou o movimento de forma oficial. A pouca adesão, neste caso, está ligada intrinsecamente a fatores da conjuntura nacional que não favoreceram a expansão de nenhum destes grupos nacionalistas da extrema-direita política.

O fato de, neste período, existir uma ditadura conservadora de direita no país, ao mesmo tempo em que proporcionou liberdade para ação destes grupos, que em nenhum momento demonstraram oposição ferrenha a ela, também travava uma possível união de forças do país em torno deste projeto, já que os demais setores da direita política estavam contemplados no governo e não viam a necessidade de ter que recorrer a nenhum tipo de radicalização (BERTONHA, 2013).

Os aspectos gerais do periódico, desde seu início em novembro de 1935, serão trabalhados no segundo capítulo, que trata dos instrumentos de diálogo entre os movimentos. Neste primeiro capítulo, a intenção foi apresentar o grupo, seu lançamento oficial e seus principais aspectos ideológicos, sua relação com o governo do país, seus principais líderes e sua identificação com a Alemanha. O fato de o grupo ser oficialmente organizado tardiamente, em 1937, faz de seu caso específico um interessante assunto para a análise.

Portanto, estes são os atores que estão em cena durante o período: Vargas e Terra e especialmente a Ação Integralista Brasileira e a *Acción Revisionista del Uruguay*. Estes atores chamam a atenção por terem surgido em um cenário em que fatores exógenos e endógenos se combinaram para que fosse possível o seu aparecimento. Claramente houve influência da Primeira Guerra Mundial e da Crise de 1929. No entanto, apenas estes dois acontecimentos globais não são suficientes para entender estes movimentos nacionalistas e estes governos

autoritários, que também expressavam condições internas para a sua formação e consolidação. Entretanto, depois de conhecê-los, algumas questões se levantam, como: os dois movimentos nacionalistas se relacionavam? Quais eram os meios deste diálogo? Neste sentido, serão esses meios de comunicação que efetivamente estarão sob análise no capítulo a seguir.

2 OS INSTRUMENTOS DE DIÁLOGO: OS PERIÓDICOS BRASILEIROS E URUGUAIOS

Neste capítulo passamos a discorrer sobre os instrumentos de diálogo entre os grupos estudados por esta pesquisa. Conhecer mais de perto estes instrumentos é de grande importância para que se possa estabelecer em quais termos aconteciam às relações entre estes grupos, bem como, delimitar a própria lógica de aproximação e distanciamento destas agremiações.

Tendo como base algumas das questões centrais pesquisadas neste trabalho, como a visão de um movimento sobre o outro e o sentimento de solidariedade entre estes grupos, analisamos como imprescindível conhecer um pouco mais destas fontes primárias e prioritárias para este contexto e que serão usadas, justamente, para estabelecer os resultados aqui propostos.

No primeiro capítulo, delimitamos um recorte bem específico em relação aos grupos que estão em estudo – A Ação Integralista Brasileira e Acción Revisionista del Uruguay – pelos motivos já expostos. Nesta segunda parte, como dito anteriormente, ampliaremos as fontes de estudo para podermos apresentar outros periódicos uruguaios de movimentos que se aproximavam ideologicamente da Acción Revisionista del Uruguay e que também estiveram comprometidos com a transformação conservadora da sociedade uruguaia. Este exercício é relevante para esta pesquisa no sentido de deixar claro que existiram outras publicações de diversos grupos da extrema direita que se apresentaram como alternativa política. Sua abordagem em menor escala neste trabalho se deve prioritariamente ao fato de que estes periódicos realizaram pouco ou nenhum contato explícito com a Ação Integralista Brasileira.

Neste capítulo também será apresentado de forma sucinta um pouco da estrutura de informação da AIB, que notadamente é muito superior a dos grupos uruguaios pesquisados, pelo número de publicações e pela organização central, algo que reflete o tamanho alcançado pelo integralismo, um movimento de massas em um país continental. No Uruguai, os movimentos que podem ser considerados no âmbito aqui estudado foram menores e, enquanto a AIB possuía dezenas de publicações, na Banda Oriental estes movimentos contavam com apenas um órgão de comunicação cada um.

Essas publicações nos revelam certa complacência dos governos de Getúlio Vargas e de Gabriel Terra com estes mecanismos de imprensa, situação que no Brasil durou até o Estado Novo, quando a rede de jornais integralistas praticamente foi extinta, sobrevivendo, quando muito, até 1938. No caso brasileiro, é necessário que se ressalte que, apesar dos

aparatos de Vargas e de algumas leis restritivas do período, *A Offensiva* circulou em grande parte de sua existência em um regime constitucional. Já no Uruguai alguns dos periódicos que serão apresentados conseguiram uma longevidade um pouco maior, sendo constatada a existência dos mesmos até o início dos anos 1940, quando também desapareceram. Neste caso, podemos aventar que esta situação se deve mais à influência dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, que colocou em xeque muitos dos postulados destes grupos, anteriormente defendidos. É importante ressaltar também, que a emergência destas publicações em solo uruguaio tem uma datação um pouco posterior ao início dos principais periódicos integralistas, como bem demonstra Alfredo Alpini:

En Uruguay, Agorio fue el primer intelectual que reflexionó sobre el fascismo, considerándolo una salvación para Occidente y para nuestro país. Posteriormente, entre 1935 y 1940, se sumaron a la causa fascista varias publicaciones –revistas, periódicos, mensuarios- y distintos grupos políticos defensores del falangismo en España y del régimen de Mussolini. Inspirados en las ideas de la derecha radical, comenzaron a hacer una prédica en pos de una revolución nacionalista. El objetivo de todos ellos era la destrucción del sistema político liberal y la instauración de un régimen corporativo (ALPINI, 2002, nº 221).

É fato que, até 1937, com o advento do Estado Novo, os jornais integralistas tiveram totais condições de se desenvolver. São raros os casos de alguma edição ter sido censurada. Essa constatação é relevante no sentido de entender que houve certa tolerância das elites conservadoras que governavam o país para com os movimentos de extrema-direita. Contudo, neste aspecto uma ressalva é necessária. O Integralismo sofreu significativas censuras em estados como Bahia e Paraná, censuras estas que foram ativamente combatidas nas páginas de *A Offensiva*. No Uruguai, o governo Terra perseguiu movimentos de esquerda, enquanto tolerou os de extrema-direita, como a Acción Revisionista de Uruguay. Esse bom relacionamento ficava expresso nas páginas da revista que, por diversas vezes, elogiava a presidência da república.

No Brasil, o vasto número de adeptos do integralismo e o tamanho do território nacional, como já citado, fez a direção da AIB se preocupar em criar um mecanismo de controle das publicações do movimento. Assim surgiu a rede “Sigma de Jornaes Reunidos”, que era composta por inúmeros informativos. Os principais são o *Monitor Integralista*, publicação importante de âmbito interno do movimento, considerado o diário oficial da AIB; a *Acção*, editado em São Paulo; e *A Offensiva*, editado no Rio de Janeiro, que é considerado o mais importante periódico e teve a própria figura de Plínio Salgado a sua frente por certo

período e como orientador até o fim de sua editoração. Houve também uma importante revista de circulação nacional chamada *Anauê*. No respectivo tópico sobre o instrumento de diálogo brasileiro, trabalharei prioritariamente com *A Offensiva*, por este ter sido um instrumento de extrema importância para o movimento, pela participação direta do Chefe Nacional em sua editoração e por demais motivos que ao longo destas linhas serão apresentados.

No caso brasileiro, a preocupação com a manutenção da doutrina e com uma unidade integralista levou a AIB a formar um grande aparato de controle destas publicações. Consta neste aparato a já citada rede Sigma de Jornais e a Secretaria Nacional de Imprensa fundada em 1936, além de outros órgãos, como afirma Murilo Paschoaleto:

Visando controlar e ao mesmo tempo expandir, mas de forma padronizada, a rede impressa do movimento, a AIB criou um enorme aparato burocrático, constituído pela Secretaria Nacional de Imprensa, pelas Comissões de Imprensa, e pelo Consórcio jornalístico Sigma – Jornais Reunidos. Todo esse aparato, por fim, era subordinado diretamente a Plínio Salgado, Chefe Nacional da AIB (PASCHOALETO, 2012, p. 31).

O consórcio Sigma – Jornais Reunidos foi criado em 1935 e uniu ao todo 88 periódicos integralistas no início de seus trabalhos. Alguns autores, como Murilo Antônio Paschoaleto e Jefferson Rodrigues Barbosa, que trabalharam especificamente este tema, trazem importantes dados sobre este sistema. Barbosa ressalta o papel ideológico do novo aparato:

O consórcio jornalístico Sigma - Jornais Reunidos formava um conjunto de 88 jornais em circulação por todo o território nacional que tinha como proposta ser o canal de interpretação do Brasil e do exterior sob a perspectiva ideológica do integralismo, sendo subordinado a Secretária Nacional de Propaganda, sob a censura “Chefia Nacional” (BARBOSA, 2007, p. 108).

Posteriormente à criação da rede Sigma, surgiu a Secretaria Nacional de Imprensa – SNI - com o objetivo específico de centralizar e dar uniformidade a todas as publicações integralistas. A SNI também era diretamente subordinada ao Chefe Nacional, mas tinha um papel ainda mais significativo e importante que o conglomerado, indo além da orientação e repasse de informação. A Secretaria detinha o poder de punição, ou seja, aqueles periódicos que fugissem da doutrina e da orientação nacional poderiam ser excluídos da rede “Sigma – Jornais Reunidos” e perderiam o título de informativo integralista.

A construção de todo este aparato é a expressão de como a imprensa era algo importante dentro dos planos da Ação Integralista Brasileira. Plínio Salgado tentava manter sob seu controle a doutrina, tendo em vista que era através destes veículos de comunicação que o pensamento integralista chegava até as massas, considerando para esta afirmação, a menor circulação dos livros escritos pelos ideólogos do movimento.

É claro que esta burocratização e centralização não são atitudes estranhas ao movimento que tem como uma das principais características a hierarquização, como define Trindade: “A estrutura da AIB, desde o Chefe até os militantes de base, forma uma organização burocrática e totalitária” (TRINDADE, 1979, p. 161).

A AIB possuía toda esta preocupação justamente pelo papel que os periódicos tinham na disseminação do integralismo. Ao contrário dos livros, em que os teóricos buscavam delimitar temas de forma mais aprofundada, os jornais, como *A Offensiva*, traziam palavras de ordem mais susceptíveis a população, ou seja, se nos livros a teoria desenvolvida por Salgado, Barroso, Reale e demais pensadores do integralismo é mais bem delimitada e complexa, nos jornais a atitude é mais militante e a doutrina é repassada de forma menos erudita.

É claro que estes informativos seguem a linha ideológica transcrita nos livros e desenvolvida pelos ideólogos, contudo, o intuito é atingir as massas com uma linguagem mais compreensível. Se nos livros o antiliberalismo é o principal discurso, nos jornais o anticomunismo e até mesmo o antisemitismo também são muito utilizados pela sua capacidade mobilizadora. A conspiração judia é bem aceita por boa parte dos militantes integralistas.

A tendência ao discurso anticomunista está expressa na capa de grande parte dos exemplares do jornal *A Offensiva*. Algo que será melhor trabalhado no próximo tópico, específico sobre este periódico.

Como no Uruguai surgiram vários pequenos grupos, cada um com a sua única publicação específica, não há registro de construção de nenhuma estrutura semelhante à utilizada pela AIB com tamanha centralização. Enquanto todos estes periódicos citados até aqui estavam sob o guarda-chuva da Ação Integralista Brasileira, no Uruguai existiram outros movimentos que, de forma independente, editavam o seu próprio jornal. Além do *Corporaciones*, da *Acción Revisionista del Uruguay*, existiram o periódico *Fragua*, do Movimento Revisionista, *Audácia*, da *Acción Nacional*, *El Orden*, que era o órgão da *Unión Nacional del Uruguay* e *Atención*, que não era oficialmente ligado a nenhum movimento, contudo, colaborava com o Movimento Nacional Comercial Antijudio, dentre outros.

Obviamente, por estas publicações pertencerem a grupos políticos diferentes não havia unidade de ação. Apesar disso, é possível encontrar discursos aproximados entre elas no que diz respeito à negação da liberal democracia e principalmente na propagação do antissemitismo, tendo em vista que parte delas praticava um feroz combate ao judeu. Alpini reflete sobre a orientação política dos movimentos que produziam estas publicações:

Entre los distintos grupos políticos y publicaciones existían ciertas diferencias, aunque un espíritu común. En una vertiente radical, decididamente antiburguesa y antisistema, militaban la "Acción Nacional", "Renovación Nacional", el "Movimiento Revisionista" y, tal vez, Agorio. Por otro lado, más cercanos a la derecha política católica, a los sectores más conservadores del Partido Colorado, se encontraban la "Acción Revisionista del Uruguay", la "Unión Nacional del Uruguay" y el "Movimiento Comercial Nacional Antijudío", no tan destructivos como los primeros, pero sí antiliberales (ALPINI, 2002).

A análise de Alpini assume um caráter bastante interessante, pois estipula dois campos políticos dentro da extrema direita uruguaia, um mais radical e outro mais moderado. No entanto, apesar de classificar a Acción Revisionista del Uruguay em um campo mais próximo do conservadorismo tradicional, por ter vínculos com a direita do Partido Colorado, é importante que se reitere que é neste grupo que está o intelectual defensor do fascismo mais conhecido no Uruguai, e é este movimento que mais procura conhecer e difundir seus irmãos de ideias, como o Integralismo. Agorio, em *Corporaciones*, faz grande apologia ao nazismo alemão e a doutrina revisionista de maneira nenhuma se baseava em um conservadorismo tradicional, pois propunha uma mudança radical nos costumes do país. Talvez nesse trecho, Alpini tenha levado em consideração a impetuosidade dos jovens burgueses que comandavam os outros grupos, tendo em vista que os Revisionistas de *Corporaciones* buscavam alcançar a intelectualidade e as elites do país e a posteriori as massas.

Outro importante aspecto a ser percebido nestas publicações é o grau de solidariedade com a Alemanha de Hitler e principalmente com Itália de Mussolini, devido ao fato do Duce realizar uma importante campanha propagandística de seu regime, principalmente nas colônias de imigrantes e em movimentos pró-fascistas, com grande aumento nos anos 1930, como bem caracteriza João Fábio Bertonha:

(...) o governo fascista dispunha de um tripé formado por três pólos: a propaganda cultural e ideológica, a ação das coletividades italianas e o relacionamento com os governos locais e, especialmente, com os movimentos de base fascistas que se espalharam pela América Latina nos anos 30 (BERTONHA, 1997, p. 6).

Observar o quanto estes periódicos fazem apologia à Itália ou trazem notícias sobre Mussolini e o fascismo italiano, ou ainda, publicações de agências de notícias de Roma, é um importante sinal para avaliar o nível de relação e afinidade com o fascismo e também o sentimento de solidariedade e admiração com o país onde foi composto o primeiro governo com tal ideologia.

Para finalizar esta breve introdução, cabe ressaltar algumas das diferenças entre os principais periódicos estudados: *A Offensiva* e *Corporaciones*. *A Offensiva* foi o mais destacado jornal integralista e surgiu em 1934, após a criação oficial da AIB. *Corporaciones* nasceu em 1935, antes da Acición Revisionista del Uruguay, que enquanto movimento aparece apenas em 1937. Apenas depois desta data é que o informativo uruguaio passa a ser realmente uma revista de propaganda de um movimento. Antes disso, ela poderia ser mais bem classificada como revista de propaganda de um sentimento, de uma ideologia, presente no grupo que a fundou. Outra importante diferença é que *A Offensiva*, apesar de inicialmente ter sido utilizada mais como instrumento de doutrinação, se transformou em um jornal voltado para as massas, tendo características de um informativo moderno, com notícias que extrapolavam o ambiente da AIB, principalmente após a transformação de semanário para diário. *Corporaciones* era voltado, como a própria propaganda da revista coloca, para os intelectuais e tinha uma tiragem mensal, o que a deixava mais densa em informação.

2.1 Os Instrumentos de diálogo no Brasil: *A Offensiva*

Como já demonstrado, a Ação Integralista Brasileira atribuía um grau de importância muito grande ao impresso do movimento, principalmente no que diz respeito aos jornais. Como também já foi salientado, havia uma gama muito grande destes periódicos. Com objetivos claros, como o de massificar a informação, a AIB aumentou estupendamente o número de publicações e de tiragens de seus informativos, o que, segundo Paschoaleto, intentava “difundir a doutrina integralista; arregimentar novos militantes; “educar” a população; estabelecer uma padronização, em âmbito nacional, tanto da difusão ideológica, quanto da própria estruturação do movimento” (PASCHOALETO, 2012, p. 36).

Com uma gama tão grande de publicações, se faz necessário para efeitos deste trabalho delimitar um destes jornais para fixarmos a investigação, tendo em vista que o objetivo aqui não é expor detalhadamente todos os aspectos gerais da imprensa e sim apenas apresentar o principal agente de instrumento do diálogo entre AIB e os movimentos uruguaio. Neste caso, o escolhido foi o já citado jornal *A Offensiva*, que, junto com o *Accção* e

Monitor Integralista, é um dos mais longevos. Foi considerado o principal do grupo e por certo tempo foi comandado diretamente pelo Chefe Nacional, Plínio Salgado. Portanto, neste tópico desenvolverei alguns aspectos importantes deste periódico. Cavalari delimita de forma adequada o papel do jornal dentro da organização dos integralistas:

A palavra imprensa, isto é, o livro e o jornal ocupava um lugar de destaque na rede constituída pela AIB. Era, principalmente por seu intermédio, que a doutrina integralista chegava até ao militante. O livro veiculava as idéias produzidas pelos teóricos do partido e o jornal as popularizava. A doutrina mantinha-se viva para o integralista graças a sua materialização através do jornal. O jornal desempenhava, assim, a função de atualização e popularização do “corpus teórico” integralista junto aos militantes (CAVALARI, 1999, p. 79).

A *Offensiva*, portanto, entra no rol destes jornais tão importantes para o Integralismo que se tornaram referência. Além dele, outro importante veículo de comunicação foi o *Monitor Integralista*, contudo, este último agia mais como um órgão oficial da AIB, servindo para dar amplitude às notícias do movimento ou para alguma ação do Chefe Nacional e demais secretarias, ou seja, para “difundir as normas e a estrutura interna do movimento” (PASCHOALETO), 2012, p. 38).

O jornal *A Offensiva* foi visto pela primeira vez (imagem 2) circulando no dia 17 de maio de 1934. Até janeiro de 1936 permaneceu com apenas uma edição por semana. Tornou-se um jornal diário a partir de 28 de janeiro de 1936, perdurando até 19 de março de 1938, quando parou de circular sem que sequer houvesse uma nota sobre o seu fim. Ao todo, *A Offensiva* circulou 748 vezes durante este período.



Imagem 2 – Capa do primeiro número do jornal *A Offensiva*

Fonte: *A Offensiva*, 17 de maio de 1934, ano 1, n. 1, capa.

Como é possível perceber na imagem, já em seu primeiro número, *A Offensiva* deixava claro quem eram seus inimigos: o comunismo e a liberal-democracia. Também fica claro o aspecto ultranacionalista do informativo. Mesmo que o jornal utilize mais o anticomunismo como mobilizador de massa, como já foi salientado em outra passagem, cabe ressaltar aqui que é possível claramente perceber que Salgado buscava manter a doutrina e demonstrar de forma mais acessível que, dentro do aspecto doutrinário integralista, o comunismo era um mal oriundo da liberal-democracia, como nesta passagem da capa de *A Offensiva*:

Os communistas devem estar exultando com a lei contra o extremismo! Porque elles sabem que a sua força reside nos vícios fundamentaes da liberal democracia e da economia burguesa, e que será fatal a sua marcha dentro deste regimen. Para ser contra o communismo é preciso ser contra as instituições cujos erros o alimentam (*A OFFENSIVA*, 1935, capa)¹⁵.

No início, era o próprio Plínio Salgado o responsável pela sua editoração. Entretanto, muitos números mais tarde essa função foi repassada a outro membro integralista, ficando Plínio, no entanto, com o título de “orientador”, que mantinha alguns vínculos e principalmente textos na publicação. Além de Plínio, figuras importantes, como Miguel Reale e Gustavo Barroso, podem ser encontradas facilmente nas páginas do periódico. Além destes, outros nomes relevantes, como o de Madeira de Freitas, que passou a ser o diretor do jornal, também são encontrados.

Ao longo do período de 1934 a 1938, *A Offensiva* sofreu diversas mudanças, algumas oriundas das necessidades de adequação à conjuntura do país, como o ajuste de conteúdo para que o informativo não fosse fechado por Getúlio Vargas, principalmente após o advento da Lei de Segurança Nacional promulgada em 4 de abril de 1935. Outras mudanças são relativas à ordem interna do grupo, como a transição de movimento para partido político. Essa transição foi talvez sua mais importante transformação, pois ditou o ritmo do periódico que começou a preparar a campanha de Plínio Salgado para a presidência da república, preparação esta que foi frustrada com o advento do Estado Novo.

A imagem 2 também nos mostra os aspectos principais da capa do informativo que trazia a chamada do jornal, que na maioria das vezes se apresentava mais como uma palavra de ordem do que como uma manchete. As letras garrafais e o tom utilizado mostravam o caminho a ser seguido para os adeptos do integralismo, tanto no sentido teórico, quanto no

¹⁵ *A Offensiva*, ano 2, nº 39, Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 1935, capa.

sentido prático, e por muitas vezes “denunciavam” atitudes e complôs contra a nação brasileira e os trabalhadores.

A utilização constante desta ferramenta na capa do jornal deixa a impressão de certa padronização desta página, algo que para as demais folhas não pode ser afirmado, como defende Paschoaleto:

Se, por um lado, podemos estabelecer um padrão para a primeira página do *A Offensiva*, o mesmo não pode ser aplicado às demais páginas que compunham o periódico. No entanto, a presença de determinadas colunas e/ou seções temáticas em páginas específicas, permite-nos dizer que determinada página dava ênfase a um assunto em especial (PASCHOALETO, 2012, p. 47).

As transformações que esta publicação sofreu foram importantes para que o informativo pudesse se aproximar de uma faixa da população que não era ligada diretamente ao Integralismo. A inclusão de uma área para cultura, outra para os esportes e ainda uma para mulheres, mostra o esforço em se aproximar das demais faixas da população, adequando o jornal ao modelo que era praticado pelos outros órgãos de imprensa.

Com base na observação destas mudanças é possível perceber as transformações que o movimento apresentou, e esse também é um dos motivos da importância do estudo deste periódico para melhor compreensão do próprio Integralismo. Segundo o historiador Rodrigo Santos de Oliveira, o informativo teve três fases: a primeira dessas fases, segundo o autor, é datada entre maio de 1934 e maio de 1935, período este em que o próprio Plínio Salgado esteve à frente do informativo, fase esta marcada pelo período revolucionário do movimento. Sentinelo define bem este momento:

A mudança na periodicidade de *A Offensiva* deve ser analisada em sintonia com as transformações estruturais da AIB. A primeira fase do jornal coincide com o período em que o movimento integralista apresentava caráter revolucionário. Portanto, a ênfase na doutrina e ideologia, bem como na utilização de frases de efeito para manter a militância em alerta, se fazia necessária para a consolidação e fortalecimento da AIB como movimento político naquele momento (SENTINELO, 2011, p. 101 e 102).

Em seguida se deu o período em que o jornal começou a circular diariamente. Nesse momento é clara a tendência de mudança do informativo que demonstra o amadurecimento do Integralismo e a modificação de movimento revolucionário em partido político. Esta transformação também está ligada a Lei de Segurança Nacional que poderia intervir no movimento e no jornal se estes apresentassem maior perigo ao governo. Oliveira é incisivo ao classificar esta segunda fase:

A partir do número cinquenta e três, o jornal inicia a segunda etapa de sua existência: passa por uma ampliação física (entre dez e dezesseis páginas) e também a reestruturação interna das seções. Outrossim, começa a ter um subtítulo que apresenta uma mudança significativa: “ORIENTAÇÃO DE PLÍNIO SALGADO” (OLIVEIRA, 2009, p. 159).

Por último, a fase que vai do final de 1937 até sua última edição em 1938, quando o periódico já se preocupa em demonstrar que não pertence mais a Ação Integralista Brasileira, na busca de sobreviver ao Estado Novo de Vargas. Naquele momento, *A Offensiva* passava a ser editado pela Associação Brasileira de Cultura (ABC), ex-AIB.

Além desta importante classificação de Oliveira, que demonstra claramente a importância de *A Offensiva* para o estudo do próprio Integralismo, outros fatores merecem ser destacados sobre este periódico. Um deles é sobre o papel do jornal para Plínio Salgado. Autores, como o próprio Rodrigo Santos de Oliveira e Jaqueline Tondato Sentinelo, trabalharam este tema. Segundo estes autores, Salgado se utiliza deste periódico para manter a sua popularidade no movimento, fazendo com que os militantes tivessem contato com sua teoria de forma mais acessível. Oliveira nos traz uma importante definição a este respeito:

(...). O espaço desta parte destinada a Salgado é fundamental, como instrumento da manutenção do seu poder pessoal dentro do integralismo. Se olharmos com atenção, veremos que ele é o único nome presente em todas as edições do jornal. Nem mesmo Barroso e Reale têm tamanho destaque. Lembramos que *A Offensiva* era leitura obrigatória de todos os integralistas e esta era a principal forma que Salgado utilizava para se fazer presente em todos os lares. Sua voz, através das páginas de *A Offensiva*, tinha o poder de garantir o seu reconhecimento como “Chefe”, pois eram os seus textos que definiam aquilo que era a ideologia do movimento. Desta forma, o “Chefe” era visto pelo leitor através das páginas do jornal devido à constância do seu nome (OLIVEIRA, 2009, p. 154 e 155).

Como Sentinelo demonstra, muitos dos artigos presentes em *A Offensiva* não são assinados, o que aponta a importância de Salgado na escolha desta editoração. Sem dúvida o periódico deve ser visto como a voz de Plínio Salgado para os militantes de forma mais direta. O próprio Chefe assina um texto a este respeito em que diz:

(...) Elle {*A Offensiva*} é o vehiculo do meu pensamento, o meio prático que tenho de me por em contacto com esses milhares de almas que se dirigem a mim, no ímpeto arrebatador deste movimento, que é o maior da história” (SALGADO, 1935, capa).

Esse texto demonstra claramente a importância desse jornal para a vida integralista na visão de Plínio Salgado. Neste sentido, a obrigatoriedade da assinatura do jornal por todos

os chefes de núcleos mostra o alcance do informativo e o porquê Salgado se empenhava tanto em manter o jornal e se manter no jornal. Além disso, é possível encontrar apelos no sentido de que, além dos núcleos, todo militante comprasse o periódico ou o assinasse.

Outra interessante faceta do jornal é que ele também servia como uma espécie de agência de notícias do movimento. Os informativos menores, de âmbito local ou regional, republicavam os artigos originalmente encontrados em *A Offensiva*. Essa atitude fazia com que o periódico com sede no Rio de Janeiro ganhasse ainda maior alcance nacional e com que a palavra do Chefe Nacional obtivesse maior apelo e maior conhecimento, tanto dentro quanto fora do movimento.

Havia também um espaço na publicação apenas para notícias das ações do movimento em outras localidades. Este espaço, chamado “O Integralismo nas províncias”, era reservado para mostrar a pujança do integralismo e dar força aos militantes que viam a expansão da agremiação por diversas partes do país. Algumas vezes, inclusive, estas matérias vinham acompanhadas de fotos para dar ainda maior ênfase à notícia. Aliás, esta página demonstrava bem a proporção que atingiu este movimento, com núcleos em diversos rincões do país. A organização da AIB é outro aspecto que pode ser observado nesta página, sobretudo no ponto de vista do sistema de informação, tendo em conta que as notícias eram oriundas de diversas localidades, muitas delas a milhares de quilômetros de distância da sede, no Rio de Janeiro.

Contudo, sem dúvida, para este trabalho, um dos espaços mais importantes do periódico é a página “Semana Internacional” ou depois “Momento Internacional”. Era nesta seção, prioritariamente, que o movimento publicava textos sobre o cenário internacional, outros movimentos políticos e questões diplomáticas. Nesta página é possível detectar diversos textos de solidariedade ao nazismo na Alemanha e ao fascismo na Itália, bem como à Espanha de Franco e outros movimentos fascistas ou pró-fascistas.

A terceira página é dedicada à seção internacional. Denominada “A Semana Internacional”, apresenta reportagens e notícias sobre a situação no mundo em que se evidencia a oposição entre espiritualismo e materialismo em escala global. De um lado, o crescimento dos movimentos de orientação fascista. Do outro, a URSS espalhando seus “tentáculos” com o objetivo de dominação mundial sobre as velhas e incapazes nações liberais (OLIVEIRA, 2009, p. 157).

Os integralistas também utilizavam este espaço para publicar textos anticomunistas, sendo muitos deles dirigidos diretamente à União Soviética ou à Stalin. O objetivo era realizar

o contraponto internacional entre os países fascistas e a Rússia comunista. Era uma forma de legitimação do movimento perante seus militantes e simpatizantes, uma maneira de reforçar a ideologia e a ação política.

Outro fator que chama a atenção é o número de publicações de agências estrangeiras nesta página, principalmente da Alemanha e da Itália. Os integralistas muitas vezes preferiam reproduzir informações do noticiário desses países, claramente positivas sobre esses governos, do que efetivamente escrever sobre este assunto. Essa influência é justificada porque, principalmente a Itália, procurava nos anos 1930, manter contato estreito com governos e movimentos fascistas na América Latina. Esse número de publicações demonstra o diálogo entre o integralismo e os governos fascistas europeus e, obviamente, por quem estes militantes mantinham sentimento de solidariedade em um momento ideologicamente conturbado no cenário internacional. Paschoaleto realizou um bom trabalho sobre a Alemanha nazista nas páginas de *A Offensiva* e utilizou Barbosa para fixar um posicionamento a este respeito:

No cenário internacional de disputas de tendências ideológicas antagônicas, a AIB, através de sua imprensa, se posicionava apologeticamente diante os avanços do Eixo Roma – Berlim, assim como às manifestações de movimentos de extrema direita na Europa e na América Latina (BARBOSA, 2007, p. 12).

A página Momento/Semana Internacional era sem dúvida, marcada por esta contraposição entre fascismo e comunismo. Algo que poderia ser visto em outras páginas, mas com discussões em âmbito nacional (OLIVEIRA, 2009). Nesta seção, a discussão internacional ganhava a cena e casos, como a Guerra Civil espanhola, obtiveram bastante destaque.

O principal jornal integralista entrou em sua fase derradeira no final de 1937, como já foi escrito. A partir deste momento, deixou de ser um informativo da Ação Integralista Brasileira, passando a ser o jornal da Associação Brasileira de Cultura. Havia, naquele momento, a imperativa necessidade de mudar a linha editorial, que sempre marcou a publicação, para algo ligado mais a um movimento cultural. Essa movimentação por parte daqueles que mantiveram a publicação pós-Estado Novo se deu dentro de um esforço para conseguir manter alguma identidade dos integralistas, tentando evitar a sua dissolução completa. Apesar das transformações, Plínio Salgado, por exemplo, continuava como o orientador do informativo.

Contudo, essa ação garantiu apenas uma sobrevivência para a publicação, que sem a centralização, hierarquização e apelo político integralista, definiu até sair de circulação sem

nem sequer apresentar uma explicação para o seu público. O último número do jornal mais importante do primeiro partido de massa do Brasil não fez nenhuma referência ao fim da publicação, no entanto, em sua capa trouxe o prenúncio da Segunda Guerra Mundial, com uma foto de Adolf Hitler em destaque.



Imagem 3 – última edição do jornal *A Offensiva*.

Fonte: *A Offensiva*, ano V, nº 748. Rio de Janeiro, 19 de março de 1938, capa.

A maneira como *A Offensiva* fechou as portas mostra claramente que a publicação “estruturou-se de acordo com os objetivos da AIB e divulgava os assuntos de maior interesse do movimento em determinados contextos” (SENTINELO, 2011, p. 104). Assim que o movimento perdeu as características principais, seu informativo não teve condições de sobreviver, ainda mais se considerarmos a conjuntura política brasileira sob o Estado Novo.

2.2 Os Instrumentos de diálogo no Uruguai: *Corporaciones* e outros periódicos

A força do Integralismo no Brasil, hierarquicamente organizado em um grande movimento de massas, com um comando sólido, fez com que este movimento superasse de forma definitiva qualquer outra agremiação anteriormente existente. Essa grande organização fez surgir uma rede de periódicos e revistas – a Sigma, Jornaes Reunidos – que manteve unificada a ação do Integralismo, a despeito de qualquer outro instrumento propagandístico de demais organizações.

No Uruguai, isso, definitivamente, não aconteceu. A pulverização de pequenos agrupamentos de direita com características fascistas fez surgir uma gama de publicações com comandos diferentes. Apesar de já haver registros do surgimento de movimentos deste

agrupamento político em 1929, os principais grupos e seus periódicos são datados tardiamente, principalmente a partir de 1935, com o surgimento de *Corporaciones*, considerado para fins desta pesquisa, o principal dentre eles.

Neste tópico, portanto, antes de apresentar este informativo, considero interessante apresentar ao leitor alguns destes periódicos, de forma bem sucinta, para melhor entendimento desta situação e também para possível visualização do cenário da extrema-direita no Uruguai: extremamente dividido. Cabe ressaltar, que grande parte da análise que aqui será apresentada é oriunda do trabalho direto com estas fontes primárias, tendo em vista que não existe uma gama de trabalhos sobre este tema, até mesmo no próprio Uruguai, o que inclusive, fortalece a importância desta pesquisa.

O primeiro a ser analisado, é o jornal *Atención*, que circulou por Montevideu entre agosto de 1938 e dezembro de 1940. Sua principal característica foi o forte antissemitismo, que apesar de não ter se transformado em movimento de massas, como defende Clara Aldrigui, influenciou de forma decisiva alguns destes grupos e algumas atitudes do governo uruguaio.

O *Atención* não realizou nenhum contato com o integralismo, até por não serem movimentos contemporâneos. O editor do jornal, Julio Varela, também não deixava transparecer nas páginas do informativo nenhuma intenção de deflagrar contatos com outros grupos, muitas vezes negando aproximações com o fascismo, centrando toda a capacidade de intervenção em um truculento antissemitismo. Apesar de não ser oficialmente ligado a nenhum grupo, tal jornal colaborava com o Movimento Nacional Comercial Antíjudio, segundo Alpini.

Já o periódico *Audácia* apresenta outras características. Foi o órgão oficial da Acción Nacional e esteve à disposição do público entre maio de 1936 e agosto de 1940, ou seja, em período maior do que *Atención*. Seu conteúdo é extremamente nacionalista, além de anticomunista, antissemita e antiliberal.

Nas páginas deste informativo é possível conhecer as bases doutrinárias da Acción Nacional, um movimento nacionalista fundado em 15 de dezembro de 1935 e que obteve certo destaque nos anos de 1930. Segundo José Pedro Barrain, era basicamente composto por jovens burgueses e defendiam, entre outras bandeiras, “criar um povo” (BARRAIN, 2004), algo parecido com a defesa do revisionismo de Agorio e Varela. Na capa do jornal de maio de 1937 é possível encontrar:

Queremos restituir al pueblo su alto y verdadero sentido. Para nosotros el pueblo es algo más que el banderín político que nos esgrimen los demagogos; tampoco debe ser el pueblo la expresión despectiva que se arroja como un salivazo a los humildes y sufrientes” (*AUDÁCIA*, 1937, capa)¹⁶.

Além destas características apontadas, o jornal apresenta também sentimento de solidariedade com a Itália de Mussolini e saí em defesa da Espanha de Franco. Segundo o próprio periódico, na mesma edição já citada, os quatro grandes inimigos do movimento são: “comunismo, liberalismo, masoneria, judaísmo” (*AUDÁCIA*, 1937, p. 2)¹⁷. Embora tenha existência simultânea ao Integralismo, nas páginas de *Audácia* não foi possível encontrar nenhuma referência ao movimento corporativo brasileiro. Contudo, foi possível encontrar uma passagem no arquivo de Rio Claro onde existe menção a um diálogo frutífero e amistoso entre o *Acción Nacional* e a AIB, como veremos no capítulo 3.

O terceiro informativo pesquisado é o *El Orden*, órgão de difusão do movimento Unión Nacional del Uruguay. Circulou por um curto período de tempo que se estendeu de setembro de 1936 a janeiro de 1937. Já em setembro é possível encontrar o manifesto de lançamento desta organização nas páginas deste informativo. No entanto, tanto o jornal, quanto o movimento obtiveram pouca expressão no país.

As principais características da publicação que podem ser apontadas são o anticomunismo panfletário e o antissemitismo. O informativo publica matérias de agências de notícias italianas e, neste sentido, demonstra uma linha editorial extremamente alinhavada com Roma, exaltando o fascismo e os nacionalistas espanhóis. Também chegou a transcrever um texto de Goebbels.

O *El Orden* cobra incisivamente a proibição de organizações comunistas no país, como podemos ilustrar com este trecho extraído do informativo:

No tenemos porque tolerar en el Uruguay a esos elementos manifiestamente perniciosos, qui ni ama la tierra em que nacieron ni guardan para ella ni para la leyes que rigen su vida social política ni, lanrás mínima consideración. A fuera com ellos!” (*EL ORDEN*, 1936, capa)¹⁸.

A publicação também exigia maior rigor na aplicação da Lei de Indesejáveis, que restringia a imigração de judeus e imigrantes ligados a movimentos de esquerda ao Uruguai. A Unión Nacional del Uruguay e *El Orden* não mantiveram contato com o Integralismo, ao menos nas páginas deste informativo uruguaio.

¹⁶ Crear un Pueblo. *Audácia*, ano 2, nº 21, 25 de maio de 1937, capa.

¹⁷ *Audácia*, ano 2, nº 21, 25 de maio de 1937, p. 2.

¹⁸ Afuera los comunistas. *El Orden*, ano 1, nº 2, 19 de setembro de 1936, capa.

Em 27 de janeiro de 1938 surgiu em Montevideu o Movimento Revisionista. O nome, parecido com o do principal grupo aqui estudado, revela também certas aproximações ideológicas, no entanto, não políticas. O líder do movimento foi o jovem Leslie Crawford Montes, que era diretor e redator responsável pelo informativo da agremiação. Da mesma maneira que Plínio Salgado, Leslie Crawford era chamado de “Jefe Nacional”. Assim como o Acción Nacional, o grupo era composto por jovens burgueses, como o próprio informativo do movimento revela:

El 27 de janeiro de 1938 se reunirán varios jóvenes visionarios con la finalidad de crear un movimiento en el cual estuviesen expresados sus sentimientos sanos, entusiastas y vibrantes de fervor patriótico: así nació “Revisionismo”, del impulso juvenil que no conoce límites, del ansia gloriosa de un futuro mejor, de la inteligente observación que analiza defectos y proclama virtudes, del amor al terruño y la tradición gloriosa que a todos nos une: producto puro y exclusivo de una orientalidad que fue expresada en una frase, quizá egoísta dentro de su parquedad, pero que contiene la esencia pura de un nacionalismo ferviente: “URUGUAY PARA LOS URUGUAYOS” (*FRAGUA*, 1939, p. 3)¹⁹.

O Movimento Revisionista editou o periódico *Fragua*, extremamente nacionalista, como visto na passagem anterior, e com traços anticomunistas e antisemitas muito importantes. A circulação deste jornal se deu no período entre 1º de junho de 1938 e 15 de março de 1940. Nas páginas do mesmo, é possível encontrar o manifesto revisionista, publicado em 8 de novembro de 1938 e também aspectos importantes do cotidiano das lutas, como os inimigos autoproclamados do Revisionismo, que são:

Los capitalistas explotadores; los comunistas, los socialistas; los anarquistas; los otros marxistas de variado pelaje; los judios; los políticos profesionales; los incendiarios y dinamiteros; los frente-populacheros (...)” (*FRAGUA*, 1939, p. 3)²⁰.

O movimento Revisionista obteve um alcance reduzido, porém, pode ser considerado um movimento de cunho fascista devido a sua linha ideológica. O interessante é que este movimento demonstrou conhecer a Ação Integralista Brasileira. Em uma edição de julho de 1938, o informativo responde a declaração de um Deputado argentino judeu conhecido por Dickmann, que teria afirmado que o Integralismo seria um perigo para a América do Sul e especialmente para o Uruguai. Este artigo, que compreende um momento de contato entre este

¹⁹ Um año de vida 1938 – Enero 27 – 1939. **Frágua**, ano 1, nº 13, 15 de janeiro de 1939, p. 3.

²⁰ Nuestros enemigos. **Frágua**, ano 2, nº16, 18 de maio de 1939, p. 3.

movimento revisionista e o Integralismo será novamente mencionado no terceiro capítulo, que irá dispor destes diálogos especificamente.

Existiram outros periódicos que, em menor ou maior grau, até poderiam fazer parte desta discussão. Contudo, cabe ressaltar, que não objetivamos entrar diretamente nesta seara, sob o risco de ultrapassar o recorte aqui apresentado e os objetivos que gostaríamos de alcançar. Para finalizar essa rápida apresentação, vale lembrar que houveram publicações destinadas às colônias de imigrantes, como a revista *La Patria Italiana en el Uruguay*, que em alguns momentos fomenta a propaganda do fascismo da Itália. Ressalto esse periódico, pois, é possível encontrar em suas páginas, em abril de 1933, um artigo em que Victor A. Ferrari afirma que o primeiro no Uruguai a escrever sobre o Fascismo italiano foi ele, reivindicando para si este pioneirismo na Banda Oriental. Essa informação é relevante, sobretudo, porque é possível encontrar um artigo assinado por Ferrari na revista *Corporaciones* de número 10, mostrando que este autor também conhecia e de certa forma corroborava com o informativo.

2.2.1 Corporaciones: Revista de Ciencias Economicas, Politicas y Sociales.

Após expormos alguns periódicos organizados por grupos nacionalistas uruguaios, passamos agora a trabalhar com aquele que consideramos o mais importante periódico da extrema direita daquele país: a revista *Corporaciones*, publicação que levou a criação da Acción Revisionista del Uruguay e foi seu porta-voz a partir de então.

A revista *Corporaciones* foi a primeira publicação nacional uruguiaia de maior porte deste agrupamento político aqui estudado. Sua primeira edição é datada de novembro de 1935. Circulou pela última vez em território uruguaio em maio de 1938, ou seja, foi editada por pouco menos de três anos. Segundo Alfredo Alpini:

La primera de las publicaciones en saltar a la palestra pública fue la revista "Corporaciones" (noviembre 1935-mayo 1938), órgano oficial del movimiento "Acción Revisionista del Uruguay" fundado en 1937. Dentro de las figuras más representativas de esta agrupación se encontraban Adolfo Agorio, Ernesto Bauzá y Teodomiro Varela de Andrade (ALPINI, 1999).

Ao contrário de *A Offensiva*, jornal integralista estudado para estabelecer as relações com este movimento, *Corporaciones* não circulou diariamente, ou sequer semanalmente. Sua tiragem foi mensal e suas características centrais são diferentes também, por ter essa dimensão. Era uma revista mais densa, voltada ao público intelectual e a elite política e

econômica do país. Enquanto *A Offensiva* conseguiu circular 748 vezes, a revista *Corporaciones* lançou 16 edições.

Apesar do pequeno número de edições, entendemos que é possível perceber claramente três fases em *Corporaciones*. A primeira vai da edição número um até a sexta. Nesta fase a revista procura se autoafirmar perante o público uruguaio. Neste momento, é possível encontrar o maior número de textos sobre o Integralismo, muitos de Gustavo Barroso. Também é possível perceber a publicação de um texto sobre outro grupo, a Juventud Patriótica del Uruguay. A tiragem nesta primeira fase também é bastante reduzida.

A segunda fase se iniciou a partir da sétima edição e foi anunciada de forma comemorativa pela revista na edição anterior. A equipe de *Corporaciones* comemorou o aumento da tiragem da revista, que passou a ser de três mil unidades, número este que, apesar de não ser expressivo para transformar a revista em um periódico de massas, é bastante significativo no sentido de conseguir abranger a elite econômica do país e intelectuais, muito concentrados em Montevideú. O tamanho da revista também foi ampliado, passando a contar com mais 24 páginas, além das cerca de 40 que até então compunham a publicação. Também houve pequenas mudanças no conteúdo do informativo na tentativa de padronizar algumas seções, tornando-as fixas, por exemplo, uma destinada à ação corporativa, outra a ciências políticas e econômicas e ainda outra sobre a ação agrária com matérias sobre agricultura e pecuária.

No entanto, apesar destas transformações, os principais ideólogos e escritores continuaram os mesmos: Agorio, Bauzá e Varela, este último o mais assíduo entre os redatores.

A terceira fase da revista tem início na edição número treze, quando enfim foi anunciada oficialmente à criação da Acción Revisionista del Uruguay, movimento corporativo de direita próximo ao fascismo que já vinha sendo gestado pelos ideólogos da revista, mas que tomou forma apenas em agosto de 1937. A partir desta data, a *Corporaciones* passa a ser o órgão oficial deste movimento e adquire um novo caráter e conteúdo. Agora era possível observar um número maior de textos propagandísticos do movimento, bem como um número maior de escritores assinando os textos, uma faceta clara de conquista de novos adeptos ao grupo.

Nesta fase, que segue do exemplar de número treze até o de número dezesseis, os editores publicam o *corpus* da doutrina revisionista, discursos da primeira assembleia de criação do movimento, bem como novas adesões.

A revista *Corporaciones* foi, sem dúvida, o órgão que mais procurou o Integralismo e, por isso, a sua importância é ainda mais ressaltada. Essa importância também pode ser explicada pelo fato de que a revista era publicada por um grupo de pessoas em segmento social diferente dos demais grupos existentes, ou seja, enquanto as demais publicações que foram mencionadas eram editadas em sua maioria por jovens burgueses, *Corporaciones* era composto por elementos mais experientes e com algum conhecimento social. O principal intelectual uruguaio aderente a este ideário estava à frente deste grupo. Adolfo Agorio é considerado o mentor do movimento e, embora seus companheiros de revista estivessem à margem da intelectualidade da direita local, Agorio gozava de maior prestígio. José Pedro Barran, em um estudo sobre os conservadores uruguaios, escreve um trecho sobre o líder revisionista: “Los principios fascistas conquistaron algunos intelectuales y jóvenes burgueses. El más destacado de los primeros fue Adolfo Agorio, batllista en la década de los diez, convertido a las soluciones políticas autoritarias en 1923 (...)” (BARRAN, 2004, p. 141).

Entre as principais características do informativo estão aquelas que serão defendidas pela Acción Revisionista del Uruguay a partir de 1937. A revista, que defendia o Estado Corporativo, se posicionou contra o capitalismo internacional e por consequência a liberal democracia. O anticomunismo também pode ser apontado como um dos aspectos mais presentes na doutrina do grupo, que fez coro para apoiar Gabriel Terra quando este rompeu as relações diplomáticas do Uruguai com a União Soviética. A revista *Corporaciones* publicou uma homenagem para o então ditador na edição de janeiro de 1936 (imagem 4):

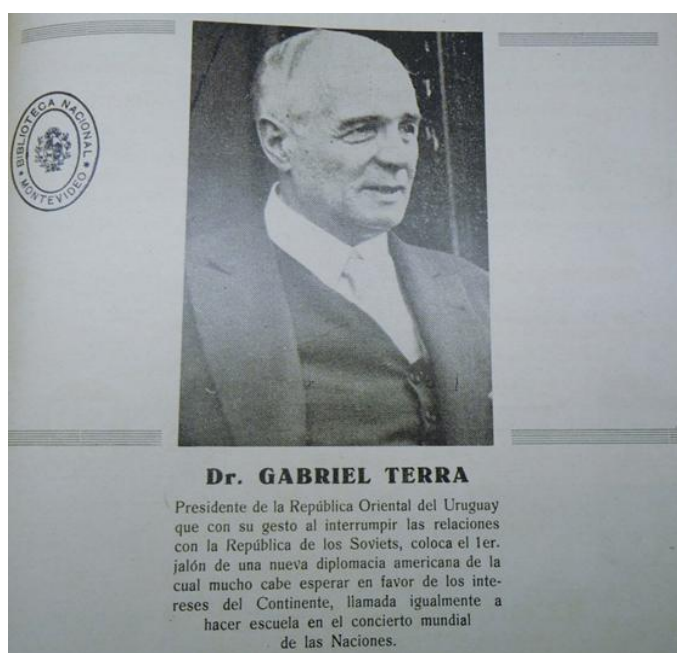


Imagem 4 – Presidente Gabriel Terra sendo homenageado por *Corporaciones*.

Fonte: *Corporaciones*, ano 1, nº 3. Montevideo, Janeiro de 1936, p. 82.

Curiosamente, apesar de publicar uma boa quantidade de textos de Gustavo Barroso, conhecido por ser um grande antissemita, a revista não expressa de forma direta este sentimento, pelo menos não da forma tão engajada como é encontrada nas outras publicações do gênero, principalmente *Atención*. Essa assertiva não quer dizer que não houve textos nesse sentido, dentro dos próprios textos de Barroso em *Corporaciones* é possível encontrar este traço, de modo mais moderado. Contudo, o próprio Agorio chegou a expressar em um de seus textos publicados na imprensa revisionista que o grupo recusava a xenofobia, ao menos no discurso, o que sem dúvida pode ser algo que diferencia este movimento.

No entanto, é interessante evidenciar que o grupo comandado por Agorio demonstrava uma grande afinidade com a Alemanha de Hitler. Já no primeiro número do informativo há um texto sobre Adolfo Agorio e a Alemanha, conforme anteriormente visto. É possível encontrar também textos relacionados à Itália, neste caso, principalmente escritos por Teodomiro Varela, no entanto, entre o nacional-socialismo alemão e o fascismo italiano, o grupo se mostrou, pelo menos por meio de seu órgão de imprensa, mais próximo da Alemanha. Ficou claro que existia um sentimento de afinidade entre este grupo e as políticas aplicadas nos dois países europeus.

A *Corporaciones* foi uma revista que se mostrou atenta às atividades internacionais. Houve muitos textos sobre a Alemanha e alguns sobre a Itália. Em uma reportagem, logo no primeiro número, mostrou conhecimento sobre o “Accionalismo Argentino”. Entretanto, foi com o Integralismo, principalmente nos primeiros números, que *Corporaciones* se mostrou mais próxima, com diversos textos integralistas publicados no periódico. Entretanto, esse tema é algo para ser explorado no próximo capítulo.

Outro aspecto interessante é a quantidade de textos sobre questões econômicas locais, demonstrando certa tentativa de aproximar novos leitores e novos adeptos, algo parecido com que fez o Integralismo com *A Offensiva*, quando este se tornou diário. Embora haja uma semelhança neste sentido, é interessante ressaltar que o público para quem os informativos eram dirigidos era diferente. A quantidade de textos sobre agricultura e principalmente sobre pecuária mostra um esforço de Agorio, Bauzá e companhia, de se aproximar da elite política e principalmente econômica, que produzia carne, um dos principais produtos nacionais e um dos grandes exportadores do Uruguai no período; uma postura interessante, tentando cooptar estes setores conservadores para este projeto. Contudo, essa tentativa encontrava uma barreira muito relevante na formação política desta classe dominante, que desde muito esteve ligada intrinsecamente a luta partidária entre os tradicionais, Partido Colorado e Partido Nacional, algo que não se encaixava no projeto

político dos Revisionistas de *Corporaciones*. Assim, os conservadores, que tomaram o poder no Uruguai com o golpe de 1933, não se sentiram atraídos. É evidente que este é um dos aspectos para que a direita conservadora uruguaia não tenha aderido ao fascismo, entretanto, este assunto por si só seria tema de um importante estudo.

A edição final de *Corporaciones* esteve disponível nas ruas de Montevideu em maio de 1938. Em suas últimas palavras para a história, o movimento felicitou e enalteceu a eleição do presidente Alfredo Baldomir, que chegou a presidência em 28 de março daquele ano, com apoio dos Revisionistas. A derradeira publicação não demonstrou que não haveria mais nenhuma outra. Além das homenagens ao novo presidente eleito, o periódico trouxe a publicação, mais uma vez, do programa revisionista, composto por 19 artigos. Contudo, a aurora revisionista tão esperada pelos líderes deste movimento não viu surgir mais nenhum número de sua principal publicação.



Imagem 5 – Capa do último número da revista *Corporaciones*.
Fonte: *Corporaciones*, ano 2, nº 16. Montevideo, Maio de 1938, capa.

Como vimos, existe uma considerável diferença na forma de organização do Integralismo e dos movimentos uruguaios aqui apresentados, no que diz respeito a suas imprensas oficiais. Enquanto a AIB unificou suas inúmeras publicações, os movimentos uruguaios, até mesmo pela maneira como surgiram, em pequenas organizações com objetivos diferentes, não possuíram nenhuma centralização e contato neste sentido.

Portanto, a imprensa representativa dos grupos uruguaios se organizou e estruturou o seu discurso de acordo com os valores e objetivos dos setores que representavam, e por esse motivo, além de outros, esta pesquisa procurou caracterizá-los de forma breve.

No entanto, apesar das diferenças apresentadas no tocante a organização, conteúdo e estrutura de funcionamento, é imprescindível reconhecer que todos esses movimentos apostavam nesse veículo de informação para alcançar mais adeptos e divulgar sua doutrina de forma mais rápida e eficaz, mesmo os uruguaios, com tiragem mais reduzida do que os informativos da AIB.

Através da análise direta destas fontes, foi possível constatar que a imprensa nacionalista dos países mencionados apresentava, de forma decisiva, suas posições em relação ao liberalismo, ao comunismo e ao judaísmo, se colocando claramente em posição de ataque contra estes que eram considerados seus inimigos, mesmo que em menor ou maior grau, dependendo do jornal e grupo uruaio estudado. Outra questão interessante é a quantidade de matérias que davam ênfase a ascensão de movimentos fascistas em diversas partes do planeta.

Isto posto, o objetivo do próximo capítulo será, com base no conteúdo aqui apresentado, estabelecer de que maneira se davam as relações entre a Ação Integralista Brasileira e os movimentos nacionalistas uruguaios, em especial a Acción Revisionista del Uruguay. A finalidade desta análise é compor o quadro das relações entre estes movimentos, identificando os possíveis alinhamentos e discordâncias. Qual aspecto era preponderante: a solidariedade fascista ou a competição nacionalista?

3 OS ATORES CONTRACENAM: OS DIÁLOGOS ENTRE O INTEGRALISMO E OS REVISIONISTAS URUGUAIOS

Passo, a partir deste terceiro capítulo, a discorrer sobre o tema central desta dissertação que é a relação entre a Ação Integralista Brasileira e movimentos nacionalistas uruguaiois, especialmente a *Acción Revisionista del Uruguay*. É o momento, portanto, de analisar o diálogo entre estas organizações e também realizar a crítica das fontes no sentido de buscar compreender a que nível se dava estas aproximações e de que forma se relacionavam.

Sem dúvida, a relação entre movimentos de cunho fascista é uma questão complexa e é necessário analisá-la sempre sob a ótica das diferenças e similitudes. É um importante debate para construir uma história mais compreensível da extrema direita regional, com foco em suas relações e visões de um sobre o outro.

O tema das relações entre organizações de forte caráter nacionalista de países diferentes gera interessantes questões. Muito do ideário destas duas organizações são parecidos, como o caráter corporativo, o anticomunismo, antiliberalismo, o antisemitismo, entre outros. Contudo, o nacionalismo, que também é um traço comum, poderia ser uma forte barreira, até mesmo intransponível, no caminho para a solidariedade dos irmãos de ideias.

Neste sentido, julgo necessário iniciar este último capítulo com uma breve apresentação sobre a problemática da formação da Internacional Fascista, que tentou-se criar no período entre guerras. Seus paradoxos podem ser próximos aos encontrados nas relações entre as organizações aqui estudadas, e assim poderemos ampliar o leque de compreensão.

3.1 O problema da relação entre movimentos nacionalistas: O exemplo da Internacional Fascista

É importante que esteja claro que não é a intenção aqui debater, pormenorizadamente, o caso da Internacional Fascista nestas linhas, até porque esta discussão seria tema para um trabalho específico sobre o assunto. Contudo, esta experiência contribui como mais um elemento para procurar entender as relações aqui estudadas.

Dentro do Partito Nazionale Fascista, o primeiro do gênero a chegar ao poder, existiram diversas contradições e choques entre seus membros, no tocante ao debate sobre se esta experiência era apenas italiana ou se poderia ser aplicada em outros países, principalmente nos anos de 1920, quando a Itália era o único país do mundo com esse tipo de governo e movimentos deste cunho político ainda eram muitos incipientes ou inexistentes em

grande parte do Planeta. Como defende Bertanha, os aspectos gerais da doutrina fascista levaram muitos dos adeptos na Itália a acreditar que era possível que esta ideologia fosse universal. Os embates com a ala que enxergava esta como uma experiência puramente italiana se estenderam e não foram extintos (BERTONHA, 2008).

Contudo, dois importantes fatores teriam levado o regime de Mussolini a mudar sua política inicial de apenas apoiar alguns movimentos congêneres em outros países, para o de trabalhar sob a ótica da internacionalização do fascismo: a Crise de 1929, que elevou o status do fascismo para a possibilidade de uma solução global e, principalmente, a competição ideológica com a vertente alemã, ou seja, a rivalidade com um irmão de ideias. É neste contexto que surge os *Comitati d'azione per l'universalità di Roma* (Caur) em 1933, o primeiro instrumento oficial de internacionalização do fascismo (BERTONHA, 2008). Os Caur tiveram seu auge em 1934 e 1935 e se desmantelaram com o próprio abandono da Itália desta experiência.

Uma série de fatores levou ao fracasso a tentativa de criação de uma Internacional Fascista, e alguns deles nos interessam de forma particular para este estudo. Primeiro, o fato desta organização e especificamente os Caur serem voltados para a divulgação do regime italiano, procurando colocar os outros Estados e movimentos a serviço de Roma, algo que não foi bem aceito por outras organizações, algumas delas ainda embrionárias. Ou seja, o espírito competitivo e a nacionalidade exacerbada, neste caso especificamente, impediram o sucesso da solidariedade. Segundo, o problema específico do Nazismo e suas especificidades nacionais que impediam uma solidariedade completa. O internacionalismo proposto pelos italianos foi motivado pelo sentimento nacional de se sobressair aos demais e foi enterrado justamente pela barreira nacionalista e pelas características particulares da vertente fascista dominante na época, no caso, o nazismo alemão.

É claro que é necessário alertar o leitor que, naquele período, além de movimentos fascistas organizados, havia já dois Estados Fascistas consolidados e lutando por maior influência no mundo, o que difere de forma cabal na comparação direta entre Integralismo e Revisionismo, que eram movimentos, em grau diferenciado de organização, e que não chegaram efetivamente ao poder. Contudo, não deixa de ser um ótimo exemplo para percebermos a relação entre o fascismo e também a diferença entre a política de Estado e a política ideológica aplicada. É possível ver diferença, mas não colocá-las em lados diametralmente separados, pois estas relações estavam, muitas vezes, tão imbricadas umas às outras que levavam a conflitos entre Estados com ideologias semelhantes, bem como atritos

com os também irmãos de ideias, por exemplo, a AIB. Nesta linha de pensamento, Bertonha afirma:

Neste contexto falar de “Realpolitik” ou “política baseada na ideologia” como polos totalmente opostos seria equivocado e apenas confirmaria a tentativa de parte dos pensadores e políticos italianos de dissociar a política externa fascista daquela pretendida pelos tradicionais formuladores da política externa italiana, cem por cento voltados aos ‘interesses nacionais italianos’, o que seria errôneo (BERTONHA, 2008, p. 92.).

Em Abril de 1935, *A Offensiva*, em sua coluna Semana Internacional, abre espaço para a discussão sobre a internacionalização do corporativismo em um texto intitulado “É possível uma organização corporativa internacional?” (*A OFFENSIVA*, 1935, p. 3)²¹. O texto, que segundo a publicação integralista, é um questionamento oriundo da Itália para estudiosos e intelectuais de todo mundo, observa importantes questionamentos sobre esta problemática, sem, contudo, desenvolver nenhuma delas no sentido de procurar soluções.

Ainda em 1935, o jornal *A Offensiva* faz alusão a mais um congresso, com representantes de cerca de 40 países – segundo a informação do jornal –, onde se tentava organizar essa irmandade ideológica. Mais uma vez fica evidente o grau das relações entre os movimentos fascistas e destes movimentos com os Estados que possuíam o fascismo no poder. Desta vez não era o modelo italiano o principal a ser divulgado, mas sim o alemão: “De mais a mais é preciso salientar que esta reunião científica applicou e reconheceu repetidas vezes em sentido positivo os temas expostos pelo chanceler alemão [Adolf Hitler]” (*A OFFENSIVA*, 1935, capa)²². Ficou claro também, a descrença na construção de uma organização internacional pela delegação francesa neste encontro.

Contudo, Bertonha ressalta que a Alemanha, devido a particularidades daquele país, nunca tentou efetivamente criar uma organização internacional que reunisse os movimentos congêneres no mundo: “A pretensão do domínio total excluía a priori a ideia da universalidade, a não ser aquela restrita à raça ariana” (BERTONHA, 2008, p. 91). Neste sentido, essa tentativa também naufragou.

Em ambos os casos, as particularidades de cada experiência, diretamente vinculadas aos interesses nacionais de cada grupo ou país, fez naufragar qualquer grande possibilidade de construção de uma solidariedade através de uma organização internacional. Estas particularidades desta vertente política, tão diferentes do conservadorismo, do liberalismo e

²¹ É possível uma organização corporativa internacional? *A Offensiva*, ano 1, nº 47, 6 de Abril de 1935, p. 3.

²² A Internacional Fascista. *A Offensiva*, ano 2, nº 71, 21 de setembro de 1935, capa.

do socialismo, dificultavam a relação entre as experiências nacionais espalhadas pelo globo, como ressalta de forma cética, Robert Paxton:

Cada movimento nacional fascista dá expressão plena a seu próprio particularismo cultural. Diferentemente dos outros “ismos”, não é um produto de exportação: cada movimento guarda ciumentemente sua receita de renascimento nacional, e os líderes fascistas parecem sentir pouco ou nenhum parentesco com seus primos estrangeiros. Fazer funcionar uma “internacional” fascista mostrou ser uma tarefa impossível (PAXTON, 2007, p. 44).

Contudo, apesar do fracasso na articulação de uma Internacional Fascista pelos motivos táticos apresentados, cabe ressaltar que isso não impediu a solidariedade entre movimentos e Estados fascistas durante os anos de 1930, principalmente quando analisamos a luta contra um inimigo em comum: o comunismo. Assim, o caso da Internacional Fascista contribui para esta pesquisa no sentido de demonstrar o quanto o nacionalismo pode ser uma barreira nas relações entre estes movimentos, entretanto, não elimina de forma alguma a hipótese de aproximação e solidariedade entre estes movimentos.

3.2 A análise das relações entre a Ação Integralista Brasileira e a Acción Revisionista del Uruguay

Durante o período em que foram contemporâneas, a saber, entre 1935 e 1937, é possível encontrar nos dois informativos estudados, diversas relações entre a Acción Revisionista del Uruguay e a Ação Integralista Brasileira. Tanto a AIB mereceu a atenção de *Corporaciones*, quanto a ARU foi notícia em *A Offensiva*. Os principais intelectuais destes grupos também mantiveram contato de outras maneiras como também será exposto.

Para iniciar a análise dos diálogos propriamente ditos, é conveniente perceber alguns fatores interessantes que contribuem para o contexto avaliado. O primeiro destes fatores diz respeito ao fato dos integralistas também observarem o governo uruguaio do Presidente Gabriel Terra. É possível perceber isso em algumas passagens do jornal *A Offensiva*.

Em geral, a AIB apoiou o governo Terra em grande parte de sua duração. O próprio golpe de Estado foi visto com bons olhos, tendo em vista que acabava com o Conselho de Administração que dividia o poder com o Executivo. Assim, o poder passava a ficar centralizado na mão do presidente, o que parecia ser um importante golpe no sistema democrático imperante no país, democracia esta, tão rejeitada pelo Integralismo.

Essa visão se modificou em meados de 1935, quando houve agitações por todo o Uruguai, e o Integralismo passou a identificar o governo Terra como incapaz de implementar as políticas que acreditavam necessárias, tanto na área política, quanto social. Terra era acusado de facilitar o crescimento do comunismo em seu país, com o fraco desempenho na presidência.

Mas, apresentando-se como profundamente inferior a essa missão, o governo do sr. Gabriel Terra não tem feito ju's ao que dele esperava. Em vez de encetar um programa nacional continuou a agir de acordo com as anteriores normas partidárias. Em vez de procurar idéas novas mais consentâneas com a época e com as necessidades do paiz persistiu na defesa daquele liberalismo que fez do Uruguay um optimo ponto de apoio para a acção dos comunistas na América do Sul (H.V., 1935, p. 3)²³.

Esta avaliação mudou novamente quando Terra rompeu as relações diplomáticas entre o Uruguai e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, ainda no ano de 1935 e início de 1936. Esse rompimento foi destaque no jornal *A Offensiva*, em sua página “Momento Internacional”. O tom agora é de total apoio ao governo do Presidente Terra por sua iniciativa e de acusação aos soviéticos por intromissão na política interna dos Estados sul-americanos.

O governo uruguaio também ganhou elogios e a simpatia dos Integralistas, principalmente de Gustavo Barroso, quando em 1936 endureceu a imigração no país, com a chamada Lei de Indesejáveis, lei esta que proibia a entrada de militantes de esquerda e de judeus no Uruguai, mostrando assim, que apesar de haver momentos de tensão, os integralistas se mostraram bem receptivos as políticas implementadas pelo mandatário oriental.

Essa constatação é importante, pois é um exemplo de como o Integralismo estava atento a conjuntura externa e procurava avaliá-la. Embora a imensa maioria do espaço concedido às notícias internacionais no jornal *A Offensiva* fosse para tratar de assuntos referentes à Europa, ainda assim, é possível encontrar alguns textos sobre a política e movimentos na América do Sul. No caso das notícias oriundas da Europa, o jornal *A Offensiva* deu bastante ênfase a Guerra Cívil Espanhola, ao fascismo italiano e ao nazismo alemão, ficando bem claro que observava seus irmãos de ideias no continente originário da ideologia fascista.

²³ O movimento revolucionário no Uruguay. **A Offensiva**, ano 2, nº 39, 7 de Fevereiro de 1935, p. 3.

Este é o primeiro ponto de diferença que pode ser apontado entre as duas publicações. Em *Corporaciones* é possível ver uma equidade no espaço destinado ao Integralismo, ao fascismo italiano e ao nazismo alemão, que tem bom espaço nessa publicação, provavelmente devido a Adolfo Agorio. Assim, como a seguir será demonstrado de forma problematizada, *Corporaciones* detinha um interesse percentual formidável pelo Integralismo. É claro que é de certa forma normal o maior interesse dos uruguaios pelos brasileiros, tendo em vista que a AIB já era um grande movimento de massas. Contudo, ainda assim, é um fato interessante que será considerado mais adiante.

Os líderes do revisionismo uruguaio também se mostraram atentos a conjuntura política do vizinho do norte. No livro *América y la Revisión Constitucional*, escrito por Teodomiro Varela de Andrade, tanto o autor, quanto Agorio, olharam com bons olhos o novo regime brasileiro criado em 1937, o Estado Novo. Tanto Varela quanto Agorio classificaram o novo regime como Corporativista e o segundo acreditou que a partir deste marco na história brasileira, a colônia de banqueiros, que foi denunciada por Gustavo Barroso, seria combatida. Em uma passagem deste livro Varela de Andrade comenta:

La Constitución, promulgada por el Doctor Getúlio Vargas, el 10 de noviembre de 1937, es una Constitución de aventura y de creación gloriosa... Ella no solo viene determinada por el imperativo histórico y genial de Bolívar, al crear el perfecto equilibrio de todos los Poderes del Estado, dentro de la más perfecta soberanía de todas las jerarquías económicas, políticas, morales y jurídicas de la nacionalidad, sino que viene a realizar en los hechos, los principios *revisionistas* {grifo meu} intuídos en todos los planos, en todas las direcciones de la Sociedad y el Estado (...) (VARELA DE ANDRADE, 1938, p. 284).

Então, como fica evidente através do exposto, tanto os Integralistas, quanto os revisionistas observavam a conjuntura e as transformações políticas do país vizinho e não se furtaram em se posicionar. E as relações entre os movimentos, será que foi pautada desta mesma forma?

3.2.1 O roteiro brasileiro: os corporativistas uruguaios no jornal A Offensiva.

Às páginas do jornal *A Offensiva* são enriquecedoras para o estudo do Integralismo e de seus relacionamentos com movimentos e governos estrangeiros. Entretanto, é possível constatar com facilidade a ênfase dos integralistas para os acontecimentos na Europa, interesse este muito superior ao destinado aos vizinhos da América, algo compreensível,

principalmente devido ao fato de que é no Velho Continente que estão Itália e Alemanha, governos onde estão instalados no poder os partidos fascistas mais importantes do mundo e também por que é naquela região que se travavam os principais embates políticos e ideológicos daquele período histórico.

No entanto, a AIB também observou os movimentos vizinhos, mesmo que em grau menor. É o caso da Argentina, Chile, Peru e do Uruguai, entre outros. Observando o Uruguai, os integralistas publicaram materiais sobre o governo do Presidente Terra, sobre a lei de indesejáveis e sobre o rompimento das relações diplomáticas entre o país vizinho e a URSS, conforme visto. Os acordos comerciais e visitas entre os dois governos também estiveram nas páginas do periódico.

Além destes temas, os integralistas puderam ter contato com um movimento corporativista que vinha se formando na Banda Oriental, composto de vários intelectuais que estão, neste primeiro momento, reunidos em torno da revista *Corporaciones*, ainda sem um grupo político oficializado. Foram poucas as oportunidades em que foi possível constatar no jornal *A Offensiva*, textos sobre o movimento corporativista uruguaio, sobretudo se for levado em consideração a proporção de destaque que o Integralismo obteve na fase inicial da revista *Corporaciones*.

A primeira aparição do movimento corporativista do país vizinho se deu em novembro de 1935, na capa do principal informativo integralista, e justamente em um artigo escrito por Gustavo Barroso, intitulado “O Integralismo e a América”. Para introduzir o diálogo com os intelectuais do Uruguai, Gustavo Barroso faz clara menção aos discursos de Plínio Salgado sobre a missão integralista de influenciar o continente, algo que se repetiu diversas vezes durante os anos em que o periódico integralista esteve em circulação. Neste trecho Barroso exalta Salgado e afirma:

O CHEFE nacional tem repetido constantemente em artigos e discursos que o Integralismo brasileiro dirá uma palavra nova ao mundo e que sua influencia se estenderá aos outros paizes do continente. O que o Chefe Nacional assim tem anunciado já se está realizando (BARROSO, 1935, capa)²⁴.

Após esta introdução, Barroso passa a transcrever uma carta enviada a ele por Teodomiro Varela de Andrade, um dos coordenadores da revista *Corporaciones*, que justamente entrou em circulação em novembro de 1935. Segundo consta no informativo,

²⁴ O Integralismo e a América. *A Offensiva*, ano 2, nº 71, 21 de novembro de 1935, capa.

Varela de Andrade teria tido ciência do integralismo através de Adolfo Agorio, este último já conhecido de Barroso. Agorio, após sua viagem à Alemanha, noticiada no primeiro exemplar de *Corporaciones*, entregou a Varela um exemplar do livro do integralista brasileiro: “A palavra e o pensamento integralista”; e solicitou que entrasse em contato com o escritor do país ao norte. Além de diversos elogios, o uruguaio encaminhou o livro “Roma e o espírito do Occidente”, escrito por Agorio, mostrando um intercâmbio de informações entre os líderes destes movimentos.

Gustavo Barroso fez questão de transcrever toda a carta que Teodomiro Varela de Andrade o enviou. A carta e esta publicação foram os primeiros contatos, oficialmente, feitos, que podem ser encontrados em ambos os periódicos aqui estudados, tendo em vista que a primeira matéria sobre o Integralismo em *Corporaciones* foi publicada em dezembro de 1935, fruto já desta primeira aproximação, antes, o Integralismo apenas comentava o governo uruguaio. Varela afirmava, nesta correspondência, que conhecia Barroso apenas por artigos de jornais e desconhecia sua posição dentro do Integralismo, diz um trecho da carta transcrita:

Lendo sua preciosa obra, verifiquei como é suave e expressiva a língua de Camões, quando applicada á diffusão das grandes verdades do corporativismo... e não tenho expressões para felicital-o tanto pela sua actuação integralista como pela clareza de seu estylo, a profundez dos conceitos, o symbolismo naturalista e mystico ao mesmo tempo, que figura em suas paginas, como pela sinceridade, bravura e emoção que reçumam de sua defesa das classes verdadeiramente productoras de seu prodigioso e bello paiz. Não só seus discursos, mas seus commentarios acerca dos aspectos mais notaveis de nossas rades idéas corporativas e seus pensamentos, condensam os valores dum temperamento altamente emotivo e os quilates dum character dynamico e tenazmente combativo. Considero sua obra de valor imensuravel para a salvação das classes transviadas pelo materialismo de Carlos Marx, que com seus ensinamentos poderão modificar seus impulsos de transformação, seus sentimentos e tendencias, sempre desassocegadas por factores contradictorios. Assim em meu nome e no do sr. Adolfo Agorio receba francos e cordiais parabens... (VARELA DE ANDRADE; BARROSO, 1935, capa)²⁵.

A carta, que foi escrita antes do mês de outubro de 1935, portanto anterior ao início de *Corporaciones*, deixa claro que Agorio e Varela de Andrade estão trabalhando juntos já há algum tempo. Nas linhas que são transcritas, Varela de Andrade informa Barroso que ele e Ernesto Bauzá editarão a revista *Corporaciones*, como seus principais redatores, e comunica também que Agorio está entre os intelectuais que escreverão para a revista.

²⁵ Integralismo e a América. **A Offensiva**, ano 2, nº 71, 21 de novembro de 1935, capa.

Em outro trecho, Varela de Andrade analisa a situação das ideias corporativistas no Uruguai, ainda incipientes segundo o autor.

Apesar da exiguidade de nosso meio, as idéas e tendencias corporativistas se vão manifestando já ora em fórma de insinuação, ora de infiltração rythmica no fundo de todas as classes e no seio das próprias instituições nacionaes. Temos procurado, em nossos estudos remontar as origens do corporativismo, como evidenciará a leitura dos trabalhos que lhe mando. Temos dado ás nossas discussões um character o mais scientifico e philosophico possivel, afim de que penetrem nossas idéas na propria medula das "élites" doutrinarias (VARELA DE ANDRADE; BARROSO, 1935, p. 14)²⁶.

Ao final da carta, Varela de Andrade reafirma a vontade de conhecer mais sobre a obra de Gustavo Barroso e Plínio Salgado, algo que irá acontecer, como pode ser comprovado nas páginas da publicação uruguaia. Gustavo Barroso demonstra profunda satisfação pelo fato dos uruguaios olharem, inicialmente, com bons olhos para o Integralismo e ressalta o papel da AIB para as transformações necessárias no continente americano. Finaliza o artigo neste sentido e ainda ressalta mais uma vez o Chefe Nacional, Plínio Salgado.

A voz do Chefe Nacional anunciou que diríamos uma palavra nova ao mundo. Nenhum Integralista duvida que o que o Chefe diz se realiza; mas nenhum Integralista pensou que isso se realizasse tão depressa. Antes de conquistarmos o poder, de pormos em pratica as nossas idéas, de tornarmos o Brasil a Grande Potencia que sonhamos, eminentes figuras da intellectualidade uruguaya reconhecem que somos já um "impulso creador", um "dynamo" que espalhará "um vasto movimento integralista nos demais paizes do nosso continente" (BARROSO, 1935, p. 14)²⁷.

Outro contato entre os uruguaios e brasileiros pode ser encontrado na edição do jornal *A Offensiva* de 27 de Fevereiro de 1936. A nova publicação sobre o grupo nacionalista do sul aconteceu em meio a outros artigos publicados durante o referido mês, que tratavam da quebra de relações diplomáticas entre Uruguai e União Soviética. Mais uma vez Gustavo Barroso publicou um texto com notícias do movimento corporativista uruguaio.

Desta vez, o texto, intitulado "O Integralismo e a opinião mundial", fez um apanhado das notícias sobre o Integralismo publicadas em meios de comunicação de outros países. Após exaltar o fato de o movimento brasileiro causar interesse em outras partes do planeta, Barroso iniciou escrevendo sobre o movimento corporativista uruguaio e a revista *Corporaciones*.

²⁶ O Integralismo e a América. *A Offensiva*, ano 2, n° 71, 21 de novembro de 1935, p. 14.

²⁷ Idem, *Ibidem*.

Barroso noticiou que *Corporaciones* divulgou em dezembro de 1935, de forma integral e traduzido para o espanhol, o Manifesto de Outubro de 1932, algo bastante interessante na análise das relações entre estes movimentos. Os líderes de *Corporaciones*, segundo consta na própria revista, obtiveram acesso ao conteúdo do Manifesto de Outubro através de um livro de Barroso, “O que o Integralista deve saber”, e resolveram então publicá-lo para conhecimento uruguaio.

Barroso transcreveu um trecho, que atribuiu à publicação uruguaia, em que o Manifesto de Outubro é exaltado:

Página bella, hondamente humana y mas hondamente sentida, “Corporaciones” honra sus columnas dando cabida em ellas al vibrante manifesto con que Plínio Salgado se dirigiera a la juventud de su pátria haciendo um llamado a las massas incontaminadas por la baja politiqueria, como así mismo por las tendências disolventes que caracterisan ciertos movimientos extremistas, reclamando la unión de todos los hijos de la gran Democracia Norteña para que el Brasil sea, en aras del principio corporativo, la antorcha que em unión de sus hermanas de América, ilumine el mundo em las oscuras horas que vivimos. Traducido por esta dirección del portugues, hemos querido hacerlo lo mas literalmente posible para que no perdiera nada deu belleza, valentia y sinceridad. Estamos seguros que los lectores de “Corporaciones” nos agradecerán este esfuerzo (BARROSO, 1936, p. 2)²⁸.

Apesar das belas palavras escritas pelo corporativismo uruguaio ao se referir ao Integralismo brasileiro, após a formação oficial da Acción Revisionista del Uruguay, não é possível encontrar mais em *A Offensiva* nenhum novo registro de contato entre os dois movimentos.

Pelo Integralismo, Barroso foi, sem dúvida, o principal responsável por manter vivo este intercâmbio entre os dois movimentos nacionalistas. É possível detectar com clareza que, além das matérias no jornal brasileiro, havia trocas de correspondências entre os envolvidos, com intercâmbio de ideias e produções, tanto uruguaiais, quanto brasileiras. O fato de ser justamente Gustavo Barroso o principal interlocutor nos fez refletir sobre a hipótese do autor brasileiro ter sido o escolhido pelos uruguaiois justamente pelo seu ferrenho antissemitismo, algo presente em grande parte das outras publicações uruguaiais já apresentadas. Contudo, não acreditamos que este tenha sido o fator mais importante, tendo em vista que, apesar de em alguns momentos transparecer o seu antissemitismo, os textos de Barroso em *Corporaciones* não são tão pesados a este respeito. É fato, talvez o mais relevante, que o intelectual brasileiro

²⁸ O Integralismo e a opinião mundial. *A Offensiva*, ano 2, nº 115, 27 de Fevereiro de 1936, p. 2.

se debruçou algumas vezes para analisar movimentos estrangeiros no contexto do fascismo internacional e isto o fez se aproximar de outras agremiações da América do Sul. Gustavo Barroso também era um escritor conhecido, o que facilitaria seu contato com outros intelectuais do continente.

3.2.2 O roteiro uruguaio: O Integralismo na revista *Corporaciones*

Ao longo de toda a sua existência, composta por 16 edições, a revista *Corporaciones* vivenciou três fases, conforme vimos no capítulo anterior. Da análise destas fases foi possível captar mudanças na linha editorial do grupo que conduzia a publicação.

Nas páginas da revista uruguaia foi possível encontrar diversos artigos relativos ao caso espanhol, a movimentos na Argentina, ao Fascismo italiano, inclusive com textos com teor de propaganda do regime de Mussolini e também sobre a Alemanha de Hitler, textos estes, em algumas ocasiões, envolvendo a figura de Adolfo Agorio, declarado simpatizante do regime de Hitler. O Führer, inclusive, teria respondido a um artigo do intelectual uruguaio publicado na revista.

Contudo, apesar das aproximações com outros grupos, movimentos e Estados fascistas na Europa ou na América do Sul, nenhum grupo estrangeiro obteve maior presença em *Corporaciones* do que o Integralismo e seu intelectual predileto pelos revisionistas: Gustavo Barroso. Isso é perceptível na contagem numérica das publicações, sendo o Integralismo o que mais aparece, seguido de notícias e análises sobre a Alemanha nazista.

Ao todo, cinco das dezesseis edições continham textos sobre os integralistas. Na edição de número 3 do periódico, nada menos do que cinco textos sobre a AIB foram publicados, o que é um número bastante expressivo.



Imagem 6 – Revista *Corporaciones* com grande número de textos sobre o Integralismo.
 Fonte: *Corporaciones*, ano 1, nº 3. Montevideú, Janeiro de 1936, capa.

A primeira publicação de um artigo sobre a Ação Integralista Brasileira em *Corporaciones*, contudo, se deu em seu segundo número. O texto “Doctrina Integralista, concepción del universo y del hombre” foi extraído da obra de Gustavo Barroso, “O que o Integralista deve saber”, e é, nada mais nada menos, do que o Manifesto de Outubro, escrito por Plínio Salgado e transcrito na íntegra na revista. A publicação de um texto desta envergadura e tão simbólico para o Integralismo, logo na segunda edição, é sintomático no estabelecimento de uma parceria e de um olhar de possível exemplo a ser seguido, como revela o próprio trecho introdutório do artigo, publicado pelos editores:

Tomamos de notable libro ‘O que o Integralista deve saber’ del destacado escritor brasileño Gustavo Barroso, el brillante maifiesto que a la republica hermana del norte lanzara Plínio Salgado y cuya lectura encarecemos a todos los habitantes del país (*CORPORACIONES*, 1935, p. 74)²⁹.

²⁹ Doctrina Integralista, concepción del universo y del Hombre. *Corporaciones*, ano 1, nº2, dezembro de 1935, p. 74.

Essa primeira aparição de Barroso e da AIB é extremamente relevante, pois o Manifesto de Outubro traz alguns pontos fundamentais da doutrina integralista, para que os uruguaios tenham conhecimento. Entre os temas abordados estão questões como: o que o Integralismo entende por nação, como será a eleição dos dirigentes e ainda como as pessoas estarão organizadas através de suas profissões. Demonstra a confiança em um partido único para a não divisão do país. Nas linhas do Manifesto ainda foi possível observar críticas que caíam como uma luva no espírito revisionista daqueles intelectuais, como a crítica que se referia à burguesia brasileira que, segundo o documento, estava acostumada com os péssimos costumes das civilizações moribundas dos Estados Unidos e Europa. O Integralismo, portanto, combate o cosmopolitismo e a influência estrangeira, não significando, que exista má vontade com as nações amigas.

A terceira edição do periódico, já citada, é a que foi possível encontrar o maior número de textos sobre o Integralismo. Gustavo Barroso mais uma vez é o mais citado e transcrito. O primeiro artigo encontrado é “El Integralismo definido por Gustavo Barroso”. No texto, o líder integralista brasileiro argumenta que a revolução fascista começa através de uma revolução interior, algo que poderia perfeitamente caber dentro do revisionismo. Barroso deixa claro a negação à revolução liberal e socialista. Reafirma que a maior revolução de todos os tempos foi o cristianismo e confirmou o papel da espiritualidade dentro da doutrina integralista, algo que considera original: “de todos los movimientos fascistas del mundo actualmente, es el que contiene mayor dosis de espiritualidade” (BARROSO, 1936, p. 83)³⁰. Essa aproximação com o cristianismo, não há dúvidas, agradava os componentes que gestavam ainda de forma incipiente este novo grupo uruaio.

Outros três textos presentes na revista foram escritos por Barroso, dois deles retirados de obras do escritor brasileiro. O primeiro da obra “O Integralismo de norte a sul”, e diz respeito a um discurso feito por Gustavo Barroso na Associação Comercial de Campos, em Setembro de 1933. O texto traz novas menções ao estado soviético e desta vez deixa transparecer o antissemitismo do autor. Desfaz do liberalismo e do socialismo, classificando o liberalismo como uma teoria morta. O outro texto é retirado do livro “O Quarto Império”, e mais uma vez é possível notar um moderado antissemitismo no escrito de Barroso, encontrado em *Corporaciones*. Classifico-o como “moderado”, se comparado a outros escritos do autor e a outros periódicos uruguaios desta linha editorial. A manchete para o artigo é “paraffos brillantes de su libro ‘El cuatro imperio’”. Barroso defende que é tempo de uma nova

³⁰ El Integralismo definido por Gustavo Barroso. *Corporaciones*, ano 1, nº3, janeiro de 1936, p. 83.

revolução cristã, de um quarto império sobre a humanidade e que o Integralismo se propõe a fazer isso, daí o seu caráter mais espiritualista.

Outro texto do intelectual brasileiro impresso em *Corporaciones* na edição número três é anunciado pela publicação da Banda Oriental como feito especialmente para o informativo e leva o título de “El Integralismo brasileiro”. No artigo, Barroso defende que o Liberalismo foi a revolução do século XVIII, o comunismo a do século XIX e o Integralismo seria a do século XX. O líder integralista defendeu também que nacionalismo não é xenofobia e traçou as diretrizes de como seria um Estado Integralista.

Além dos textos de Gustavo Barroso, tanto as compilações, quanto o feito especialmente para a revista, o próprio Adolfo Agorio, o intelectual mais respeitado do grupo, escreveu um texto sobre o Integralismo intitulado “Los hombres del Integralismo – Gustavo Barroso”. Agorio teceu grandes elogios ao escritor brasileiro e também reconheceu a liderança de Plínio Salgado. O intelectual uruguaio também escreveu sobre o americanismo da doutrina integralista e da busca pelas raízes locais do movimento. Outro trecho importante do artigo é o que demonstra, mais uma vez, a troca de cartas entre Agorio e Barroso. Em uma destas correspondências, Barroso afirmou a Agorio que se quiser buscar as raízes do Integralismo que seja em Simón Bolívar e não em Adolf Hitler e Benito Mussolini. Bolívar também era mencionado pelos líderes corporativistas uruguaiois como figura importante, especialmente por Teodomiro Varela de Andrade, que o classificava como gênio tutelar da América. Esse culto a Bolívar era uma forma de descaracterizar a influência ideológica europeia nos dois grupos, reafirmando suas posições de grupos nacionalistas americanistas e também não deixa de ser algo que aproximava os dois grupos, ou seja, mais um motivo para solidariedade entre as partes.

Contudo, é no último parágrafo que vem a mais importante parte do texto, quando Agorio faz votos que o contingente integralista aumente para que o grupo brasileiro possa influir ainda mais no seu país e na própria unidade da América, como podemos perceber neste trecho:

Esperamos, pues que el Integralismo em cuyas filas se suman ya cuatrocientos mil adherentes, pueda movilizar pronto a um millón de voluntários de la nova idea de elevación humana por el culto de trabajo, a fin de influir, no sólo en el resurgimiento del Brasil, sino también en la causa de la unidad de América (AGORIO, 1936, p. 84)³¹.

³¹ Los Hombres del Integralismo, Gustavo Barroso. *Corporaciones*, ano 1, nº 3, janeiro de 1936, p. 84.

Esta passagem do artigo escrito por Agorio deixa transparecer de forma bem evidente que os revisionistas uruguaios, ou pelo menos sua figura principal, acreditavam que uma vitória dos integralistas no Brasil poderia significar um avanço na possibilidade de vitória no Uruguai.

Ainda nesta mesma edição, os editores fazem uma pequena nota sobre essa aproximação de Agorio e Barroso e agradecem a oportunidade de poderem publicar textos do líder brasileiro. O que ficou claro nestas publicações é o fato de que Barroso e Agorio se comunicavam de forma direta através de correspondências e que ambos conheciam as obras do intelectual estrangeiro, fato que mais adiante será retomado.

No quarto número de *Corporaciones* mais um texto de Gustavo Barroso pode ser encontrado, com o título “Dice Gustavo Barroso”. O artigo fala sobre justiça social e alega que tanto o liberalismo quanto comunismo falharam e que, portanto, agora seria a chance do Integralismo. Barroso rechaça a ideia de que estão sendo retrógrados e acusa o comunismo e o liberalismo de serem formas de escravidão. Pode-se notar a reprodução de um texto com tom bem anticomunista e antiliberal com pesadas críticas, o que é sintomático.

Na sexta edição da revista corporativista aparece pela primeira e única vez um texto assinado pelo Chefe Nacional do Integralismo, Plínio Salgado: “El último Occidente”. O artigo foi publicado originalmente, segundo o periódico uruguaio, na revista Panorama nº1, do Rio de Janeiro, e é bastante extenso. O fato de as lideranças responsáveis por *Corporaciones* terem acesso a este texto mostra mais uma vez o grau de relacionamento entre os uruguaios e brasileiros. Em suas linhas, Salgado aborda a América Latina e seus destinos. Remonta o sonho de Bolívar de uma América integrada e que esta luta do libertador da América não teria sido estéril. O Chefe da AIB afirma que agora o desafio é libertar o continente do jugo europeu e de seus costumes, argumento que também servia ao movimento corporativista uruguaio. O texto de Plínio não é imperialista, no sentido de ser o Integralismo solução para todas as nações vizinhas e não aborda nenhum futuro integralista para o continente, algo que Salgado falou e escreveu em outras oportunidades. Provavelmente, pode-se creditar ao fato de não transparecer nestas linhas de forma contundente este “inevitável” destino imperial do Integralismo, um dos motivos para a publicação do artigo. Plínio afirma apenas que o Integralismo é um herdeiro da luta de Simón Bolívar, que seria, portanto, libertar a América, exaltação esta que também é possível encontrar em textos das lideranças do revisionismo, especialmente Varela, já citado.

A oitava de dezesseis edições de *Corporaciones* é a última que traz informações e textos sobre a Ação Integralista Brasileira e é neste número que algumas importantes

aproximações podem ser observadas. O primeiro artigo é intitulado “Integralismo, fascismo y nazismo”, que foi extraído do livro “Integralismo e o mundo”, de Gustavo Barroso e traduzido especialmente para *Corporaciones*. Neste texto, publicado originalmente em uma obra extensa que trata sobre diversos movimentos deste agrupamento político e que será vista mais adiante por apresentar outras conexões entre os intelectuais aqui pesquisados, Barroso defende uma linha de aproximação entre estes grupos, argumentando inclusive que existem valores que extrapolam a nacionalidade e que podem ser defendidos em diversas nações do mundo. No texto, publicado em seu livro e em *Corporaciones*, Barroso defende:

Com reacción natural al materialismo y al internacionalismo disolvente, em todo el mundo aparecen movimientos basados en ideas eu se inspiran en um misticismo nacionalista. Son movimientos de síntesis que se contaponen al análisis llevado al extremo en todos los domínios y actividades de la vida por el espíritu del siglo XIX, hijo de la Reforma, de la Enciclopedia y de la Revolución Francesa, - variando en cada país concorde con sus verdaderas realidades, resúmense básicamente por sus principios comunes. De ahí sus semejanzas. El que primero que se manifesto triunfante fué el fascismo italiano bajo la dirección de Benito Mussolini; de ahí que se llaman ‘fascismos’ todos los movimientos similares a aquel (BARROSO, 1936, p. 15)³².

Em outro trecho do artigo, o autor brasileiro demonstra as particularidades entre os casos brasileiro (Integralismo), alemão (Nazismo) e italiano (Fascismo), algo que aponta para a reafirmação do sentido de originalidade do grupo e também de um sentimento americanista que é compartilhado pelos revisionistas.

No entanto, este não foi o único texto extraído do livro “Integralismo e o mundo”. Outro artigo também foi reproduzido, em português, onde Gustavo Barroso tece comentários sobre o corporativismo na seção “Fascismo no Uruguay”. Neste artigo, encontramos muitos elogios ao movimento corporativista e a revista *Corporaciones*, bem como foi encontrado alguns dos temas mais relevantes do corporativismo na Banda Oriental.

Os editores da revista uruguaia agradecem ao escritor brasileiro pelo espaço no livro, que não foi apenas este. Adolfo Agorio prefaciou este livro de Barroso, mostrando que ambos se conheciam e admiravam o trabalho um do outro, embora seja necessário levar em consideração que o prefácio de Agorio se trata de um texto falando sobre os homens do integralismo. O livro “Integralismo e o Mundo” será tratado adiante, por se tratar de uma peça chave para este estudo. Na edição feita pela revista é possível observar, no último parágrafo

³² Integralismo, Fascismo y Nazismo. *Corporaciones*, ano 1, n° 8, Outubro de 1936, p. 15.

deste artigo, a seguinte mensagem de agradecimento: “Corporaciones agradece igualmente la gentileza tenida para con nosotros en las sentidas líneas com que nos dedica su bien documentado libro” (*CORPORACIONES*, 1936, p. 51)³³.

Na seção bibliográfica do informativo, os revisionistas acusam o recebimento da revista integralista *Panorama*, que tem como diretor Miguel Reale. Mais uma vez o tom editorial é de aproximação, elogiando o revisionismo que a juventude integralista traz para o ressurgimento da América.

A extensa maioria dos textos que foram publicados em *Corporaciones* sobre o Integralismo, como foi possível perceber, são artigos de autores brasileiros, especialmente Barroso. Poucas vezes o texto sobre o Integralismo foi produzido por um revisionista. Contudo, é necessário levar em conta que quem escolhia os textos eram os editores uruguaios, que faziam o recorte e publicavam os artigos, com os quais mais se identificavam.

Sem dúvida, os membros que editavam e organizavam a revista *Corporaciones* nutriam sentimento de solidariedade e respeito para com o Integralismo e isso é constatável pela quantidade de textos sobre o movimento vizinho, que em números, é superior aos textos sobre o fascismo italiano e o nazismo alemão. Existe uma evidente aproximação entre os dois grupos e seus principais intelectuais, principalmente no tocante a troca de experiências, obras e periódicos. Portanto, parece válido afirmar que no caso uruaio, o sentimento de solidariedade com os irmãos de ideias do norte parece ser superior.

Contudo, ao acercar-se do foco, é possível perceber que com a aproximação da fundação oficial da Acción Revisionista del Uruguay, o número de publicações sobre grupos estrangeiros diminuiu e com a AIB não foi diferente. A última importante referência na revista aconteceu na edição de número oito, quando, de acordo com a divisão que foi aqui proposta para o periódico, estava se iniciando a segunda parte de sua existência. E a diminuição vale para outros movimentos também: o que se percebe é a mudança de foco do internacional para o nacional.

Depois que *Corporaciones* se tornou o órgão oficial da Acción Revisionista del Uruguay, não houve nenhum contato oficial divulgado e nenhum texto incorporado à revista. Essa mudança de postura nos leva a seguinte possível conclusão: houve um distanciamento em busca de uma maior identificação nacional com o leitor e possível ingressante ao movimento, tentando arregimentar novos componentes com um nacionalismo mais efervescente. Como um grupo novo, os revisionistas precisavam se autoafirmar perante

³³ O Corporativismo. *Corporaciones*, ano 1, nº 8, outubro de 1936, p. 51).

aqueles intelectuais e membros da elite para os quais voltavam suas atenções. Essa necessidade levou, portanto, a um afastamento com grupos, movimentos e partidos estrangeiros, ao menos de forma visível nas páginas da revista que publicavam. Neste raciocínio, não se pode deixar de evidenciar que, inclusive, houve acusações de que os revisionistas estavam sendo pagos e estimulados pelo partido nacional-socialista. Uma destas acusações foi feita por Hugo Fernandez Artucio, na obra “Nazis en el Uruguay”, publicada em 1938.

(...) en nuestra tierra, el nazism procuro también tener a su servivio um movimiento “nacionalista”, pronto a obedecer a sus dictados. Esse movimiento fué bautizado con el nombre de agrupación o partido “Revisionista”, que pretende ser el “partido único” o “partido de la pátria” (ARTUCIO, 1938, p. 84).

3.3 Entre diferenças e similitudes: Existiu solidariedade ou concorrência?

Apesar dos dois movimentos exporem um corpus doutrinário próximo, que os uniam em torno de um ideal até certo ponto conexo, e de inimigos comuns que aparentemente estão em proximidade, é extremamente importante compreender que tanto o Integralismo quanto o Revisionismo uruguaio se formaram em contextos locais diferenciados, com situações específicas não só no plano econômico, mas também no político e social. Esta visão, defendida por João Fábio Bertonha, é extremamente relevante para entendermos que dentro destes movimentos, havia sim, muitas vezes o sentimento de unidade, ao mesmo tempo em que a diversidade era um traço comum.

É importante deixar claro que havia grande diferença entre os dois principais movimentos aqui expostos. Estas diferenças têm de ser levadas em conta em um trabalho como este, que analisa dois grupos distintos de países distintos. Como foi possível perceber no tópico sobre a internacional fascista, a convivência harmoniosa entre grupos deste viés ideológico de países diferentes não foi sempre amistosa.

Como demonstrado, tanto em *Corporaciones* quanto em *A Offensiva*, os dois movimentos tratavam o outro com toda a cordialidade e afinidade. Neste caso, com maior ênfase para os corporativistas uruguaio que, em proporção, deram infinitamente mais espaço para o irmão maior do norte em seu informativo. As similitudes entre os dois movimentos são maiores do que as diferenças e o que transpareceu, através dos contatos, é que houve um alto grau de solidariedade e de identificação

É impossível precisar o exato grau de aproximação, mas a julgar nos primeiros meses de contato foi bastante grande. Agorio, Varela de Andrade e Bauzá se espelharam em Gustavo Barroso, principal articulador destes contatos, através de cartas, correspondências, artigos enviados, recebidos e publicados.

Contudo, aqui se faz necessário articular a crítica ao documento estudado e não apenas observar o que nele consta. É fato, como já escrito, que existiu um contato solidário entre os grupos. Mas também é relevante que se entenda que ambos os grupos utilizaram estes contatos como forma de autoafirmação dentro da atmosfera política que se encontravam. Neste sentido, corporativistas uruguaios se valeram muito mais desta estratégia e utilizaram diversos textos integralistas que corroboravam com certos ideais que tentavam propagar no Uruguai. O Integralismo já era em 1935 um movimento de massas, altamente organizado e utilizar isso como referência, quando se quer crescer em outro país é extremamente aceitável. Isso também contribui para explicar porque os revisionistas uruguaios utilizaram mais os integralistas do que o contrário.

O próprio Integralismo procurava sempre demonstrar que havia outros irmãos pelo planeta, como no livro “O Integralismo e o Mundo”, de Gustavo Barroso, publicado pela primeira vez em 1936. Neste livro, o autor demonstra as diferenças entre Integralismo, o fascismo italiano e o nazismo. É possível encontrar, também, diversos movimentos, que na visão de Barroso, se congregam dentro da família fascista, entre eles, movimentos oriundos da Argentina, como a Legião Cívica, do Chile, do México, do Peru e do Uruguai, onde aponta o Corporativismo como o fascismo naquele país. No livro, Barroso publica um trecho de um discurso de Bauzá, um dos líderes revisionistas, e ressalta que o Corporativismo é manifestação dos ideais nacionalistas modernos naquele país do sul. Barroso ressalta também as intenções dos corporativistas uruguaios:

O movimento corporativista uruaio pretende agrupar todos os trabalhadores nacionais, afim de defende-los. É um “santo apostolado”, escreve Bauzá, que enfrentará os mais graves problemas para assegurar o bem-estar da nação. Ele entende que o sistema corporativo poderá reunir milhares e milhares de uruguaios, como forma mais racional de agrupamento dos homens, produzindo uma forma também mais racional de governo capaz de impor ordem, disciplina e patriotismo, “típico de valores” sobre o qual se deve alicerçar a nova doutrina (BARROSO, 1937, p. 205).

A publicação sobre o movimento uruaio no livro de Barroso rendeu a transcrição do trecho na revista *Corporaciones*, conforme anteriormente visto. Entretanto, esta não é a única aproximação interessante entre os uruguaios e os brasileiros que está presente na obra.

No prefácio deste importante livro do intelectual integralista é possível encontrar um texto do maior nome dos revisionistas uruguaios, o sociólogo Adolfo Agorio. O artigo é intitulado “Os Homens do Integralismo” e foi publicado originalmente em *Corporaciones*, em janeiro de 1936. A aparição deste texto como prefácio da obra de Barroso é um indício contundente do entendimento e do conhecimento que os dois movimentos e seus líderes tinham entre si, além do respeito entre Agorio e Barroso. Segundo Agorio:

Entre os espíritos mais representativos do Brasil contemporâneo, Gustavo Barroso se revela em traços fortes. Ao lado de Plínio Salgado, prodigioso animador do Integralismo e Chefe Supremo das hostes organizadas para completar a obra dos heróis da Independência, libertando o povo do Ipiranga das oligarquias financeiras do estrangeiro, Gustavo Barroso constitui, não só uma expressão do pensamento de fé no destino da América, como o vigoroso sentido crítico que anula todos os ensaios de imitação servil das causas da Europa (AGORIO apud BARROSO, 1937, p. 7).

Nas duas aproximações estudadas no jornal *Integralista*, que tratam sobre os uruguaios, é possível perceber também a utilização, por parte de Barroso, do movimento no sul como forma de legitimar o discurso do Chefe Nacional, Plínio Salgado, sobre o futuro glorioso do Integralismo e de sua expansão para os países da América.

Neste contexto, é intrigante o fato de cessarem os contatos públicos a partir da formação da *Acción Revisionista del Uruguay*, em 1937. No caso uruguaio, é perceptível a mudança de direção da revista, diminuindo os artigos sobre os temas estrangeiros, no início usados para mostrar a força conceitual da ideia que defendem, para os temas nacionais, que poderiam trazer mais adeptos ao movimento.

O nacionalismo, portanto, base comum nas duas doutrinas, aparece neste sentido como fator de distanciamento entre os dois movimentos. Em outro periódico uruguaio, *Frágua*, datado de 6 de julho de 1938, é possível perceber que o Integralismo despertava receio em um deputado argentino chamado Dickman, que segundo a publicação era judeu e fez uma afirmação mentirosa sobre a AIB em pleno congresso argentino. Segundo o Deputado, o programa integralista tinha reivindicações territoriais que incluiriam todo o território do Uruguai e que isso estaria implícito no desenho do símbolo integralista, com a letra grega Sigma se espalhando pelo território brasileiro até o Uruguai (*FRÁGUA*, 1938, capa)³⁴.

³⁴ *Frágua destruye la gran mentira del judío Dickman. Frágua*, ano 1, nº 4, 6 de julho de 1938, capa.

Apesar de *Frágua* não estar diretamente dentro do recorte aqui apresentado, sua utilização não poderia ser negligenciada. Primeiro, porque de todos os periódicos pesquisados no Uruguai, já citados, *Frágua* foi o único onde foi possível encontrar algo sobre o Integralismo, com a exceção de *Corporaciones*. Segundo, porque a data da publicação chama a atenção: julho de 1938, quando a AIB já estava praticamente desmantelada. Terceiro, e o principal para efeitos desta pesquisa, é que uma declaração destas poderia repercutir de forma muito negativa entre os uruguaios, afastando-os, definitivamente, dos ideais integralistas apresentados pelos intelectuais uruguaios. Por isso, o veemente desmentido do informativo revisionista *Frágua*, comandado por Leslie Crawford, que também já havia participado da revista *Corporaciones*.

Outro documento que mostra o contato entre o Integralismo e outro movimento uruguaio, o *Acción Nacional*, não foi localizado em *A Offensiva* e nem no periódico *Audácia*, editado pelo grupo uruguaio. Este trecho foi encontrado no arquivo de Rio Claro e mostra uma aproximação entre o Integralismo e este movimento, que, contudo, não foi expressa nas fontes primárias estudadas em ambos os grupos. Diz a passagem:

Os contatos, contudo, iam além da troca de cartas e jornais. Em 21/8/1937, um representante da *Acción Nacional* escreveu à Secretaria Nacional de Relações com o Exterior (SNRE) do integralismo para agradecer a mensagem elogiosa enviada pelo seu chefe, Antonio Gallotti, ao movimento. A mensagem de Gallotti, encaminhada pelo representante da *Acción Nacional* no Brasil, Sapriza Carrau, teria sido lida em Montevideu na presença do chefe integralista do Rio Grande do Sul, Nestor Contreira Rodrigues, o qual teria dado uma conferência na sede do movimento. Os uruguaios se apressavam a reconhecer a liderança integralista na luta dos movimentos nacionalistas do continente (Arquivo de Rio Claro, Fundo Plínio Salgado, PI 37.08.21/).

O final deste fragmento demonstra uma afinidade maior entre os grupos e o reconhecimento do Integralismo como líder dos movimentos nacionalistas do continente, em uma aparente demonstração de que o nacionalismo, neste caso, foi superado pela solidariedade ideológica.

O Integralismo nunca definiu muito bem como seria sua atuação com os outros países e como seria a construção do sonho de Bolívar para a América. Nesse sentido, Plínio Salgado foi muitas vezes ambíguo. Em novembro de 1935, por exemplo, defendeu a construção de uma fraternidade universal através do internacionalismo como um “entrosamento entre as nações”, que em nada teria haver com o comunismo, pois estaria

respaldado em valores étnicos e de reciprocidade econômica. Neste mesmo discurso reafirmou que o Integralismo transpassaria a fronteira nacional.

(...). Somos a alvorada de um mundo novo. Somos o Ultimo Occidente. Mais do que a mudança de um regimen e de uma civilização, somos o início de uma Epoca. Nossa ambição ultrapassa os limites da historia do Brasil, porque temos a pretensão de escrever muitas paginas da Historia Universal (...) (SALGADO, 1935, capa)³⁵.

Até que ponto podemos entender este discurso de Salgado como uma evocação ao espírito internacionalista dos povos? Ou seria apenas um pensamento expansionista da doutrina do Sigma da qual o autor da frase era o Chefe? Parece-nos que o discurso está mais para o sentimento imperialista do que internacionalista, ou seja, uma autoafirmação nacionalista do internacionalismo dos integralistas. A originalidade reivindicada por cada movimento fascista nacional também contribui para a competição entre eles e, no caso específico desta afirmação, esta característica fica bem evidente.

O Chefe Nacional do Integralismo por algumas vezes afirmou que, antes mesmo de chegar ao poder no Brasil, já era necessário ganhar a confiança dos irmãos sul-americanos e, em seus discursos e textos, várias vezes mencionou o destino continental do movimento Integralista. Chegou a dizer que a América Latina estava destinada a se erguer em uma confederação de Estados Integralistas, muito embora nunca tenha se debruçado a explicar como se daria esse movimento e como seria sua organização. Para mais uma vez ilustrar esta visão integralista relacionada aos seus vizinhos, transcrevo mais um discurso de Plínio Salgado, desta vez realizado em São Paulo, quando o mesmo se pronuncia sobre o sentido continental do movimento.

Referindo-se ao sentido apostolar e continental do movimento, diz que, este anno, assim como em outubro de 1932 foi lançado um manifesto ao povo brasileiro, também será lançado um manifesto aos povos sul-americanos, á mocidade da América Latina, porque o Integralismo objectiva uma politica de grande amplitude continental. Explica então, que o sonho de Bolivar, a união da America terá de ser realizado pelo Integralismo (SALGADO, 1935, p. 6)³⁶.

Em outro discurso, transcrito em novembro de 1935, Salgado mencionou que espera que os países sul-americanos sejam tão fortes quanto o Brasil na luta por um mal maior, que

³⁵ O discurso do Chefe Nacional no Congresso de São Paulo. **A Offensiva**, ano 2, nº 77, 2 de Novembro de 1935, capa.

³⁶ A palavra de ordem. **A Offensiva**, ano 2, nº 46, 30 de Março de 1935, p. 6.

no caso específico de seu discurso, era o capitalismo internacional. Contudo, lembrou que espera a união em busca de um rumo próprio, que sem dúvida nenhuma, para Salgado, deve ser pautado dentro das bases conceituais do Integralismo.

Devemos ser fortes para não temermos infantilmente. Queremos uma Argentina, um Chile, um Paraguay, uma Bolivia, etc., tão fortes quanto o Brasil, porque então diremos ao capitalismo internacional que somos livres e soberanos, unidos e marchando num grande rumo próprio. (SALGADO, 1935, capa)³⁷.

Como esse tipo de declaração repercutia em outros países? No caso específico do Uruguai, como os grupos corporativistas entendiam este tipo de afirmação? Seria de alguma forma aceitável acreditar que esses grupos viam o Integralismo com suspeita, ou que poderia ser uma ameaça em um cenário em que estes movimentos conseguissem assumir o poder nestes países?

Embora tenham cessado as comunicações disponíveis nos principais periódicos do grupo, não se pode afirmar com base apenas nisto que a *Acción Revisionista del Uruguay* enxergava o Integralismo com suspeita. A própria defesa dos integralistas, presente em *Frágua*, mostra que um ataque oriundo de outros setores da política forçava uma solidariedade dos irmãos de ideias. Esse tipo de declaração não levou a nenhuma preocupação exacerbada entre os uruguaios, pelo menos que tenha deixado transparecer nos meios estudados. A mudança de rumo de *Corporaciones*, apesar de sintomática, não pode ser tomada como uma prova factual de um comportamento nacionalista rivalizador.

É claro que é impossível saber, por motivos óbvios, como seria o relacionamento entre os Estados, brasileiro e uruguaio, no caso de uma chegada ao poder de ambos os grupos aqui pesquisados. Podemos apenas conjecturar sem a pretensão de chegar a uma previsão segura, levando em conta os estudos já consolidados sobre as relações inter-fascismos e principalmente suas doutrinas gerais e específicas. O que se pode afirmar é que as relações entre estes tipos de movimentos se pautam pelo nacionalismo e por sentimentos de solidariedade e competição, pois estão intrínsecos em sua ideologia. Sentimentos assim poderiam, contudo, levar os contatos entre eles a dilemas e conflitos insustentáveis ou a aceitação um pelo outro de uma condição subordinada, o que na teoria era inaceitável, mas na prática chegou a ocorrer, com as devidas ressalvas, na relação dos Estados e movimentos fascistas com o Estado fascista dominante a beira da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha.

³⁷ O discurso do Chefe Nacional no Congresso de São Paulo. **A Offensiva**, ano 2, nº 77, 2 de Novembro de 1935, capa.

Entre unidade e diversidade, entre similitudes e divergências, o que fica evidenciado através dos documentos apurados é que houve extrema relação de cumplicidade entre os movimentos, uruguaio e brasileiro, e que um se utilizou do outro como forma de legitimação dentro do contexto que estava inserido. Não houve, pelo menos de forma explícita, um embate entre os dois nacionalismos, algo que no estágio de organização onde se encontravam, principalmente o Corporativismo uruguaio, precisaria de mais alguns anos ou de uma mudança brusca de conjuntura para, talvez, acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação objetivou apresentar os diálogos e as relações entre a Ação Integralista Brasileira e os movimentos de extrema-direita uruguaios, em específico a *Acción Revisionista del Uruguay*, o principal e mais articulado movimento deste gênero no país vizinho.

Estas relações entre movimentos deste cunho político são pouco exploradas pela historiografia dos dois países. Quando a faceta da pesquisa não é voltada exclusivamente para o âmbito nacional, ela é dimensionada para o estudo das relações com os dois partidos fascistas que chegaram ao poder, na Itália e na Alemanha. Esses campos já estão bem delimitados em menor ou maior grau nos dois países aqui apresentados.

Visando contribuir para o aprofundamento deste debate sobre a relação entre esses movimentos, propomos esta pesquisa para entender como se dava a relação entre a AIB e seus irmãos de ideias no Cone Sul.

Dentro de um contexto mundial bastante conturbado, surgiram a Ação Integralista Brasileira e *Acción Revisionista del Uruguay*. A AIB conseguiu claramente maior sucesso, se transformando em um movimento de massas, com grande alcance nacional, com uma estrutura sólida, hierárquica e organizada; enquanto a ARU não conseguiu evoluir para tanto, ainda sendo muito incipiente sua participação na política daquele país, ainda mais se compararmos diretamente com a atuação e evolução da AIB.

Estes movimentos expressaram que tipo de sentimento um pelo outro? O Integralismo demonstrou, em geral, certa solidariedade com outros grupos do mesmo âmbito político pelo mundo a fora, conforme encontramos de forma rotineira nas páginas de *A Offensiva*. Esta solidariedade fica ainda mais perceptível, mesmo que às vezes de forma subliminar, quando percebemos a análise feita pelo informativo sobre a Guerra Civil Espanhola, em que o Integralismo se posicionou em evidente apoio ao General Franco e a Guerra da Abissínia, quando os membros da AIB aplaudiam cada vitória das tropas de Mussolini.

Esta solidariedade também é perceptível, em escala menor, nas páginas do informativo *Corporaciones*. A revista, principalmente em seus primeiros números, procurou demonstrar-se próxima de movimentos como a própria AIB e de governos como o caso da Alemanha. Adolfo Agorio defendeu a nova Alemanha que se erguia sob o comando de Adolf Hitler.

Esta aproximação com movimentos de fora de suas fronteiras mostrava certa busca por um sentido universal do movimento, como se procurassem demonstrar que o movimento que encabeçavam, tanto no Brasil quanto no Uruguai, fazia parte de um infalível curso da humanidade no século XX.

Podemos afirmar que, de acordo com as fontes pesquisadas, houve um sentimento de solidariedade entre os movimentos aqui estudados. O Integralismo via com bons olhos o movimento uruguaio e principalmente Gustavo Barroso procurou manter contato com as lideranças revisionistas. Barroso chegou a publicar no livro “O Integralismo e o mundo” um prefácio de autoria de Adolfo Agorio. Contudo, foram poucos contatos perceptíveis nas páginas do principal informativo do grupo brasileiro, *A Offensiva*.

Já o grupo que comandou o periódico *Corporaciones* demonstrou maior interesse em publicar textos sobre o Integralismo. Nas primeiras edições do informativo são vários os textos sobre o movimento brasileiro, a maioria deles escritos pelos próprios integralistas como, por exemplo, Plínio Salgado e principalmente Gustavo Barroso. Essa aproximação fica evidente, principalmente nos primeiros números, quando podemos afirmar que as reportagens sobre o Integralismo eram em maior número ou ocupavam maior destaque, do que as sobre a Itália ou Alemanha. Após o surgimento oficial da Acción Revisionista del Uruguay nenhum texto sobre o Integralismo voltou a ser publicado, conforme vimos no capítulo 3.

Esses contatos além de demonstrarem solidariedade entre estes grupos, também demonstraram a necessidade dos movimentos em se autoafirmarem perante a sociedade em que buscavam alicerçar-se. Isso é verdadeiro principalmente no caso uruguaio, onde, na tentativa de se legitimar, o grupo liderado por Bauzá, Varela de Andrade e Agorio, no início de sua jornada procurou demonstrar que existia no Brasil um movimento grande e vigoroso com ideais corporativos muito semelhantes ao que defendiam os revisionistas. Assim como o grupo brasileiro, pareciam entender o sentido de fazer parte de um movimento maior na América. Já os integralistas também demonstram este sentimento, entretanto em menor grau, já que mantinham contatos com diversos outros grupos.

Contudo, apesar de podermos dizer que houve um bom relacionamento, é preciso salientar que, sobretudo no caso do Integralismo, os movimentos procuravam evidenciar suas particularidades locais para não sofrerem da acusação de serem uma mera cópia do Fascismo italiano e do nazismo alemão. Assim, embora procurasse mostrar afinidade com essa onda transformadora mundial, o Integralismo e, em muito menor grau, o revisionismo procuravam demonstrar as particularidades do movimento, por exemplo, o espiritualismo da doutrina, no caso da AIB.

Esse discurso de unidade e diversidade não foi meramente uma escolha oriunda do nacionalismo exacerbado das duas agremiações. É claro que este sentimento influenciou, porém, é preciso entender a conjuntura dos dois países para uma melhor análise e por isso que fizemos este exercício no capítulo 1. Tanto Uruguai quanto o Brasil viviam sob governos autoritários no período. No Brasil, em abril de 1935, foi decretada a Lei de Segurança Nacional, que pode ter feito a AIB se expressar de forma bem mais cautelosa sobre a solidariedade com movimentos no âmbito do fascismo internacional. Certo é que nenhum dos dois grupos queria ser vistos como meras reproduções de organismos estrangeiros, justamente porque isso se colocava como empecilho ao discurso nacionalista que defendiam e propagavam.

Estabelecer a natureza da relação entre a Ação Integralista Brasileira e a Accion Revisionista del Uruguay não foi uma tarefa simples. São movimentos com similaridades, mas também com importantes particularidades e que nasceram em conjunturas locais bastante distintas. Em que pese esta dificuldade, é possível afirmar que houve um sentimento de solidariedade e de união em torno de ideais muito próximos, como já externamos.

De forma explícita não houve nenhum momento de desentendimento ou de choque entre os dois nacionalismos. Apesar do nacionalismo exacerbado, é necessário levar em conta nesse sentido, que os dois países não foram e não são grandes rivais em disputas geopolíticas na região. Também é importante perceber que o Corporativismo uruguaio encontrava-se em um estágio muito incipiente. Assim, o sonho de Plínio de uma América Integralista não obteve repercussão negativa de forma a se transformar em uma aversão. Apesar de não haver embates, a Acción Revisionista del Uruguay, assim que se tornou um grupo, não publicou mais nenhum texto integralista e passou a estabelecer maiores relações com questões nacionais.

Nacionalismo exacerbado ou solidariedade? Unidade ou diversidade? Sentimento de pertencimento a uma nova família ideológica ou concorrência entre nacionalismos? Durante o desenvolvimento desta dissertação, procuramos responder a estas e outras perguntas sobre os movimentos deste cunho político no Brasil e no Uruguai. Evidenciamos os contatos estabelecidos entre a Ação Integralista Brasileira e a Acción Revisionista del Uruguay na busca de preencher uma lacuna nos estudos dos movimentos políticos deste gênero com o objetivo de ampliar a compreensão sobre a extrema direita regional, através de suas relações.

REFERÊNCIAS

ALDRIGHI, Clara; et al. **Antisemitismo em Uruguay** – raízes, discursos, imagens. Montevideo: Trilce, 2000.

ALPINI, Alfredo. *Uruguay en la era del fascismo*. In *Relaciones – Revista al tema del hombre*, nº 184, Setembro de 1999. Disponível em <<http://www.chasque.net/frontpage/relacion/9909/index.html>>. Acesso em: 5 set. 2011.

_____. **Uruguay: La revolución conservadora (1930-1940)**. In: **Relaciones – Revista al tema del hombre**, nº 221. Disponível em: <<http://www.chasque.net/frontpage/relacion/9909/index.html>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

ATHAÍDES, Rafael. **As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos**. Tese (Doutorado em História). 2012. 304 f. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

AYÇAGUER, Ana María Rodríguez. **Un pequeño lugar bajo el sol – Mussolini, la conquista de Etiópia y la diplomacia uruguaya (1935-1938)**. Montevideo: Banda Oriental, 2009.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **A ascensão da ação integralista brasileira (1932-1937)**. In: **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 6, n. 1/2/3, p.67-81, 2006.

_____. **Sob a sombra do eixo: camisas verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)**. 2007. Dissertação – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília.

BARROSO, Gustavo. **O integralismo e o mundo**. 2. ed - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

BARRAIN, José Pedro. **Los conservadores uruguayos (1870-1933)**. Montevideo: Banda Oriental, 2004.

BERTONHA, João Fábio. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. Fascismo de esquerda? Sobre a necessidade de revisão conceitual de um termo perigoso. **Revista Espaço Acadêmico**, Nº 142, ANO XII, 2013.

_____. **Fascismo, nazismo, integralismo**. Coleção História em movimento. São Paulo: Editora Ática, 2006.

_____. **Sobre a direita: estudos sobre fascismo, o nazismo e o integralismo**. Maringá: EDUEM, 2008.

_____. **Sobre fascismos e ditaduras: a herança fascista na formação dos regimes militares do Brasil, Argentina e Chile**, 2009. Manuscrito.

_____. **Um Império italiano na América Latina? Imigrantes, fascistas e a política externa “paralela” de Mussolini**. Manuscrito.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2001.

CAMOU, María M. **Resonancia del nacional-socialismo en el Uruguay**. Montevideo: Universidad de la Republica, 1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico (Orgs). **Tempo de Fascismos**: ideologia-intolerância-imaginário. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASAS, Lincoln R. Maiztegui. **Orientales** – Una historia política del Uruguay. Montevideo: Planeta, 2008.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSC, 1999.

CERVO, Amado Luiz; RAPOPORT, Mario (Orgs.). **História do Cone Sul**. Rio de Janeiro: Revan; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

DIETRICH, Ana Maria. Porta vozes de Hitler. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Ano 2, Nº 20, p. 22-23, SABIN, 2007.

FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário (1920-1940)**. São Paulo: Zahar, 2001.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses** – Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREGA, Ana, et al. **Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: Banda Oriental, 2008.

HOBSBAWM, Eric J. E. **Era dos Extremos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MILMAN, Luis; VIZENTINI, Paulo Fagundes (orgs.). Neonazismo, negacionismo e extremismo político. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

NAHUM, Benjamin; COCHI, Angel; FREGA, Ana; TROCHON, Yvete. **Historia Uruguay 9** – Crisis política y recuperación económica (1930-1958). Montevideo: Banda Oriental, 2011.

NAVARRO, Giannina Albertini. **La política exterior del Uruguay respecto a EE.UU durante la Segunda Guerra Mundial**, 2008. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&sqi=2&ved=0CDcQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.cerrii.org%2Fdescargas%2Fhrrii2-mon-Politica%2520Exterior%2520del%2520Uruguay%2520con%2520EEUU%2520durante%2520la%2520Segunda%2520Guerra%2520>

Mundial.doc&ei=_72-UM_cOLOI0QHZ9oHYBw&usg=AFQjCNE1ulLCnc0hJNWBVwuzOMV4DneUqA>. Acesso em: 23 out. 2010.

NETO, Lira. Getúlio. **Do governo provisório à ditadura do Estado Novo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ODONE, Juan. **Uruguay entre la depresión y la Guerra**. Montevideo: Fundação de Cultura Universitária, 1990.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História). 2009. 387 f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. **Perante o tribunal da história: o anticomunismo da ação integralista brasileira (1932-1937)**. Dissertação (Mestrado em História). 2004. 229 f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PASCHOALETTO, Murilo Antônio. **O integralismo e o mundo: uma análise das percepções internacionais do Integralismo a partir do jornal A Offensiva (1934-1937)**. Dissertação (Mestrado em História UEM). 2012. 216 f. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

_____. A Alemanha nazista retratada nas páginas dos órgãos da imprensa integralista Anauê!, Acção e A Offensiva (1932-1939). In: **Revista Urutágua**, nº 22, set/out/nov/dez, 2010.

PAXTON, Robert Owen. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. **O anti-liberalismo nos discursos de Gabriel Terra e Getúlio Vargas (1930-1938)**, 2005. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/h2-04.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2011.

SALGADO, Plínio. Manifesto de 7 de Outubro de 1932, 1932. In: **A Offensiva**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 512, p. 2, 13 jun 1937.

SCARZANELLA, Eugenia (compiladora). **Fascistas en América del Sur**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

SENTINELO, Jaqueline Tondato. **O negro e a nação integral por meio das páginas do periódico “A Offensiva”**. Dissertação (Mestrado em História UEM). 2011. 178 p. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SERRATO, Edgar Bruno Franke. **A ação integralista brasileira e Getúlio Vargas: antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945**. Dissertação (Mestrado em História UFPR). 2008. 219 p. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

TEIXEIRA DA SILVA, F. C. **Os fascismos**. In: **O Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 124.

TERRA, Gabriel (h). **Gabriel Terra y la verdad histórica**. Montevideo: Talleres gráficos Lagomarsino, 1962.

TRINDADE, Helgio. **Integralismo** - o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1979.

_____. **O Nazi-fascismo na américa latina**: mito e realidade. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

TROCHON, Yvete; VIDAL, Beatriz. **El regimen Terrista (1933-1938)**. Montevideo: Banda Oriental, 1993.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da America Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n.14, p. 13-29, jan./jun. 2013.

ARQUIVOS CONSULTADOS

Biblioteca Nacional de la República Argentina, Buenos Aires.

Biblioteca Nacional de Uruguay, Montevideo.

Centro de Documentação da Universidade Estadual de Maringá (CDO-UEM) – Maringá, Paraná.

FONTES JORNALÍSTICAS

ATENCIÓN, Montevideo (1938-1940).

AUDÁCIA, Montevideo (1936-1940).

BANDERA ARGENTINA, Buenos Aires, (1934-1939).

CORPORACIONES, Montevideo (1935-1938).

CRISOL, Buenos Aires (1932-1938).

EL ORDEN, Montevideo (1936-1937).

FRAGUA, Montevideo (1938-1940).

JORNAL A OFFENSIVA, números 1 a 748, Rio de Janeiro, 1934-1938 – Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa/Central de Documentação – Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR (fotografia digital).